

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

THAMIRIS ALVES DA SILVA

**MULHERES E CULTURAS PLURAIS MOÇAMBICANAS EM *NIKETCHE* DE
PAULINA CHIZIANE**

MARINGÁ
2019

THAMIRIS ALVES DA SILVA

**MULHERES E CULTURAS PLURAIS MOÇAMBICANAS EM *NIKETCHE* DE
PAULINA CHIZIANE**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras. Área de Concentração: Literatura. Linha de Pesquisa: Literatura e construção de identidades.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Alba Krishna Topan Feldman

**MARINGÁ
2019**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

S586m

Silva, Thamiris Alves da

Mulheres e culturas plurais moçambicanas em *Niketche* de Paulina Chiziane / Thamiris Alves da Silva. -- Maringá, PR, 2019.
161 f.

Orientadora: Profa. Dra. Alba Krishna Topan Feldman.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

1. Chiziane, Paulina, 1955 - . *Niketche*: uma história de poligamia. 2. Cultura moçambicana. 3. Mulheres - Literatura - Moçambique. 4. Identidade feminina - Literatura moçambicana. I. Feldman, Alba Krishna Topan , orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 23.ed. 801.95

THAMIRIS ALVES DA SILVA

**MULHERES E CULTURAS PLURAIS MOÇAMBICANAS EM NIKETCHE DE
PAULINA CHIZIANE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: **Estudos Literários**.

Aprovada em 08 de julho de 2019.

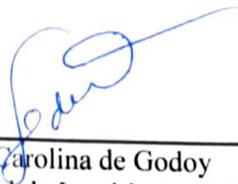
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Dr.^a. Alba Krishna Topan Feldman
Universidade Estadual de Maringá – UEM
- Presidente -



Prof.^a. Dr.^a. Roselene de Fátima Coito
Universidade Estadual de Maringá – UEM



Prof.^a. Dr.^a. Maria Carolina de Godoy
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Às minhas irmãs Renata e Fernanda, e meus irmãos Thiago e Diogo. Dedico-lhes esta pesquisa como forma simbólica do amor e da admiração que devoto a cada um. Nenhum personagem literário poderia se comparar ao heroísmo que representam para mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora e companheira Alba. Por todos os apontamentos, sugestões de leitura, saberes compartilhados, e pela confiança em mim e em minha pesquisa. Palavras nunca serão suficientes para expressar minha gratidão.

À minha família, por todo o apoio e amor contínuo. À minha mãe, Cecília. Pai, avô e avó (*in memoriam*), tios, tias, primos e primas. Agradeço a cada um pelas experiências, pelos ensinamentos que me nortearam até aqui e permanecerão sempre em meu coração. Especialmente, agradeço meus irmãos e irmãs: Renata, Fernanda, Thiago e Diogo. Sobre tudo agradeço suas influências em minha vida, certamente são responsáveis pelo ser humano que me tornei hoje. Agradeço imensamente pelo amor e pelo companheirismo que compartilhamos desde os momentos alegres até os mais críticos.

Ao Rafael Vitória Alves, que por mais que as áreas das Letras tenham nos separado, compartilhamos alegrias, dores, inseguranças e risadas desde a graduação. Agradeço os longos desabafos proferidos e recebidos, foram eles que deixaram a mensagem de que tudo ficaria bem, de que não estamos sozinhos. Também à Gabriela Baladeli, outra herança que a graduação concedeu, pelo carinho, pela amizade, pela paciência e compreensão com longos prazos de ausência e o curto tempo livre que poderiam nos distanciar. Entretanto, pode nos aproximar mais ainda. Agradeço a ambos por permanecerem ao meu lado, especialmente em momentos em que mais precisei. *I'll ALWAYS be there for you, guys.*

No mesmo sentido, à Janete Gonçalves dos Santos Masionato, que apesar da distância sempre se fez presente, uma pessoa prestativa, amável e muito companheira. Agradeço pela amizade, o carinho e por ser sempre uma inspiração.

Às amigas que a pós-graduação proporcionou, em especial: Gabriela Burgardt e Rosângela Cardoso. Amigas que agradeço diariamente ao universo por ter ligados nossos caminhos. A amizade desenvolvida nesses dois anos de mestrado foi tão intensa quanto a própria experiência acadêmica. Agradeço os ensinamentos, as vivências compartilhadas, o constante apoio e o carinho que evitaram que derramásemos (ainda mais) as Lágrimas da Pós.

Aos companheiros do GEMUP (Grupos de Estudos em Multiculturalismo e Pós-Colonialismo), pelos apontamentos e compartilhamento de saberes. Especialmente ao Luís Carlos Felipe, ao Luís Henrique Santos e à Marcela Batalini, que com suas experiências compartilharam de conhecimentos e conselhos, sem eles provavelmente não passaria por

diversas dessas fases. Da mesma forma, à Geniane Diamante Ferreira Ferreira, professora da graduação e depois companheira de GEMUP, quem me mostrou os caminhos desde as fases iniciais. Sou infinitamente grata a todos.

Aos professores tanto da Graduação quanto da Pós, por acima de tudo, não desistirem dessa profissão inigualável, mas tão desvalorizada. Em específico, agradeço à Professora Roselene de Fátima Coito quem deu início à minha trajetória acadêmica já na graduação. Meu carinho, gratidão e admiração tanto pela profissional quanto pela pessoa não possuem dimensão. Obrigada por tudo!

À Paulina Chiziane, por sua narrativa poderosa e empoderada. Por ilustrar o mundo feminino e moçambicano de forma extraordinária. Por sua escrita em forma de conversa que permite maior acessibilidade e ignora os moldes do cânone literário masculino e eurocêntrico. À Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Ana Maria Gonçalves, Miriam Alves, Maria Firmina dos Reis, Angela Davis, bell hooks, Maya Angelou, Audre Lorde, Toni Morrison, Alice Walker, Chimamanda Ngozi Adichie, Aretha Franklyn, Nina Simone, Beyoncé e Solange Knowles e tantas outras mulheres negras, seja no meio artístico ou político, que batalharam e traçaram o caminho para que outras pudessem trilhar. Agradeço por mim e por aquelas que estão por vir.

Ao Bruce, pelas distrações, carinhos e afetos que levo comigo o tempo todo para todo lugar, seja no coração, ou em forma de pelos agarrados nas roupas.

Ao Maycon, pela amizade e pelo apoio, pelo amor e pela paciência. Agradeço por acreditar no meu potencial, que eu mesma questiono. Obrigada por partilhar e proporcionar tantas experiências maravilhosas, momentos de alegria, e companheirismo nos momentos de superação. *Te adoro e você vem comigo aonde quer que eu voe.*

A todos, que de alguma forma me ajudaram a chegar até aqui.

“Você não pode, você não pode usar o fogo de outra pessoa. Você só pode usar o seu próprio. E para fazer isso, você deve primeiro estar disposto a acreditar que o tem.”

“You cannot, you cannot use someone else's fire. You can only use your own. And in order to do that, you must first be willing to believe that you have it.”

(Audre Lorde)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo abordar aspectos culturais, identitários e de gênero presentes no romance *Niketche: uma história de poligamia* da escritora moçambicana Paulina Chiziane, publicado no Brasil pela editora Companhia das Letras em 2004. O romance retrata a história de Rami, quando esta descobre que seu esposo Tony mantém relacionamentos extraconjugais ea partir de então, percorre diversas regiões de Moçambique em busca das mulheres que se relacionam com o marido. Adiante, une-se com elas para exigir que o esposo assuma a poligamia, regimento matrimonial aceito legalmente no país. A partir de tal feito, cria-se um laço afetivo entre as cinco mulheres que por conta dessa união encontram meios de resistência a mecanismos opressivos. Para tal análise, estudiosos da literatura pós-colonial e do colonialismo são utilizados como apoio, bem como, teóricos que se dedicam às questões de gênero e identidade. Dentre estes pesquisadores pode-se destacar Bill Ashcroft, Stuart Hall, Chandra Mohanty, Angela Davis, bell hooks, dentre outros. A partir de tais estudos, foi possível contemplar as formas pelas quais as tradições culturais em Moçambique, bem como as imposições coloniais interferem no desenvolvimento das personagens femininas da obra. Com isso, é possível verificar a heterogeneidade entre essas personagens, de modo que não é possível definir “a mulher moçambicana” de forma homogênea e unitária. Portanto, observa-se a multiplicidade identitária das várias mulheres ilustradas por Paulina Chiziane e a relação entre elas, que a partir da sororidade possibilita uma melhor condição de vida e transmite uma mensagem de otimismo apesar de situações desfavoráveis.

Palavras-chave: *Niketche: uma história de Poligamia*; Paulina Chiziane, Resistência; Cultura; Identidade Feminina.

ABSTRACT

The present work aims to address the cultural, identity and gender issues present in the novel *Niketche: a history of polygamy* by the Mozambican writer Paulina Chiziane, published in Brazil by *Companhia das Letras* in 2004. The novel portrays the story of Rami, when she discovers that her husband Tony maintains extramarital affairs. From then on, she traveled through several regions of Mozambique in search of the women who related to her husband. Ahead, she joins with them to demand that her husband accept polygamy, a marriage regiment legally accepted in the country. From this fact, an affective bond is created between the five women which through this union find ways of resistance to oppressive structures. To that analysis, scholars of postcolonial literature and colonialism are used as support, as well as, theorists that are dedicated to the issues of gender and identity. Among them, Bill Ashcroft, Stuart Hall, Chandra Mohanty, Angela Davis, bell hooks, among others. From these studies, it was possible to contemplate the ways in which the cultural traditions in Mozambique, as well as the colonial impositions interfere in the development of the female characters of the work. Along with this, it is possible to verify the heterogeneity between these characters, so that it is not possible to define “the Mozambican woman” in a homogeneous and unitary way. Therefore, is observed the multiplicity of identities of the many women illustrated by Paulina Chiziane and the relationship between them, which enables a better life condition from sorority and conveys a message of optimism despite unfavorable situations.

Keywords: *Niketche: a story of Polygamy*; Paulina Chiziane; Resistance; Culture; Female Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1: PAULINA CHIZIANE, ESTUDOS ACADÊMICOS E (M) NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA (2004).....	17
1.1 A TRADIÇÃO ORAL DE PAULINA CHIZIANE, ESTUDOS ACADÊMICOS E (M) NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA (2004).....	17
1.2 NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA (2004).....	29
1.3 ABORDAGENS DE NIKETCHE E CHIZIANE NO ÂMBITO ACADÊMICO.....	31
CAPÍTULO 2: MOÇAMBIQUE E O (PÓS) COLONIALISMO.....	36
2.1 MOÇAMBIQUE: HISTÓRIA E COLONIZAÇÃO.....	36
2.2 PONTOS DE PARTIDA: PÓS-MODERNISMO E PÓS-COLONIALISMO....	40
2.2.1 Multiculturalismo e Identidade do Sujeito Pós-Colonial.....	46
CAPÍTULO 3: MOÇAMBIQUE MULTICULTURAL.....	52
3.1 A ARTE EM MANIFESTAÇÕES LITERÁRIAS EM CONTEXTOS PÓS-COLONIAIS.....	52
3.2 CRENÇAS, RELIGIÕES E UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA.....	57
3.2.1 Lobolo.....	73
3.2.2 Kutchinga e a “purificação” da viúva.....	77
3.2.3 Niketche: A dança do amor.....	80
3.2.4 Moçambique dividida entre Norte e Sul.....	83
CAPÍTULO 4: MULHERES ENQUANTO SUJEITOS (?) PÓS-COLONIAIS.....	88
4.1 FEMINISMO E FEMINISMOS: MULHERES EM PROL DA IGUALDADE.....	88
4.1.1 Feminismos e Mulheres de 3º mundo.....	90
4.1.2 Resistência feminina pós-colonial em Niketche.....	97
4.2 IDENTIDADES PLURAIS E SORORIDADE FEMININA EM NIKETCHE	

(2004).....	107
4.2.1 A multiplicidade cultural e identitária feminina moçambicana.....	107
4.2.2 A força das mulheres em Niketche.....	114
4.2.3 Mulheres Moçambicanas e o Misticismo.....	118
4.3 A DANÇA DO NIKETCHE E A UNIÃO DAS MULHERES MOÇAMBICANAS.....	123
4.4 RAMI: RAINHA EM UM TRONO DE AREIA.....	130
4.4.1 Mulheres em Rami: a (trans)formação da protagonista de Niketche.....	130
4.4.2 Rami e o caminho para Resistência.....	136
4.4.3: Rami: Resistência, Subversão e Libertação.....	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	146
APÊNDICE.....	150

INTRODUÇÃO

Após demasiado tempo à marginalidade perante o meio artístico e histórico, as manifestações culturais e intelectuais das chamadas minorias sociais têm recebido recente destaque. No campo literário, mais especificamente, obras produzidas por negros, mulheres, LGBTs, indígenas, autores vindos de países de terceiro mundo e sujeitos em situações pós-coloniais se encontram dentre essas minorias. Neste âmbito, a identidade do sujeito pós-colonial, cujo contexto é discutido nesta pesquisa, tem sido evidenciada em diversos estudos literários e em produções do meio acadêmico.

É importante pontuar que de acordo com Ashcroft (1989), literatura pós-colonial seria o conjunto de obras literárias produzidas por sujeitos oriundos de países que sofreram o processo de colonização. Contudo, as produções literárias pós-coloniais tiveram seu início cerceadas pelo poder colonial, de modo que a liberdade não era permitida, bem como a representação efetiva da cultura nacional.

Dessa forma, as manifestações culturais tiveram que buscar meios de resistência para romper com as imposições imperiais e aspectos eurocêntricos. Como exemplo, coloca-se o discurso *O perigo de uma história única* [*The danger of a single story*] da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2009), no qual esta explica que ela mesma, como uma assídua apreciadora de literatura conheceu e reproduziu elementos da literatura britânica durante tantos anos em seus primeiros escritos, como resultado de pressões coloniais.

Adichie (2009) afirma que durante sua infância, a literatura ocidental era mais acessível que as próprias produções literárias de autoria africana. A constatação da autora aponta a reafirmação dos conhecimentos e das artes ocidentais por meio do colonialismo. Ao refletir que por muitos anos reproduziu elementos ocidentais em sua escrita, a escritora evidencia a imposição de tais produções literárias.

Assim, ao buscar a libertação dos padrões artísticos eurocêntricos, grande parte da literatura em contextos pós-coloniais apresenta-se como forma de resgate de aspectos nacionais e da identidade cultural do país, estes, deturpados pela colonização. Um tema frequentemente abordado nesse tipo de literatura é a busca pela resistência perante costumes, religião e cultura impostos pelo colonizador. Com isso, apresenta-se a heterogeneidade cultural causada por imposições coloniais em choque com a cultura precedente ao processo de colonização.

Dentro da literatura pós-colonial, destaca-se para este estudo, a literatura de autoria feminina, e como consequência, a produção literária de uma mulher em situação pós-colonial. Esta ramificação compete temas muitas vezes menosprezados por obras literárias de autoria masculina

em contextos semelhantes, bem como, por autoras femininas provenientes de países de primeiro mundo, por exemplo. Diante disso, constitui-se um campo literário específico, no qual as identidades femininas são ilustradas através das próprias mulheres, falando de si mesmas por si mesmas.

Ao se considerar as repressões coloniais e sexistas presentes em inúmeros contextos sociais, coloca-se o sujeito duplamente vitimizado por tais processos. Para explicar essa relação, o estudioso Thomas Bonnici (2009) utiliza-se de Rachel Blau Du Plessis (1985), quando esta se refere à mulher colonizada como uma metáfora da própria colônia. Tal analogia se dá por conta da exploração da mulher enquanto trabalhadora nos campos, onde a elas são delegadas tarefas braçais, tão árduas quanto aquelas direcionadas aos homens, em conjunto com a objetificação de seus corpos, constantemente vítimas de assédios sexuais e a prostituição as quais eram/são submetidas. Dessa maneira, as mulheres em situações de pós-colonização vivenciam uma forma dupla de opressão.

O estudioso discute também a relação entre os discursos pós-coloniais e feministas. O pensador afirma que tal união seria a retomada da integração feminina na sociedade, e destaca ainda que nesse âmbito o feminismo teria trazido à luz elementos até então ignorados pelo pós-colonialismo. Da mesma maneira, a teoria pós-colonial contribuiu para que os estudos feministas pós-coloniais evitassem perspectivas ocidentais, predominantes no movimento.

Bonnici (2009) lista ainda diversos tópicos que seriam questões feministas em contextos especificamente pós-coloniais. Dentre essas, destaca-se a mulher duplamente colonizada (pela sociedade sexista e pelo poder imperial), a objetificação sexual feminina, e sua voz por meio da literatura. Esta última, elemento indispensável para o desenvolvimento desta pesquisa, assinala uma das formas de resistência pós-colonial. Isto porque ao se colocar como escritora, a mulher pós-colonial causa uma ruptura com o cânone literário, majoritariamente masculino, branco e proveniente de grandes impérios. Exatamente por desestabilizar o padrão artístico encontrado na literatura, as mulheres que bravamente adentram-se no campo são muitas vezes rechaçadas em suas criações. Como forma de sumarização, o pesquisador define que:

Efetivamente, a dupla colonização causou a objetificação da mulher pela problemática da classe e da raça, da repetição dos contos de fada europeus e da legislação falocêntrica apoiada por potências ocidentais. Entre outras, a mais eficaz estratégia de descolonização feminina concentra-se no uso da linguagem e da experimentação linguística. (BONNICI, 2009, p. 267)

Ao expressar a voz da mulher pós-colonial através da linguagem, conforme menciona

Bonnici (2009), a literatura pós-colonial de autoria feminina levanta temas como hierarquia social, patriarcalismo e papéis de gênero em seus respectivos contextos sociais. Mostra-se assim, a figura feminina duplamente colonizada, tanto por invasores de sua terra natal, quanto pelo possível patriarcalismo presente em sua sociedade, o que resulta na mencionada dupla opressão. A partir de tais obras é possível compreender que a colonização atinge seus sujeitos em diversos níveis, sejam eles culturais, sociais ou identitários, sobretudo os sujeitos de gênero feminino.

Como componente da literatura pós-colonial de autoria feminina, *Niketche: uma história de poligamia* (2004), escrito por Paulina Chiziane, é contextualizado em Moçambique e aponta dentre outros aspectos, a pluralidade cultural contida em diversas regiões do país, dado que pode ser notado ao longo de toda a obra. Além das múltiplas manifestações culturais, encontram-se suas relações com as imposições do colonizador, tanto favoráveis quanto contrárias. Tal conflito pode ser observado principalmente na oposição entre a monogamia, costume cristão e ocidental, imposto pelo colonizador, e a poligamia enquanto costume vigente e legalizado em diversas regiões da sociedade moçambicana anterior e posterior à colonização.

Isto posto, essa pesquisa aborda as relações entre cultura, costumes e religiões moçambicanas, e de que forma esses aspectos influenciam nas identidades das mulheres que compõem a obra de Paulina Chiziane. Ao considerar-se a abrangente gama de mulheres ilustradas no romance, busca-se analisar a multiplicidade de identidades femininas presente na história e suas relações com a pluralidade cultural presente no país. Desse modo, adota-se a concepção de que as mulheres possuem personalidades distintas, bem como características inconstantes que podem se modificar no decorrer do romance, como resultado de suas experiências e relações vivenciadas.

Com isso, ao considerar que *Niketche: uma história de Poligamia* (2004) apresenta diversos aspectos e resultados de manifestações culturais pós-coloniais, o presente estudo voltará, de modo específico, maior atenção às questões de cultura e identidades femininas, de maneira que a relação entre estas possa ser abordada.

O capítulo inicial deste estudo será voltado para a apresentação tanto da obra quanto da autora. Mostrar-se-á, de forma breve, a trajetória de Paulina Chiziane e sua visão de mundo através de artigos e entrevistas, bem como será discutido o estilo de escrita da moçambicana, com apoio em estudiosos de suas obras e da literatura de Moçambique. Será abordado também o enredo romance a ser trabalhado *Niketche: Uma história de Poligamia* (2004). Adiante, para fins de contextualização, serão apresentados aspectos mais detalhados da obra, bem como sua estrutura, componentes e elementos literários. Além disso, serão verificados estudos sobre *Niketche* (2004) e Paulina Chiziane no meio acadêmico com base em bancos de pesquisas virtuais.

O segundo capítulo oferecerá uma breve visão histórica do país onde o romance é retratado. Para tanto, apontamentos sobre a história de Moçambique serão feitos a fim de contextualizar o pano de fundo no qual a história é ilustrada. Adiante, serão levantados aspectos teóricos do pós-colonialismo, multiculturalismo e da identidade do sujeito pós-colonial. Tais teorias serão seguidas por discussões sobre manifestações literárias pós-coloniais, para assim entrar de fato na análise do romance.

Desse modo, o terceiro capítulo volta-se para os elementos culturais presentes na obra de Chiziane. Temas como (in) distinções e (in) definições de cultura serão abordados em conjunto com os aspectos culturais presentes em Moçambique ilustrados no romance. Distinções entre as regiões norte e sul e seus elementos históricos serão destacados, bem como termos fundamentais para a construção da trama, como *Lobolo*, *Kutchinga* e claro, *Niketche* serão averiguados a fim de observar a diversidade e as características culturais do país representadas na obra. Também será discutida a questão da poligamia e como ela funciona, a partir da visão da personagem narradora e personagens secundárias, conforme são apresentadas no romance, para evitar entendimentos equivocados.

Identidade e gênero serão o norte para o quarto e último capítulo. A pluralidade identitária contida no romance será abordada como forma de análise das personagens femininas ilustradas por Chiziane. Assim, será trabalhada a questão das relações femininas e a alteridade entre as mulheres, tanto em relação a si mesmas, quanto às outras, de acordo com o desenvolvimento da história narrada. Analisa-se também as formas pelas quais a união feminina pode mudar o destino das mulheres. Por fim, o estudo se voltará para a (des) construção da identidade da personagem principal, com suas fragmentações e inconstâncias.

Dito isso, propõe-se neste estudo discutir a riqueza artística e cultural presente em *Niketche: uma história de Poligamia* (2004), como uma obra de autoria feminina em um país considerado de terceiro mundo. Perante tal contexto, será buscada a voz e a perspectiva feminina em relação aos papéis de gênero, para assim, perceber como o pós-colonialismo, a sociedade pós-colonial e suas manifestações culturais funcionam em seus sujeitos.

Produto de mecanismos de colonização, pós-colonização e opressões sociais, destaca-se a identidade do sujeito pós-colonial. Como foco deste estudo, voltamo-nos à identidade feminina, assim como a pluralidade e inconstância de cada identidade, majoritariamente fragmentada em situações análogas.

Da mesma forma, busca-se evidenciar a pluralidade cultural de Moçambique ilustrada por Chiziane por meio de experiências e situações vivenciadas pela protagonista ao longo do romance.

Busca-se então, compreender a questão das mulheres de terceiro mundo, em um período pós-colonial como se mostra em *Niketche* (2004).

Desse modo, serão focalizados os temas culturais, de identidade e de gênero apresentados na obra e as formas pelas quais esses elementos constituem as posições sociais das mulheres, bem como, a contribuição desses aspectos para a construção do romance. Além disso, serão apresentadas as diversas formas pelas quais as mulheres utilizam-se de tradições entendidas como patriarcais em benefício próprio. Para assim, identificar a subversão de diversos elementos sociais como forma de resistência das personagens femininas.

Por fim, pretende-se desconstruir um pressuposto modelo de mulheres africanas, ou mesmo de mulheres de terceiro mundo como meros objetos passivos de várias formas de opressão. Com respaldo teórico de estudiosas do feminismo negro e de contextos pós-coloniais, busca-se mostrar a pluralidade de identidades femininas ilustradas no romance, bem como suas diversas formas de resistência. Assim, pretende-se observar as mulheres representadas no romance de Paulina Chiziane como sujeitos agentes de seu próprio destino, e não meras vítimas de meios opressivos.

As literaturas de minorias, principalmente aquelas produzidas fora do ocidente, promovem oportunidades de conhecimento e contato com culturas, costumes e linguagens até então desconhecidos. Dessa forma, a abordagem de tais obras possibilita o despertar do senso crítico, da empatia e da sensibilidade em seus leitores. Assim, ao se conhecer outros âmbitos geográficos e culturais por meio da literatura, evitam-se concepções prévias de povos e culturas alheias ao conhecimento ocidental, fora do cânone literário de padrão eurocêntrico.

Em produções acadêmicas, especificamente na área das humanidades, como é o caso desta pesquisa, faz-se indispensável a abordagem dessas literaturas há tanto marginalizadas e segregadas pelo cânone literário. Além de ressaltar a grandeza artística e literária presentes em uma obra contemporânea, busca-se observar as formas de resgate cultural, bem como as representações de variadas identidades.

Mesmo após tanto tempo na marginalização as literaturas de minorias têm recebido determinado destaque no meio acadêmico. Áreas de estudos como pós-colonialismo e multiculturalismo contribuem para que obras provenientes de tal meio sejam difundidas. Contudo, grande parte do público apreciador, bem como de estudiosos da literatura ainda demonstra relutância em relação às literaturas fora dos padrões canônicos. Por isso, faz-se importante abordar textos literários fora das fórmulas eurocêntricas, que apresentem narrativas, abordagens e contextos diferenciados, como é o caso do romance aqui trabalhado. Desse modo, entende-se como necessário o reconhecimento de outras formas de narrativa, com diferentes vozes e perspectivas.

Dito isso, considera-se indispensável o estudo de uma obra com tamanha riqueza cultural e literária como a de Paulina Chiziane *Niketche: uma história de Poligamia* (2004).

Uma vez que, este estudo trata de uma pesquisa de cunho bibliográfico, seu desenvolvimento se dará a partir de leituras e análises de textos teóricos que contemplem os temas abordados na obra literária, para assim, perceber seus possíveis entrelaçamentos com o objeto de estudo deste trabalho.

Ao se considerar a autora do livro em questão, serão utilizados também estudiosos de suas obras, bem como pesquisadores da literatura moçambicana e da narrativa oralizada.

Devido à necessidade de introdução ao pós-colonialismo e seus segmentos, serão utilizados como apoio os escritos de Bill Ashcroft, bem como estudos organizados por este, em conjunto com Gareth Griffiths e Helen Tiffin (1989; 1995; 2001). Em relação aos estudos identitários e culturais, serão buscadas as discussões de pensadores como Homi Bhabha (1992; 1994; 1998) e Stuart Hall (2003; 2005) nas quais os autores discutem tópicos como a identidade nacional.

Com isso, este estudo volta-se para os aspectos culturais e identitários contidos no romance de Paulina Chiziane. Para tanto, serão levantados estudos e teorias em relação à cultura moçambicana, bem como o multiculturalismo, o pós-colonialismo e seus reflexos na sociedade. O sujeito pós-colonial também será estudado de acordo com a construção de sua identidade, para assim, chegar ao objeto central desta pesquisa: as mulheres moçambicanas. Desse modo, estudiosas do feminismo negro serão utilizadas como suporte para se discutir a questão da identidade da mulher negra e de terceiro mundo, assim como os fatores histórico-sociais que culminam em tais identidades.

A partir de estudos feministas e de gênero, serão utilizadas teorias que se dedicam ao tema em questão. Estudos do feminismo hegemônico serão levantados, bem como suas relações com as mulheres em situação de terceiro mundo. Para tal correlação, destaca-se a estudiosa Chandra Mohanty (1984) com seu debate sobre o equivocado olhar ocidental diante de conflitos distantes. Além disso, estudiosas do feminismo, especialmente o feminismo negro, serão utilizadas como embasamento para a discussão das identidades femininas moçambicanas. Dessa forma, espera-se compreender de que modo questões como gênero, cultura e identidade são apresentadas em *Niketche* (2004) e suas relações com a construção da identidade das mulheres moçambicanas retratada no romance a partir da perspectiva da protagonista Rami e da escrita de Paulina Chiziane.

CAPÍTULO 1

PAULINA CHIZIANE, ESTUDOS ACADÊMICOS E (M) *NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA* (2004)

PAULINA CHIZIANE: A (NÃO) ROMANCISTA MOÇAMBICANA

Ao examinar a publicação da Companhia das Letras de *Niketche: uma história de poligamia* (2004) é possível se conhecer, de forma breve, o caminho percorrido por Paulina Chiziane, autora do romance. De acordo com a orelha do livro, a escritora proveniente de família humilde, nasceu em Manjacaze, província de Gaza ao sul de Moçambique em 1955.

O Portal da Literatura (2019)¹, *website* voltado às produções literárias em Língua Portuguesa, informa que Chiziane mudou-se com seus pais para o subúrbio de Maputo ainda na infância. Na capital de Moçambique, a autora passou a frequentar uma escola missionária católica, onde aprendeu a Língua Portuguesa e os princípios do cristianismo. Tal contato com a religião do colonizador surtiu efeitos na escrita da autora, visto que a abordagem do tema pode ser notada de forma constante em suas obras, especialmente em *Niketche: uma história de Poligamia* (2004), romance aqui estudado.

O trajeto percorrido por Chiziane por meio de sua escrita teve seu início com publicações de contos em mídias independentes. Em 1990, foi publicado seu romance de estreia *Balada de amor ao vento*. Depois, publicou ainda *Ventos do apocalipse* (1995); *O Sétimo Juramento* (1999); *As andorinhas* (2009) sendo esta uma coletânea de contos; *O Alegre Canto da Perdiz* (2008); *Na mão de Deus e Por Quem Vibram os Tambores do Além* de 2013; *Ngoma Yethu: O curandeiro e o Novo Testamento* (2015); *O canto dos escravos* (2017) e o *corpus* desta pesquisa, *Niketche: uma história de poligamia*, publicado originalmente em Moçambique e Lisboa em 2002, e no Brasil em 2004. Esta última obra foi a qual tornou a escritora reconhecida mundialmente e a proporcionou o Prêmio José Craveirinha, mais importante premiação literária em Moçambique, já no ano seguinte de sua publicação.

O escritor moçambicano Eduardo Quive (2009) em resenha biográfica da autora para a biblioteca digital *Sarau Eletrônico* apresenta Chiziane como “uma mulher do mundo”, contudo, destaca o árduo percurso que a escritora tem trilhado para chegar a tal posição. Através de resenha intitulada *Baladas que levaram Paulina para o vento*, como referência ao primeiro romance da

¹Data de acesso, uma vez que, o artigo publicado na página virtual não oferece data de publicação. Endereço eletrônico ao final desta pesquisa, juntamente com as outras referências bibliográficas.

autora a ser publicado, Quive (2009) explica que tabus como magia e fantasia são temas abordados por Chiziane, especialmente na obra *O sétimo juramento* (1999). Ao mencionar também *O alegre canto da Perdiz* (2008) o estudioso conclui que a qualidade bibliográfica da autora tenha sido um ganho para todas as mulheres e que suas publicações conquistaram o mundo.

O texto de Quive (2009) revela ainda que além do prêmio literário José Craveirinha, outro grande marco na trajetória de Chiziane foi a nomeação de Embaixadora da paz pela União Africana (UA) em 2010. Mais um destaque para a história da autora ocorreu em 2013, quando o então presidente português Cavaco Silva a condecorou com o grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique pelo seu destaque e contribuição para a disseminação cultural e literária de Moçambique a níveis internacionais, conforme o Instituto Camões informa em seu *site* oficial.

Mais recentemente, em 11 de maio de 2018, o jornal moçambicano *O País* noticia que a escritora Moçambicana foi condecorada com o diploma de Ordem do Cruzeiro do Sul pelo governo brasileiro durante a reinauguração do Centro Cultural Brasil-Moçambique com a presença de autoridades de ambos os países.

Em relação à formação acadêmica de Paulina Chiziane, a editora moçambicana Ndjira afirma que a escritora tenha frequentado o curso de Linguística na Universidade Eduardo Mondlane na capital de Moçambique, mas sem chegar a concluí-lo. Em 2010, o *blog* da editora anuncia que Chiziane estaria a dividir o seu tempo entre o trabalho (não especificado) na Zambézia onde reside, e a colaboração com diversas organizações de diferentes províncias de Moçambique e outros países africanos.

Em 2016, quando concede entrevista para José Maria Remédios do periódico *O País*², Chiziane afirma que apesar da recente independência, Moçambique não conta com total liberdade, principalmente em relação às manifestações culturais. Mais especificamente sobre a literatura, a autora explica que as obras literárias não possuem liberdade suficiente para realizar seu intuito que seria escrever livremente, tanto sobre pontos positivos quanto negativos de sua sociedade. Sua intenção se dá, pois, a autora entende a literatura como uma forma de mostrar o mundo visto pelo escritor, e que apesar de não gostar de política, acredita que a literatura seja um instrumento dela. Chiziane comenta também que seu país não a reconhece por sua escrita e critica certos grupos que se julgam detentores do saber ao ponto de exercer sua suposta autoridade sobre a liberdade criativa, e reitera ainda que seu maior reconhecimento venha de fora de seu país natal.

Paulina Chiziane (2013) expõe diversas reflexões referentes à sua realidade e cultura. De modo mais específico, pondera questões sobre as mulheres, suas posições de poder e suas lutas

²Entrevista reproduzida pelo portal eletrônico brasileiro *Geledés Instituto da Mulher Negra*

perante a sociedade que as cerca. A escritora afirma que tais discussões se fazem necessárias para lhe despertar estímulo e resistência diante de situações de opressão, as quais vivencia diariamente.

No mesmo testemunho, Chiziane (2013) conta que as mulheres de sua cultura não são permitidas a almejar carreiras, pois seu destino consiste em casar-se e gerar filhos. De acordo com a escritora, desde muito cedo as meninas são entregues a um marido, geralmente mais velho e já casado dentro do regime de poligamia. A autora comenta também a forma pela qual presenciou esse destino a ser traçado, através de mulheres as quais passou a infância observando, dentre elas, sua mãe foi quem mais se destacou. A moçambicana explica que presenciou sua mãe a expressar suas angústias através de cantigas conforme executava seus afazeres domésticos e do campo, sempre acompanhada por cantos tristes. Ressalta-se no texto ainda que tais canções jamais foram enunciadas por homens, os quais tampouco se importavam com as lamúrias femininas.

Ainda no referido escrito, Chiziane (2013) comenta sobre seu contato inicial com a literatura e explica que este se deu de modo precário, uma vez que, seu meio social não possuía acesso à cultura de uma forma geral, inclusos livros e bibliotecas. Assim ocorreu até o nível secundário de seus estudos quando o acesso de fato à literatura lhe foi possível.

A escritora afirma também ter percorrido o caminho que seu contexto social indicava que seguisse. Contudo, por conta de conflitos em aspectos conjugais, passou a questionar sua existência e de outras mulheres e apenas pode se encontrar na escrita:

Minha alma tornou-se uma muralha de solidão e silêncio. Olhei para mim e para outras mulheres. Percorri a trajetória do nosso ser, procurando o erro da nossa existência. Não encontrei nenhum. Reencontrei na escrita o preenchimento do vazio e incompreensão que se erguia à minha volta. A condição social da mulher inspirou-me e tornou-se meu tema. Coloquei no papel as aspirações da mulher no campo afectivo para que o mundo as veja, as conheça e reflita sobre elas. (CHIZIANE, 2013, p.202)

Primeira mulher em Moçambique a publicar um romance, Chiziane afirma em diversas entrevistas que rejeita este título com o argumento de que, ao colocar-se como romancista, estaria sujeita a rótulos e críticas de profissionais das artes, especialmente da literatura. A autora afirma também identificar-se antes como uma contadora de histórias, por isso suas narrativas são geralmente elaboradas próximas à oralidade. Tal prática inspirada pelo exemplo de sua avó, de quem costumava ouvir histórias ao redor de fogueiras durante a infância, permeia a escrita da moçambicana.

Em entrevista concedida por telefone a Rogério Manjate representante da Revista Maderazinco em 2002, reproduzida pelo blog brasileiro *Passagens Literárias*, Chiziane afirma que

ser uma mulher moçambicana e escrever é um ato de coragem, ao considerar que a sociedade espera que suas atividades sejam limitadas ao âmbito doméstico. Além disso, admite que enquanto mulher escritora precisa dedicar-se de forma imensuravelmente maior para provar seu valor e conquistar sua posição no meio literário.

Chiziane (2013) expõe que ao tornar-se escritora enfrentou várias reações negativas, desde ceticismo até desprezo por conta de seu gênero. Entretanto, afirma que essas reações operaram como um estímulo para que se fortalecesse na prática da escrita. Por fim, a moçambicana relata que a recompensa de todo o esforço se deu a partir da recepção de sua escrita pelo público feminino e de jovens de ambos os sexos que a incentivam a publicar mais obras.

Com isso em vista é possível conceber que Paulina Chiziane faz de sua escrita uma forma de resistência, a qual utiliza em busca da construção de uma nova realidade para as mulheres perante sociedades que as oprimem e subjugam. Bem como a predominância de sua escrita, define sua luta de forma poética: “Com as minhas mãos, afasto pouco a pouco os obstáculos que me cercam e construo um novo caminho na esperança de que, num futuro não muito distante, as mulheres conquistarão maior compreensão e liberdade para a realização dos seus desejos.” (CHIZIANE, 2013, p. 204)

A contação de histórias como forma de resistência acentua-se quando a autora explica que tradicionalmente, tal hábito era exclusivamente feminino, o que viria a se modificar com o processo do colonialismo. Em entrevista para Alex Rodrigues, repórter da Agência Brasil no ano de 2012, Chiziane explica:

Antes do colonialismo, a arte e a literatura eram femininas. Cabia às mulheres contar as histórias e, assim, socializar as crianças. Com o sistema colonial e o emprego do sistema de educação imperial, os homens passam a aprender a escrever e a contar as histórias. Por isso mesmo, ainda hoje, em Moçambique, há poucas mulheres escritoras. (CHIZIANE, 2013, p. 358-359)³

Dessa forma, nota-se que o ato de escrever da autora não apenas resiste em relação aos aspectos de gênero, mas também funciona como uma forma de resgate da tradição moçambicana em contradição às imposições do colonialismo. Ao resgatar hábitos tradicionais do país, Chiziane evidencia a cultura nacional, bem como o papel ativo das mulheres nesse contexto social específico.

Diante da forma poética e romântica da escrita de Paulina Chiziane, António Manuel

³Entrevista publicada originalmente em 2012 pela página virtual da Agência Brasil e reproduzida pela obra de Maria Geralda de Miranda e Carmen Lúcia Tindó Secco *Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique* de 2013, utilizada para consulta neste estudo.

Ferreira (2013) afirma que o fato da autora rejeitar o título de escritora de romances por identificar-se melhor como contadora de histórias, reforça seu próprio caráter romancista. Isso ocorre, pois, a forma oralizada e lírica resulta em uma escrita poética e romanesca. Assim, Ferreira define que:

Na escrita de Chiziane, a rendibilização narrativa do conto e do lirismo funciona, ao mesmo tempo, e muito românticamente, como inscrição testemunhal da oratura preconizada pela escritora e como liame genealógico transcultural que radica a sua escrita em uma tradição estética plural. (FERREIRA, 2013, p. 86)

Adiante, o pesquisador reitera:

Os efeitos pragmáticos da sua escrita têm que ver com um entendimento da literatura como arte, quer se trate dos contos exemplares e sapienciais contados à volta da fogueira, quer se trate da canonização erudita de que a escritora – mesmo a possível contragosto - também faz parte. (FERREIRA, 2013, p. 88)

Além disso, Ferreira (2013) comenta sobre os principais temas escolhidos pela autora, dentre eles a identidade feminina e o âmbito espiritual e religioso, como já exposto anteriormente através de suas afirmações em entrevistas. Ao debater suas obras *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), *Ventos do apocalipse* (1995) e o próprio *Niketche: uma história de poligamia* (2002)⁴o pesquisador reafirma a presença desses assuntos típicos da escrita da autora e explica:

Nesse domínio, toda a obra de Paulina Chiziane constitui um manancial riquíssimo de indagação teológico, cujo alcance hermenêutico conglobera, nas mesmas questões, os preceitos judaico-cristãos e as tradições religiosas moçambicanas. Refletindo sobre Deus e os deuses, a partir de um tema específico - a condição sociocultural da mulher moçambicana -, a escritora expande a sua reflexão a domínios que ultrapassam o motivo inicial e afluem uma corrente de pensamento estético-teológico de profunda repercussão no mundo contemporâneo. (FERREIRA, 2013, p. 88)

Outros estudiosos de Chiziane debatem a temática abordada pela autora, a qual discute além da identidade feminina, aspectos culturais de seu país natal, Moçambique. Sobre isso, Inocência Mata (2013) disserta:

[...] pela textualização de tópicos que se reportam especificamente à condição feminina, a obra da romancista moçambicana procede à apresentação de situações que condicionam a plena realização da mulher, como mulher e como cidadã, e a projetam em um outro devir. (MATA, 2013, p. 154)

⁴A edição utilizada pelo pesquisador António Manuel Ferreira (2013) é aquela publicada inicialmente em Portugal e Moçambique. Por isso, a data neste momento é divergente do restante da pesquisa, a qual refere-se à edição brasileira, publicada em 2004, utilizada para consulta neste estudo.

Mata (2013) recorre ainda aos assuntos que, vivenciados pela autora, passam a fazer parte de sua escrita, e em consequência, de suas obras. Segundo a pensadora, Chiziane consegue ser inovadora mesmo em relação à literatura de Moçambique:

As temáticas da sua obra são literalmente novas na literatura moçambicana: do casamento forçado ao lobolo, da dureza da guerra, com o seu corolário de violações e fragmentação psicológica e identitária, do lugar de vítima ao de carrasco, ao estatuto da amante e concubina, na marginalização, institucional e social, da mulher à de seus filhos nascidos em condições que as “leis de família” feitas à margem dessas sociedades tradicionais que realmente vigoram [...] (MATA, 2013, p. 157)

Por fim, Mata (2013) comenta sobre a construção da figura feminina contida na escrita de Chiziane. A pesquisadora afirma que essa construção não pode ser dada de forma estereotipada, tampouco passiva. Essas mulheres são agentes de si mesmas, e como consequência desconstruem uma identidade feminina pré-concebida:

Por isso não se pode dizer que as personagens femininas de Paulina Chiziane – que predominam – sejam meras marionetes: na verdade, trata-se de um percurso intelectual que as personagens empreendem (e com elas a leitora) em vista da desmistificação de imagens femininas convencionais que chegam, pela ação autorreflexiva, ao autorreconhecimento em um contexto em que a alteridade se transforma em outridade [...] (MATA, 2013, p. 157)

Também em relação a esse estilo de escrita, mas mais voltada para as produções literárias de origem africana, a estudiosa Ana Mafalda Leite em seu estudo *Oralidades & escritas nas literaturas africanas* (2014) explica que a busca por legitimação dessas literaturas em relação às europeias é marcada pelo uso da oralidade como forma de situar a literatura africana. Nessa mesma perspectiva, porém mais aprofundada em manifestações literárias em Moçambique, Terezinha Taborda Moreira traz análises sobre diversos escritores moçambicanos. Em *O Vão da voz: a metamorfose do narrador na ficção moçambicana* (2005), a pesquisadora dedica-se a examinar aspectos dessas literaturas, tanto de forma detalhada como abrangente. Para tanto, levanta questões formalistas, interpretativas, críticas e culturais sobre a escrita e temas abordados em obras dos autores: José Craveirinha, Mia Couto, Suleiman Cassamo, Luís Bernardo Honwana, Ungulani Ba Ka Khosa e da autora Paulina Chiziane.

Moreira (2005) afirma que a oralidade presente na escrita de Chiziane e outros escritores moçambicanos seria uma forma de representação da memória cultural do país. A partir disso, a pesquisadora discute a questão da “Narração performática” e recorre a Joseph Roach para explicar

esse método narrativo como a recriação e reprodução de culturas, no qual uma operação entre duas culturas distintas é representada.

Uma vez que a escrita de Chiziane é carregada de oralidade, característica a qual a própria autora afirma ser o resgate da prática de contação de histórias da avó, é possível vincular o estilo de sua escrita com a explicação de Moreira em relação à narração performática moçambicana:

[...] aquilo que a narração performática assegura é a sobrevivência de uma manifestação da memória cultural moçambicana que não pode ser representada: a da performance oral das narrativas, levada a efeito pelo contador de histórias. Pela escrita, essa forma de memória cultural é articulada em performance narrativa para que a voz ancestral atravesse tempos e espaços, bocas e gerações, movimentando o discurso, desencadeando um processo polifônico de constituição do texto no qual ele se materializa.[...] E é como dicção que esses textos se transformam em espaço de fruição. Espaço onde a escrita assume progressivamente a voz no acontecimento de um texto que, figurando um corpo - o corpo territorializado do contador de histórias moçambicano - se performa. Pela escrita, adivinhas, provérbios, mitos e contos são recriados em narrativas que reiventam a performance de tradição oral, no lugar da qual, agora, elas se colocam. (MOREIRA, 2005, p. 69)

Em diversos momentos do romance *Niketche: uma história de Poligamia* (2004) é possível encontrar a narrativa performática moçambicana, a qual Moreira (2005) se refere. Dentre estes, destaca-se uma ocasião específica na qual a protagonista Rami está a questionar-se sobre seu papel como mulher. Ao passo que seguem as reflexões:

A voz da sabedoria aconselha: nunca digas volta já, vou só até ali. Porque a viagem não tem metro. Dás um passo, e caís num acidente fatal. Entras um salteador. Um espinho. Tristeza e dor. Dás outro passo e encontras uma flor. Um grande tesouro. Descobres o melhor amigo. O grande amor da tua vida. Uma viagem é tão misteriosa como os interstícios do destino. Por isso aconselham: mulher, leva sempre contigo a capulana, para ser a tua coberta em caso de sol. Para ser a tua mortalha, caso encontres a morte. Para cobrir o teu leito, caso encontres o amor. Para cobrir o rosto, em caso de vergonha. Para cobrir o nu, caso percas a tua roupa, e esconder a tua vergonha aos olhos do mundo. (CHIZIANE, 2004, p. 81)⁵

A partir do excerto acima, pode ser notada a presença de uma voz aconselhadora, a qual é comum que venha de pessoas mais idosas e experientes. Tal dado é coerente com as afirmações de Chiziane (2013) em relação às suas inspirações na contação de histórias da avó, inclusive, quando a autora afirma utilizar-se de temas abordados pela anciã em diversos momentos de seu romance. Ao se analisar o trecho acima destacado, percebe-se uma voz conselheira e sábia, conforme resgatado

⁵A Capulana é um tecido o qual as mulheres moçambicanas usam tanto como vestimenta, como quanto adorno, com variadas cores e amarrações.

de pessoas com maior vivência, que por sua vez, ilustra a narração performática abordada por Moreira (2005).

Outro momento onde a narração performática pode ser encontrada refere-se às reflexões da personagem narradora em relação ao estatuto da poligamia. Neste caso, a narrativa retoma características históricas de Moçambique, onde a trama é retratada:

Navego numa viagem ao tempo. Haréns com duas mil esposas. Régulos com quarenta mulheres. Esposas prometidas antes do nascimento. Contratos sociais. Alianças. Prostíbulos. Casamentos de conveniência. Venda das filhas para aumentar a fortuna dos pais e pagar dívidas de jogo. Escravatura sexual. Casamentos aos doze anos. Corro a memória para o princípio dos princípios. No paraíso dos bantu, Deus criou um Adão. Várias Evas e um harém. Quem escreveu a bíblia omitiu alguns factos sobre a gênese da poligamia. Os bantu deviam reescrever a sua Bíblia. (CHIZIANE, 2004, p. 39-40)

No excerto referido, a narrativa oferece um panorama mais amplo em relação aos aspectos culturais do país. Ao traçar uma linha histórica sobre os costumes envolvendo matrimônios, conforme cita a narradora, entra em uma viagem ao tempo.

Ainda, Terezinha Taborda Moreira (2005, p. 106) aprofunda sua reflexão sobre a escrita de Chiziane e a pluralidade de vozes contidas em suas narrativas e destaca o romance *Ventos do Apocalipse* (1995) da autora. A pesquisadora conclui que a voz do narrador é interpelada pela voz de um outro, de modo que: “cria-se um universo narrativo em que o leitor é convidado a participar”. E complementa:

Para isso o narrador recorre a expressões vocais que aparecem na enunciação por via da utilização da segunda pessoa, da força expressiva das inflexões de voz, da interpelação, das interrogações, exclamações de expressões vocativas, dentre outros recursos, todos dirigidos diretamente a um outro. (MOREIRA, 2005, p.106)

Dito isso, é possível compreender que a polifonia de vozes, bem como o narrador intruso mostra-se como característica frequente na escrita de Paulina Chiziane, visto que esses mesmos aspectos também são identificados em *Niketche: uma história de poligamia* (2004). No romance em questão, o narrador não constitui apenas uma voz que narra a história, mas também se materializa enquanto personagem específico, ao colocar assim a narrativa essencialmente em primeira pessoa, incorporada pela personagem principal, Rami. Contudo, é possível perceber em diversos momentos da narrativa a voz de um narrador alheio aos devaneios de Rami, quem contempla momentos não vivenciados pela protagonista, bem como, explana aspectos presentes na sociedade e contexto no qual o enredo é inserido. Dentre outras, é possível notar a presença do

referido narrador: “O Tony busca uma resposta para esta partida. Nunca antes sentira a dor de ser rejeitado. Recua no tempo e recorda. A Lu enrodilhando-se no seu corpo, como uma serpente. [...] Recorda os suspiros, as pausas, os delírios.” (CHIZIANE, 2004, p. 274)

O narrador citado acima diferencia-se da personagem Rami por descrever acontecimentos os quais a protagonista não possui conhecimento. Dessa forma, configura-se um narrador onisciente, pois este além que relatar os ocorridos, expõe os sentimentos do personagem Tony. Em outros momentos também é possível notar a narrativa alheia à voz de Rami, quando esclarecimentos e reflexões sobre temas se fazem necessários:

A linguagem do ventre é a mais expressiva, porque se pode ler, na multiplicação da vida. A linguagem das mãos e dos braços é também visível. Segurando um recém-nascido. Segurando um bouquet de flores no dia do casamento. Segurando uma coroa de antúrios na hora do funeral do seu amor. E a linguagem do coração? Ausente muralha de diamante. Silêncio de sepultura. Ausência impenetrável. (CHIZIANE, 2004, p. 185)

Este narrador, por sua vez, desenvolve temas que ultrapassam os pensamentos de Rami para dessa forma desempenhar determinada polifonia de vozes, o que abarca a alteridade ao trabalhar com a voz do outro. Vale destacar também que neste romance a narrativa em primeira pessoa é delimitada de forma nítida, uma vez que, quando utilizada, as sentenças são iniciadas com a conjugação de verbos ou pronomes pessoais em primeira pessoa. Dessa maneira, faz-se notável a presença de um outro narrador, alheio à personagem principal.

Com isso, é concebível entender que a oralidade adotada na escrita da autora é também uma forma de configurar essa pluralidade narrativa. Desse modo, retoma-se o estudo de Terezinha Taborda Moreira, onde a pesquisadora explica: “Quando o narrador encena a voz de uma personagem, ele acrescenta à narração outros aspectos complementares àqueles que realiza quando contador da história, pois nestes ele estará mais livre para expressar o todo de um relato.” (MOREIRA, 2005, p. 107)

Destaca-se também que por meio da voz da protagonista é possível tecer efeitos de liricidade, humor e ironia ao texto literário. Uma vez que a narrativa construída por Chiziane é voltada para a contação de histórias, não diferente em *Niketche*, a escritora opta pela oralidade através do ato de narrar. Assim, ao considerar sua narrativa identifica-se sua forma heterogênea, por meio de um narrador transitório. Isto é, em meio à narrativa em primeira pessoa protagonizada pela personagem Rami, surge um narrador não identificado, responsável por discorrer sobre episódios os quais a personagem não presenciou.

De acordo com Ana Mafalda Leite (2014), a escolha de Paulina Chiziane pela escrita

oralizada, não ocorre apenas como forma de resgate da tradição cultural da contação de histórias. A estudiosa (2014) explica que esse tipo de narrativa tem objetivo pedagógico, voltado a aspectos sociais e comunitários. Assim, considera-se que Chiziane “[...] reinveste na sua prática narrativa a intencionalidade da prática da narração oral de contos e fábulas, formadores de valores éticos e comportamentais, dramatizando, com esse aparato narrativo, relatos vivenciais.” (LEITE, 2014, p. 29)

A união entre oralidade e didática mencionada por Ana Mafalda Leite (2014) pode ser notada em *Niketche: uma história de Poligamia* (2004) quando há a transição entre narradores. Conforme citado anteriormente, apesar de a narrativa apresentar-se majoritariamente em primeira pessoa, é comum surgir um narrador intruso, o qual a autora “[...] recorre a ele como prática de conversação entre personagens ou ditos do narrador, que nunca esquece a sua vertente formativa e didática e, conforme vai comentando, borda o seu discurso de verdades feitas, outras improvisadas, especulativas, e saber citacional [...]” (LEITE, 2014, p. 34)

Como ilustração, é possível destacar o momento no qual os familiares de Tony tentam imprimir uma lição de moral para suas cinco esposas por meio da fábula da princesa Vuyazi, narrada pela voz de uma tia do polígamo:

-Era uma vez uma princesa. Nasceu da nobreza mas tinha o coração de pobreza. Às mulheres sempre se impôs a obrigação de obedecer aos homens. É a natureza. Esta princesa desobedecia ao pai e ao marido e só fazia o que queria. Quando o marido repreendia ela respondia. Quando lhe espancava, retribuía. Quando cozinhava galinha, comia moelas e comia coxas, servia ao marido o que lhe apetecia. Quando a primeira filha fez um ano, o marido disse: vamos desmamar a menina, e fazer outro filho. Ela disse que não. Queria que a filha mamasse dois anos como os rapazes, para que crescesse forte como ela. Recusava-se a servi-lo de joelhos e a aparar-lhe os pentelhos. O marido, cansado da insubmissão, apelou à justiça do rei, pai dela. O rei, magoado, ordenou ao dragão para lhe dar um castigo. Num dia de trovão, o dragão levou-a para o céu e a estampou na lua, para dar um exemplo de castigo ao mundo inteiro. Quando a lua cresce e incha, há uma mulher que se vê no meio da lua, de trouxa à cabeça e bebé nas costas. É Vuyazi, a princesa insubmissa estampada na lua. É a Vuyazi, estátua de sal, petrificada no alto dos céus, num inferno de gelo. É por isso que as mulheres do mundo inteiro, uma vez por mês, apodrecem o corpo em chagas e ficam impuras, choram lágrimas de sangue, castigadas pela insubmissão de Vuyazi. (CHIZIANE, 2004, p. 157)

Deve-se levar em conta que a história contada acima representa uma forma de impor determinado comportamento para as esposas de Tony perante o marido. Por isso, as personagens utilizam-se de uma fábula, que por excelência funcionam como moralizadoras para surtir o efeito desejado nas posturas das cinco mulheres. No momento, as relações sociais e culturais que resultam

de tal atitude não serão aprofundadas, essa perspectiva será adotada nos capítulos seguintes deste estudo.

Além do narrador intruso, na citação acima apresentado por uma tia de Tony, pode-se notar o caráter formador mencionado por Ana Mafalda Leite na voz da própria protagonista. Dentre suas reflexões, destaca-se a conclusão que chega com a segunda esposa de Tony, Julieta, ao final do primeiro encontro das duas mulheres:

A Julieta revela-me uma verdade mais cáustica que uma taça de veneno. Ter é uma das muitas ilusões da existência, porque o ser humano nasce e morre de mãos vazias. Tudo o que julgamos ter é-nos emprestado pela vida durante o pouco tempo. Teu é o filho no ventre. Teu é o filho nos braços na hora da mamada. Mesmo o dinheiro que temos no banco, só o tocamos por pouco tempo. O beijo é um simples toque e o abraço dura apenas um minuto. O sol é teu, lá do alto. O mar é teu. A noite. As estrelas. Cada ser nasce só, no seu dia, na sua hora, e vem ao mundo de mãos vazias. (CHIZIANE, 2004, p. 157)

Em relação ao narrador em primeira pessoa, a própria autora (2013) afirma que prefere utilizar-se desse tipo de escrita, pois esta forma narrativa lhe permite maior aproximação da história. Tal aproximação pode ser notada de forma abundante em *Niketche: uma história de Poligamia* (2004) quando se obtém um olhar, mesmo que breve sobre os posicionamentos e a visão de mundo da escritora do romance. Tal qual a protagonista Rami, Chiziane foi criada na região Sul de Moçambique e seguiu os preceitos do catolicismo. Em entrevista para Rosália Diogo⁶, a autora revela que a ideia de ter escrito *Niketche* partiu de sua experiência como sulista após passar um tempo no norte do país. A moçambicana conta que quando foi para a região nortenha da Zambézia, encontrou uma sociedade matriarcal, totalmente oposta àquela patriarcal que conhecia em Maputo. Chiziane afirma que o livro foi inspirado em mulheres zambebianas, que compartilharam com ela diversas histórias que jamais esperaria ouvir. A partir de então, a autora adota uma postura que a possibilite uma forma diferenciada de representar as mulheres na literatura, especialmente quando ao tratar de temas como a sexualidade:

[...] as respostas que tentei dar em **Niketche: uma história de poligamia**, que foi colocar as mulheres para falarem sobre sexo, foi uma maneira de dizer que existem outras possibilidades de falar sobre o feminino que são diferentes daquelas formas padronizadas. O homem, quando fala do sexo relacionado à uma mulher, fala normalmente do que ele consumiu, portanto, sua fala é uma expressão do prazer de ter devorado alguma coisa. Já do lado da mulher, o sentimento é algo que salta. Tentei fazer uma espécie de provocação mostrando que o feminino também tem

⁶Publicada originalmente em 2010 pela Revista Scripta de Belo Horizonte-MG e reproduzida pela obra de Maria Geralda de Miranda e Carmen Lúcia Tindó Secco *Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique* de 2013, utilizada para consulta neste estudo.

vez [...] (CHIZIANE, 2013, p. 363 – Grifo das autoras)

Em relação a outro tema abordado de forma recorrente, Chiziane mostra-se contrária ao regime matrimonial de poligamia. Ainda em entrevista para Rosália Diogo, a autora explica que não concorda com a poligamia, por questões culturais e sociais, mas admite que esta possua características positivas. Como ilustração, mostra que o regime não-monogâmico beneficia os filhos, uma vez que, na poligamia estes são reconhecidos e possuem a identidade paterna. No caso da monogamia, os filhos são deixados à marginalidade, já que, independente do regimento do matrimônio os homens continuam a ter filhos, dentro e fora do casamento. Tais posicionamentos da escritora vão de acordo com muitos da personagem principal de *Niketche* (2004), Rami. Essas semelhanças poderão ser notadas no decorrer do presente estudo, a partir do desenvolvimento da análise do romance em questão.

Diante disso, a própria autora (2013) explica que escreve em forma de conversa, de si para outras mulheres, por isso narra aspectos do mundo feminino, das vivências das mulheres e que não reivindica nenhum título de escritora ou feminista, pois o que faz é escrever sobre esse mundo que é só das mulheres. Essa conversa a que Paulina Chiziane se refere é oferecida de forma abundante no romance para qual esta pesquisa se volta. Em *Niketche: uma história de poligamia* (2004), o círculo feminino que protagoniza o romance mostra várias faces desse mundo feminino que a autora da obra constrói, inspirada por aquele que vivencia.

NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA (2004)

O romance escrito por Paulina Chiziane *Niketche: uma história de poligamia* (2004) foi publicado pela primeira vez em 2002 pela editora portuguesa Editorial Caminho, afiliada ao grupo editorial Leya.

No Brasil, *Niketche* foi lançado em 2004 pelo Grupo Companhia das Letras. Esta edição, que será utilizada para consulta deste estudo, conta com 337 páginas divididas em quarenta e três capítulos e um glossário de termos provenientes de etnias e dialetos moçambicanos. Tal impressão conta com a arte do moçambicano Malangatana Ngwenya *Banho da 1ª lua* em sua capa. Em relação à referida arte, a organização Casa Comum, (órgão responsável por preservar e documentar diversas expressões artísticas relacionadas à língua portuguesa) informa que a pintura datada de 1977 encontra-se restaurada e exposta no museu Casa do Artista em Maputo, Moçambique até a

atualidade.⁷

Com revisão de Isabel Jorge Cury e Ana Maria Barbosa, a editora optou por manter o português de Moçambique, portanto, é comum encontrar grafias diferenciadas do português brasileiro no decorrer da leitura, como “gémea” ao invés de “gêmea” (p. 15); “ficámos” ao invés de “ficamos” (p. 50); “cobardia” e não “covardia” (p. 130) e “poiso” no lugar de “pouso” (p. 134), por exemplo. Pode ser notado também o uso do termo “apelido” (p. 39) que pelo contexto, entende-se como equivalente ao que designamos “sobrenome” no português brasileiro. Além disso, há divergências em construções estruturais como: “Quem te disse a ti que o Tony era só seu?” (p. 130). Tal passagem seria considerada redundância no português formal do Brasil por conta do uso tanto do “te” quanto de “ti”. Contudo, é necessário destacar que tal dessemelhança pode também relacionar-se com a oralidade presente em toda a obra da autora.

O romance em questão conta a história de Rosa Maria (Rami), a fiel e submissa esposa do funcionário da polícia, António Tomás (Tony). Por mais que a protagonista siga as tradições patriarcais vigentes no país e as instruções propostas por sua religião e meio social, o marido mantém relacionamentos extraconjugais com outras quatro mulheres residentes em variadas regiões de Moçambique.

Já ao início do romance Rami encontra-se sozinha para cuidar dos filhos e da casa. A partir da narrativa em primeira pessoa, a protagonista afirma estar ciente de onde encontra-se seu marido e o motivo de suas longas ausências. Rami reconhece a existência de uma suposta amante, a qual acredita ser responsável pela decadência de seu relacionamento com Tony. Assim, consciente do endereço, mas incerta de seu nome, sai em busca de quem a narradora designa “essa Julieta ou Juliana” (p. 19) a fim de confrontá-la. Após discussões e combates físicos, Rami inspeciona cada aposento da casa da rival e quando não encontra o marido, é informada por esta mulher, quem descobre ser Julieta, que Tony se relaciona com outra além das duas. A partir de então, Rami repete o processo por diversas regiões de Moçambique ao encontro dessas mulheres, as quais totalizam quatro relacionamentos extraconjugais de Tony, são elas: Julieta, Luísa, Saly e Mauá. Todas estas possuem casas e filhos gerados pelo esposo de Rami.

Em meio à tamanha descoberta, a protagonista questiona se o problema estaria consigo mesma, afinal, seus combates com as amantes de Tony não obtiveram resultados. Assim, diante de seu espelho, reflete sobre o motivo de seu esposo não mais a desejar ao ponto de buscar outras mulheres. A partir de então, recorre a variadas formas para reconquistar o marido, pois como a própria reafirma, está disposta a lutar por seu amor, por seu casamento. Assim, dentre os meios

⁷Informação coletada do website oficial da organização. Endereço virtual listado nas Referências Bibliográficas ao final deste estudo.

alternativos buscados por Rami estão as aulas de iniciação sexual, visitas à curandeiros, tatuagens, diferentes vestimentas, perfumes etc. Desse modo, utiliza-se de diversas e variadas crenças externas ao cristianismo ensinado por sua família, que até então conduz seus costumes e seu matrimônio.

Adiante, Rami aproxima-se das amantes de Tony e com elas, forma um vínculo afetivo, de modo que seu relacionamento inicialmente rival torna-se fraternal. Ao décimo quarto capítulo do romance, Tony completa cinquenta anos de vida e a esposa reconhecida pela sociedade prepara-lhe uma surpresa. Em uma grandiosa festa, onde estão presentes os membros mais importantes do círculo social da família, Rami convida todas as outras esposas e seus respectivos filhos para comemorem o aniversário de Tony. A protagonista justifica que da mesma forma que ela e seus filhos possuem o direito de usufruir dos bens materiais, do lar, da família e da proteção social proporcionados por Tony, as outras esposas e filhos também o possuem. Desse modo, Rami reúne Julieta, Luísa, Saly e Mauá e exige que o esposo assuma o casamento poligâmico, regime matrimonial aceito em diversas regiões de Moçambique, de forma que o marido siga um programa que possibilite uma divisão igualitária perante cada esposa e seus respectivos filhos.

Ao retomar a entrevista de Chiziane para Rogério Manjante em 2002, logo após a publicação do romance, destaca-se a afirmação da autora de que o romance *Niketche* (2004) contém uma mensagem escondida. Tal mensagem seria de que a união entre as mulheres é capaz de melhorar o seu mundo, tal qual ocorrido em sua obra. A escritora afirma também tratar-se de uma história na qual as mulheres falam de si mesmas enquanto falam sobre o mundo das mulheres, dado que coincide como sua própria prática de escrita.

Isto posto, a narrativa se desenvolve através da perspectiva de Rami em relação aos acontecimentos por ela vivenciados, bem como os costumes e tradições que se apresentam ao seu redor. A forma de narrativa abordada contribui para a construção da personagem/narradora, uma vez que, o uso frequente de fluxo de consciência trabalha no desenvolvimento da personalidade da protagonista.

ABORDAGENS DE *NIKETCHE* E CHIZIANE NO ÂMBITO ACADÊMICO

A partir de buscas nas plataformas *online* CAPES e Google Acadêmico foi possível projetar de que forma os estudos sobre *Niketche: uma história de poligamia* (2004) têm sido construídos. Até o momento desta pesquisa, foi possível encontrar na plataforma CAPES, 22 trabalhos acadêmicos, divididos entre 20 dissertações de mestrado e 02 teses de doutorado sobre o romance moçambicano. Dentre essas buscas, a maioria de seus estudos é voltada para o amor poligâmico

contextualizado em Moçambique conforme abordado na obra referida. Contudo, também pode-se identificar abordagens sobre o corpo feminino, bem como a escrita feminina, a ancestralidade e de forma breve, mecanismos de resistência. De maneira mais profunda, estas últimas trazem análises comparativas com outras obras de autoria feminina negra, como os romances de Toni Morrison *Beloved* e de Alice Walker, *A cor púrpura*, trabalhos de Soraya do Lago Albuquerque e Noely dos Santos Pinto, respectivamente. No estudo *A resistência feminina em Niketche: uma história de Poligamia e em A cor púrpura* (2015), Pinto busca a partir da literatura comparada, contemplar as possíveis formas de resistência feminina presente nos romances de Alice Walker e Paulina Chiziane. Ao abordar contextos diferenciados, a estudiosa parte de aspectos como cultura e identidade africanas em conjunto com os estudos diaspóricos, uma vez que, um dos romances é proveniente de África e o outro, estadunidense. Além disso, a pesquisa destaca a escrita de mulheres e sua recepção em ambientes acadêmicos. Por fim, a estudiosa apresenta uma análise das personagens femininas de ambos romances, bem como suas possíveis transformações através de mecanismos de resistência. Também com base na literatura comparada, Albuquerque (2014) volta-se mais especificamente para os estudos pós-coloniais para analisar a escrita de Chiziane em *Niketche: uma história de poligamia e Beloved* de Tony Morrison. Em *O Patchwork literário de Paulina Chiziane e Toni Morrison: um estudo comparativo entre: Uma história de poligamia e Beloved* (2014), a estudiosa parte do princípio do pós-colonialismo para abordar uma autora africana e outra afroamericana. Assim, busca mostrar a forma pela qual ambas utilizam-se da escrita para ressaltar os costumes e culturas de seu povo, bem como as particularidades das mulheres em situações de pós-colonialismo. Por fim, Albuquerque (2014) coloca a literatura como uma forma de empoderamento e subversão feminina diante de possíveis contextos opressivos.

A primeira publicação de Chiziane, *Balada de amor ao vento* (1990), recentemente tem gerado numerosa produção acadêmica incluindo artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Conforme verificado na plataforma Capes, estes trabalhos vêm sendo publicados em maior quantidade a partir do ano de 2010. Estes voltados majoritariamente à questão de gênero, em que engloba-se a escrita feminina, bem como as personagens mulheres e suas particularidades e posições dentro da sociedade moçambicana, na qual são inseridas. Outra obra de destaque da moçambicana trata-se de *O alegre canto da perdiz* (2008), que por sua vez, também tem gerado diversas produções nas áreas literárias e sociais. Neste caso, destaca-se a representação dos corpos femininos, além da memória histórica de Moçambique.

As buscas efetuadas na plataforma Google Acadêmico, mostraram um vasto conjunto de pesquisas voltadas ao objeto literário deste estudo. Entretanto, de modo majoritário, encontram-se

discussões sobre a forma de relacionamento poligâmica e a opressão patriarcal. Foram encontrados 94 trabalhos que possuem o termo *Niketche* em seu título, sendo que 07 deles foram escritos na língua inglesa.

Destaca-se também no banco de pesquisas Google Acadêmico, que o romance de Paulina Chiziane foi citado em aproximadamente 154 estudos. Estes, contudo, voltados para outras áreas ou objetos de pesquisa, inclusive da mesma autora, porém *Niketche* é apenas citado de forma breve, comparativa, ou como informação bibliográfica da escritora. De modo que os resultados das citadas pesquisas mostram uma gama abrangente de produções acadêmicas, um documento específico para esta seleção de pesquisas será anexado ao final deste trabalho.

Mesmo ao considerar que a perspectiva a ser utilizada neste estudo, busca abordar *Niketche: uma história de poligamia* (2004) de forma distinta de pesquisas anteriores, é importante destacar possíveis estudos que debatem temas coincidentes, porém com perspectivas e abordagens diferenciadas. Dentre esses trabalhos, verifica-se o artigo *Dancing in the Mirror: Performing Postcoloniality in Paulina Chiziane's "Niketche: Uma História de Poligamia"* produzido por Meyre Ivone Santana da Silva e publicado em 2017 pela revista *Transnational Literature*. No referido estudo, a discussão principal volta-se para a subversão cultural retratada no romance, no qual a pesquisadora ressalta seu caráter reconstrutor da mulher enquanto sujeito, bem como a reconstrução de sua voz na sociedade pós-colonial. Além disso, estudiosa busca traçar uma analogia entre a narrativa de ficção e a realidade exterior a essa narrativa, o que resulta em uma relação entre literatura e cultura apresentadas no romance.

Outro estudo relevante nessa mesma visada vem a ser a dissertação de mestrado de Maria Inês Francisca Ciríaco: *Moçambique Multicultural E Multilinguístico, Um Estudo De Niketche: uma História De Poligamia* (2015). No referido trabalho são destacados aspectos culturais, linguísticos e históricos não apenas de Moçambique, mas do continente africano de uma forma geral. O estudo tem como fim analisar a ancestralidade do país e sua pluralidade cultural, sempre voltado à identidade nacional. Também são ressaltados aspectos culturais e costumes moçambicanos anteriores à colonização. O romance de Paulina Chiziane é utilizado com o intuito de levantar os elementos nacionais citados acima, a partir de passagens contidas no texto literário que abordem as questões de poligamia e âmbitos semelhantes como o familiar, matrimonial e religioso. Tudo isso, para tentar compreender uma possível formação da identidade nacional do povo moçambicano.

Destacam-se também, outras duas produções protagonizadas por *Niketche* voltadas aos efeitos da poligamia na sociedade moçambicana e de que forma esse sistema matrimonial afeta

seus componentes ao tratar temas como cultura patriarcal e hierarquia social, são elas: *Um olhar sobre a cultura e sociedade em Moçambique: A ficção e a realidade em Niketche: uma história de Poligamia*” (2009) de Erika Tonelli de Araújo; e o artigo *Poligamia, Poder E Representações Sociais Em Niketche, De Paulina Chiziane*(2008) de Letícia Rohrer Colleti. A escrita de Erika Tonelli de Araújo (2009) aborda os referidos temas com foco na construção da identidade da mulher, tal qual seu papel na sociedade. O trabalho de Colleti (2008), por sua vez, a fim de compreender as raízes e mecanismos utilizados em regimes poligâmicos, busca elucidar seus questionamentos com apoio de estudos em antropologia e feminismo. Para tanto, utiliza-se de pensadores como Lévi-Strauss, Gayle Rubin e Michel Foucault. É necessário destacar ainda, que ambas as pesquisas buscam relacionar a poligamia apresentada na ficção de Chiziane com a sociedade contemporânea e não-ficcional.

Por fim, é importante ressaltar um dos livros utilizados como norte sobre a trajetória de Chiziane para esta pesquisa: *Paulina Chiziane, vozes e rostos femininos de Moçambique*. Publicado em 2013, sob organização de Maria Geralda de Miranda e Carmen Lucia Tindó Secco. Este estudo abarca uma gama de ensaios, depoimentos e entrevistas sobre e com a autora. Com o prefácio oferecido por Laura Cavalcante Padilha, o livro já de início denota o caráter a ser apresentado nas seguintes páginas: a preocupação com um futuro melhor para as mulheres contida na escrita de Chiziane, tal qual das organizadoras do trabalho. O livro em questão foi fruto da colaboração entre as autoras a partir do projeto de pós-doutoramento de Maria Geralda de Miranda pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ocorrido entre 2009 e 2010, com a supervisão de Carmen Lucia Tindó Secco. Ao considerar as pesquisas desenvolvidas por leitores de Chiziane, as organizadoras puderam notar a multiplicidade de olhares e posicionamentos diante da escrita e da autora. Por fim, foi organizada uma lista de trabalhos acadêmicos voltados a Paulina Chiziane e o conjunto de sua obra, onde é possível encontrar teses e dissertações produzidas tanto no Brasil quanto no exterior.

A presente pesquisa, por sua vez, buscará tratar da pluralidade identitária feminina representada em *Niketche: uma história de poligamia* (2004). Dessa forma, as diferenças entre as mulheres que constituem a história serão abordadas, a partir do levantamento de aspectos regionais, culturais, etários, além da abordagem das relações de classes e posições sociais. Assim, pretende-se questionar a ideia de identidade unitária, de modo que mesmo em contexto semelhante, as mulheres do romance possam divergir.

Dito isso, este estudo volta-se para os aspectos culturais e identitários contidos no romance de Paulina Chiziane. Para tanto, serão levantados estudos e teorias em relação à cultura

moçambicana, bem como multiculturalismo e pós-colonialismo e seus reflexos na sociedade.

CAPÍTULO 2

MOÇAMBIQUE E O PÓS-COLONIALISMO

MOÇAMBIQUE: HISTÓRIA E COLONIZAÇÃO

Ao se considerar o contexto social ao qual o romance *Niketche: uma história de Poligamia* (2004) pertence, faz-se necessário expor algumas especificidades deste país onde a história é retratada. Moçambique conta com uma pluralidade cultural, linguística e étnica que, em conjunto com o processo de colonização resulta em uma identidade nacional fragmentada, bem como ocorre com grande parte dos países colonizados. Dessa forma, julga-se importante contemplar alguns de seus aspectos históricos e culturais. Para tanto, será abordada de forma breve a história do país, com o intuito de entrelaçá-la com a literatura pós-colonial e as manifestações literárias moçambicanas, representadas neste estudo através da escrita de Paulina Chiziane no romance referido.

Conforme estudo de Valdemir Zamparoni (2012), no século XVI, os portugueses chegaram à costa oriental africana, em busca de uma nova rota marítima para a extração de especiarias em regiões ainda não exploradas. Para tanto, utilizavam os portos onde mantinham suas transações comerciais. A região escolhida para tal fim viria ser o que conhecemos hoje por Moçambique, localizada à costa do Oceano Índico. Ao primeiro contato dos portugueses com a região da atual Moçambique, o local já contava com mercadores árabes e indianos. Portanto, os europeus não gozavam de poder absoluto além de seus “arredores das precárias feitorias semi-fortificadas construídas, algumas poucas pela pressão militar, a maioria sob autorização dos potentados locais [...]” (ZAMPARONI, 2012, p. 26)

Destaca-se também o estudo do moçambicano José Luís Cabaço *Moçambique: Identidade, colonialismo e libertação* (2009) no qual o pesquisador apresenta dados históricos e culturais que indicam a fragmentação cultural do país como um dos resultados do colonialismo. O estudioso mostra que ao final do século XVIII Portugal buscava reorganizar seus territórios coloniais sem possuir, entretanto, recursos necessários para tal fim. Até o período citado, o território foi explorado pelos portugueses como rota marítima para a Índia, resultado da inspiração ilusória de que uma quantidade imensurável de ouro e prata seria encontrada. De acordo com Fujisawa e Kaczorowski (2016) essa seria uma consequência da Conferência de Berlim em 15 de novembro de 1884 e 26 e fevereiro de 1885, onde os países europeus reuniram-se para negociar os domínios

territoriais africanos. Portugal, por sua vez, buscava o domínio colonial de Angola e Moçambique para facilitação de seu comércio marítimo.

Contudo, Cabaço (2009) mostra que naquele tempo a economia marítima atingia outros âmbitos além do comércio de especiarias e a busca por pedras preciosas. Foi a partir das duas primeiras décadas do século XVIII que o comércio de seres humanos teve maior impulso, a partir dos mercadores franceses com seus navios negreiros. De acordo com o pesquisador, o tráfico de pessoas crescia de forma abundante, de modo que a busca pela mão-de-obra tenha sido maior que a oferta, o que gerou a prosperidade de exploração da mão-de-obra escravizada.

Valdemir Zamparoni (2012), por sua vez, com apoio no pesquisador Gerhard Liesegang, explica:

Entre 1770 e 1850, o tráfico de escravos constituiu-se na principal atividade econômica da colônia [portuguesa]. Em 1829, das rendas alfandegárias 75% eram oriundas do negócio de escravos, o que permitiu e exigiu a expansão de uma rede administrativa colonial que, ainda que não conseguisse fazê-lo como o desejado, buscava o controle dos portos como condição básica para a metrópole exercer o seu poder arrecadador, além de propiciar negociações tanto a particulares quanto a agentes do Estado. (ZAMPARONI, 2012, p. 28)

Além disso, Cabaço (2009) afirma que na passagem do século XVIII para o século XIX, quando o conceito de “trabalho livre” se instaurou e com o advento do liberalismo industrial, a Europa viu-se coagida a findar o mercado de seres humanos. O pensador explica que naquele momento, Portugal mantinha dependência econômica à Inglaterra, cujo império impôs o antiescravismo ao país lusitano por não mais coincidir com a agenda econômica inglesa. Contudo, Cabaço reitera que naquele momento os portugueses consideravam inviável a abolição da escravatura em suas colônias na África, de forma que:

O regime escravocrata persistiu oficialmente nas colônias portuguesas até abril de 1878, quando foi substituído por regimes laboristas especiais que incluíam o trabalho forçado. O tráfico a partir de Moçambique atingiria o seu máximo na primeira metade do século XIX, beneficiando-se da atenção dos britânicos, após a ilegalização desse comércio, se concentrar principalmente no controle das rotas atlânticas. Depois desse período, foi perdendo progressivamente importância, mas apesar do tratado luso-britânico de 1840 (o qual equiparava tráfico negreiro à pirataria e autorizava a inspeção pela marinha britânica de embarcações portuguesas), a ambiguidade legislativa permitiu que o comércio escravista nas costas de Moçambique continuasse até a alvorada do século XX [...] (CABAÇO, 2009, p. 52)

Para além da exploração da mão-de-obra escravizada, é importante se considerar que no

decorrer do processo de colonização, todos os rituais, costumes e religiões africanas, praticados em Moçambique anteriores ao período colonial, eram vistos como selvagens e indignos de reconhecimento pela mentalidade lusitana. Por conta desse entendimento, foram necessárias modificações no relacionamento entre os colonialistas e a população nativa. Dentre essas modificações, partiu dos colonialistas a implantação do sistema dos regulados que consistia no que Alcinda Manuel Honwana (2002) explica como:

O estabelecimento do sistema dos regulados e a nomeação e imposição de chefes nativos locais, chamados régulos para governarem pequenas áreas de jurisdição, os regulados, o processo de bifurcação do Estado colonial. Os régulos designados não eram, necessariamente, os chefes genuínos das respectivas zonas (os de linhagem real) eram escolhidos em substituição dos chefes tradicionais, cuja ligação estreita com o Estado Nguni de Gaza era considerada uma ameaça ao domínio colonial. [...] Os régulos tinham também de recrutar mão-de-obra para a indústria mineira na África do Sul. O não cumprimento dessas funções podia levar a punições de vária ordem por parte das autoridades coloniais portuguesas. (HONWANA, 2002, p. 125-126)

Além do controle comercial, o sistema de régulos também foi responsável por coletar impostos e fazer a mediação entre as populações nativas e o poder colonial. Por isso, esse grupo era formado por nativos, que, entretanto, não possuíam poderes efetivos, ao contrário: “Tinham que obedecer rigorosamente às ordens coloniais e ser dóceis - doutro modo seriam substituídos e até punidos como qualquer outro nativo.” (HONWANA, 2002, p. 126).

A Universidade de Coimbra disponibiliza em sua página virtual o estudo da historiadora moçambicana Teresa Maria da Cruz e Silva (2019)⁸ no qual a pesquisadora disserta sobre a história de seu país natal. Cruz e Silva (2019) explica que em 1962 foi fundada a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e que após mais de dez anos de luta e conflito armado, a organização foi responsável pela luta por libertação nacional, que resultou na proclamação de sua independência em 25 de junho de 1975. O *website* oficial do governo moçambicano, por sua vez, informa que o nascimento da FRELIMO se deu por conta da opressão e do fascismo colonial português, de forma que o povo de Moçambique não encontrou alternativa exceto o enfrentamento por meio da resistência armada.

A partir da independência, a FRELIMO buscou construir na sociedade moçambicana uma nação socialista. Entretanto, prossegue Cruz e Silva (2019), já em 1976 o país enfrenta tamanha instabilidade, a qual resulta em uma ampla guerra civil. No decorrer da década de 1980, surge em oposição ao governo, o movimento da Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO).

⁸Data do acesso, uma vez que o conteúdo virtual em questão não se encontra datado.

De volta à página virtual do governo moçambicano, o documento informa que no início da década de 80, o país vivenciou um grande conflito armado entre a RENAMO e a FRELIMO, esta até então responsável por administrar o país. Finalmente, em 1992, ambos partidos assinam o acordo de paz com o intuito de findar as hostilidades.

A estudiosa Teresa Maria da Cruz e Silva (2019) comenta também que todas as transições políticas, em conjunto com o período colonial e crises econômicas pós-independência geraram resultados diretos na qualidade de vida da população moçambicana, uma vez que, a impossibilidade do estado em administrar a economia e em consequência falhar em promover o bem-estar social causa efeitos negativos e elevam o nível de pobreza e violência. Em 1994, o país obteve suas primeiras eleições gerais, quando a FRELIMO obteve novamente o poder, resultado repetido em 2000 e 2004.

Sobre o âmbito econômico, Cruz e Silva (2019) afirma que Moçambique conta com maior parte de sua população no âmbito rural, de forma que a economia do país é baseada principalmente na agricultura. Ainda de acordo com a historiadora, o processo de colonização portuguesa resultou na linguagem lusófona como oficial do país. Entretanto, a nação dispõe de variados dialetos como os idiomas *macua* e *maconde*, homônimos às suas respectivas etnias moçambicanas anteriores à colonização. A pesquisadora informa ainda que apesar de a língua portuguesa ser considerada a oficial de Moçambique, apenas 5% da população a tem como língua materna, conforme censo de 1997.

Em relação a Moçambique atual, Josué Bila (2013) explica que o colonialismo e a administração colonial portuguesa contribuíram de forma enfática com a desigualdade social e a miséria presentes no país. De acordo com o estudioso:

A exclusão social, a pobreza, a fome e a miséria são as mazelas de que, ontem e hoje, os moçambicanos padecem, em virtude dos processos produtores de desigualdades econômicas, sociais, políticas e até culturais, se tomarmos cultura em dimensão de bens de literatura escrita, artes de racionalidade urbana e não só. (BILA, 2013, p. 63)

Todavia, o pesquisador não atribui essas mazelas apenas ao sistema colonial. Segundo ele, a administração da FRELIMO tem sido negligente em âmbitos sociais, e de direitos, além do favorecimento político, social e financeiro a pequenos grupos. Tal processo é denominado por Bila como “indústria moçambicana de privilégios”, a qual resulta na concentração de riquezas e recursos de modo que seus detentores monopolizem tanto bens capitais quanto sociais e culturais.

Josué Bila (2013) recorre à entrevista do antigo Primeiro-ministro moçambicano Mario

Machungo em 1990 quando este reitera que tamanha desigualdade no país deve-se ao fato de que “certos grupos ou indivíduos do meio político e econômico ostentam nas grandes cidades uma riqueza inexplicável de Primeiro Mundo, inexplicável à situação econômica do país.” (BILA, 2013, p. 64)

Dito isso, é possível conceber que em conjunto com as consequências do colonialismo, o monopólio do poder por pequenos grupos privilegiados pode contribuir para a privação dos direitos da maior parcela da nação. Bila acredita que à grande parte da população é em vão almejar posições sociais elevadas, bem como o acesso à cultura, política e economia. Assim, o pensador conclui:

[...] o que causa a exclusão social, miséria, fome e pobreza são os processos produtores de desigualdade social e não necessariamente a falta de recursos. Moçambique tem recursos, mas estão mal distribuídos, por um lado. Por outro, recursos humanos e materiais há que não estão sendo produzidos, porque a sua existência e consequente distribuição aos beneficiários de direitos humanos e políticas públicas não interessam a quem detém o poder. (BILA, 2013, p. 65)

Dito isso, considera-se que tanto o colonialismo quanto as formas de poder obtidas após a independência influenciam na história da nação onde a história de *Niketche: uma história de poligamia* (2004) é construída. Portanto, serão abordados aspectos comuns às sociedades em situações semelhantes a Moçambique, com apoio em estudiosos do tema, para assim, buscar compreender os aspectos culturais e sociais relativos ao país apresentados pela obra de Paulina Chiziane.

PONTOS DE PARTIDA: PÓS-COLONIALISMO E CULTURA

Como mencionado, por se tratar de um país em situação de pós-independência do processo colonial, faz-se necessário ressaltar alguns aspectos, de modo que o ponto de partida a ser abordado vem a ser o pós-colonialismo. De acordo com Ashcroft *et al* (1995), utiliza-se a designação “colonial” para se referir ao período anterior à independência de países colonizados. Entretanto, o termo pós-colonial não é definido simplesmente como o período a seguir. Quando busca-se definir o termo “pós-colonialismo” surgem divergências entre diversos pesquisadores do tema. Ao considerar que a referida área de estudos abarca temas como cultura, linguagem, religião e outros aspectos de países em situação de pós-independência, tal abrangência torna compreensível sua diversidade de definições, de forma que tamanha pluralidade de conteúdo faça com que a área exceda uma única definição.

A expressão “pós-colonial” para Ashcroft *et al* (1995) pode ser compreendida como denominação que contempla aquilo que é proveniente de povos que passaram por processos de colonização. Como exemplo é possível citar diversas regiões do continente africano, países latinos e ilhas caribenhas.

Thomas Bonnici (2009), por sua vez, explica que o interesse dos estudos coloniais trata da “história de grupos subalternos, necessariamente fragmentária, já que sempre está submetida à hegemonia da classe dominante, sujeito da história oficial”. (BONNICI, 2009, p. 265),

Também em relação ao tema, o teórico marxista Terry Eagleton (2016) afirma que o termo “pós-colonialismo” surgiu como substituto para “terceiro-mundismo”. O pensador argumenta que após tentativas fracassadas de revoluções em países de terceiro-mundo, a teoria pós-colonial surgiu devido à impossibilidade dessas nações em desenvolverem novas revoluções ou se libertarem do capitalismo comandado pelo ocidente.

Eagleton discute também a questão cultural em contextos da pós-modernidade. Em seu trabalho *A ideia de cultura* (2005), ao partir de questionamentos etimológicos, o pensador busca debater a origem do termo “cultura”, para assim, compreender o seu sentido. Entretanto, as inúmeras possibilidades impedem que uma definição única e exata seja construída, portanto, o estudioso discorre sobre suas variações.

O estudioso (EAGLETON, 2005, p. 13) comenta as relações de cultura com aspectos como religiosidade, história e filosofia. Ainda de acordo com critérios etimológicos, o pensador faz a relação entre a cultura e a natureza, o artificial e o natural, e assim reflete que a cultura seria também “aquilo que fazemos ao mundo e aquilo que o mundo nos faz”. Dessa maneira, é possível conceber que o ser humano não é exclusivamente passivo ou ativo em relação à cultura, tal relação funciona de forma dúbia, ao passo que ambas as partes estão sujeitas a agir e coagir. Tanto que, no mesmo âmbito, o pensador recorre à origem da palavra “cultura” que significa “lavoura”, e ao partir desse ponto considera que “O cultural é o que podemos alterar, mas a matéria a ser alterada tem a sua própria existência autônoma, o que lhe confere algo de recalcitração da natureza”. (EAGLETON, 2005, p. 15)

Terry Eagleton debate ainda a questão da cultura enquanto modalizadora da sociedade. Ainda partindo da etimologia, Eagleton (2005) comenta que a cultura pode funcionar também para o “cultivo” e o aperfeiçoamento dos seres humanos. Por outro lado, ao se adotar a cultura enquanto modalizadora centraliza-se o “eu” e com isso, o termo “cultura” mais uma vez é entendido de maneira dicotômica:

Sendo a cultura entendida como autocultura, estabelece-se uma dualidade entre faculdades mais e menos elevadas, vontade e desejo, razão e paixão, que aquela se oferece instantaneamente para ultrapassar. Agora, a natureza já não é apenas a matéria do mundo, mas a perigosamente apetecível matéria do eu. [...] A cultura é, assim, uma questão de autodomínio tanto quanto de auto-realização. (EAGLETON, 2005, p. 16)

Quando afirma que a cultura se trata de uma questão tanto de autodomínio, quanto de autorrealização, Eagleton discorre, também no âmbito social, sobre a relação entre cultura e identidade. Desse modo, afirma que a cultura refere-se a: “uma espécie de pedagogia ética que nos torna aptos para a cidadania política através da libertação do eu ideal ou coletivo sepultado em cada um de nós, um eu que encontra a sua suprema representação no domínio universal do Estado.” (EAGLETON, 2005, p.18)

Em estudo mais recente, o pensador vai delinear a relação de cultura com aspectos históricos e sociais. De acordo com o autor, a questão cultural está ligada diretamente com acontecimentos históricos e os formatos de sociedades. Mais voltado para as ideias culturais contemporâneas, o estudioso escreve que estas tiveram início desde a segunda guerra mundial onde os movimentos pelos direitos civis e de libertação nacional, as revoluções estudantis e pelos direitos das mulheres tiveram grande impacto em uma transformação cultural, conforme explica:

Foi uma época na qual a sociedade de consumo estava sendo lançada com fanfarras; na qual a mídia, a cultura popular, as subculturas e o culto da juventude surgiram pela primeira vez como forças sociais e os costumes tradicionais começavam a ser alvos de ataques satíricos. Toda a sensibilidade da sociedade havia passado por uma das suas transformações periódicas. (EAGLETON, 2016, p. 44)

A crítica de Eagleton (2016) é baseada na perspectiva de que a cultura tenha sido transferida de seu ponto de partida. Ao passo que as ideias culturais tiveram seu surgimento como manifestação da população revoltada e marginalizada, carregada de crítica às classes altas, o advento do capitalismo foi capaz de absorver também os meios culturais. Dado que, de acordo com o pensador teria dissociado o conceito de cultura daquilo que teria lhe dado início, as manifestações populares e acessíveis para passar a um parâmetro mais estrito e voltado para fins lucrativos.

Relacionada ao contexto pós-colonial, por sua vez, Terry Eagleton (2005) explica que a questão social seria consideravelmente envolvida com o conceito de cultura. O estudioso comenta sobre as guerras culturais, nas quais entram em conflito cultura “elevada” e “vulgar”. Além disso, explica que na atualidade a arte “elevada” por ter se tornado um ramo comercial, não mais se restringe a classe burguesa. Segundo ele, ambas as formas de arte: “[...] tem também sido

desgastada por gêneros como o cinema, que tem conseguido produzir um impressionante conjunto de obras-primas agradando a praticamente toda a gente.” (EAGLETON, 2005, p. 74)

A partir dessas e de outras variadas descrições, nota-se que não é possível delimitar uma única definição capaz de contemplar o sentido de cultura para o pesquisador. Bem como os estudos do pós-colonialismo, a definição de cultura faz-se inviável, uma vez que, as áreas de pesquisa referidas são capazes de abranger uma extensa e complexa gama de objetos para seus estudos. Do mesmo modo, a cultura compreende grande pluralidade, a qual envolve aspectos sociais, geográficos e dentre outros, o que impede apresentar uma determinação do termo.

Terry Eagleton (2005) afirma também que a cultura não está intrínseca nem totalmente dissociada de aspectos sociais, de forma que em certo ponto funciona como crítica à vida em sociedade, mas que em contrapartida reafirma esse estilo de vida. Esta relação entre cultura e pós-colonialismo coloca-se de forma essencial para a abordagem adotada neste trabalho, uma vez que, o contexto do romance analisado trata-se de um país em situação pós-colonial, bem como pela quantidade de elementos culturais abordados em tal obra.

Multiculturalismo e a Identidade do Sujeito Pós-Colonial

Stuart Hall (2005) argumenta que as identidades e o pós-modernismo têm sido vastamente discutidos no campo dos estudos sociais. A grande quantidade de trabalhos nos referidos âmbitos é justificada pela desestabilização das identidades como eram entendidas em outros tempos. Hall (2005) questiona a ideia de que essas identidades proporcionavam certa estabilidade à sociedade. Assim, o pensador entende que o surgimento de identidades fragmentadas e sujeitos heterogêneos teriam desestabilizado a ideia de uma suposta identidade unificada. O estudioso explica que a “crise de identidade” teria causado esse abalo que, por sua vez, seria: “[...] vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.” (HALL, 2005, p. 07)

Dito isso, coloca-se que a crise de identidade a ser discutida na presente pesquisa relaciona-se com diversos conceitos levantados por Hall (2005), mas principalmente o que é designado como “Identidade Cultural”. O pesquisador debate que a formação dessa identidade partiria da sensação de “pertencimento”, o qual formaria-se a partir de aspectos como raça, etnia, religião, entre outras características, sobretudo nacionais. O pesquisador comenta que se posiciona de modo favorável à ideia de identidades deslocadas ou fragmentadas, e admite que o conceito seja altamente complexo

e pouco desenvolvido na esfera dos estudos sociológicos além, de lhes alcunhar como “descentradas”.

Hall (2005) faz também em seu estudo, uma relação entre a modernidade, a globalização e seus impactos na sociedade, e em consequência, nas identidades dos sujeitos que dela fazem parte. Para compreender a relação entre identidade fragmentada e sociedade, Hall (2005) parte da seguinte reflexão:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL, 2005, p. 09)

A fim de delinear a questão das identidades, Hall (2005) as define em três concepções: Sujeito do Iluminismo, Sujeito Sociológico e o Sujeito Pós-moderno. Este último é o de maior interesse e sujeito desta pesquisa. O estudioso explica que o sujeito pós-moderno não possui uma identidade unificada ou permanente. Ao invés disso, a identidade pós-moderna pode se modificar de acordo com o tempo e espaço em que o sujeito habita. Deve-se considerar também que essa identidade é de caráter histórico e não biológico. O pensador comenta ainda sobre a inexistência de identidades fechadas, completas. Para tanto, afirma que:

[...] deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza, que é “preenchida” a partir do nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. (HALL, 2005, p. 39)

O estudioso também tece comentários em relação às identidades nacionais e afirma que a nacionalidade na qual nascemos constitui um dos mais importantes componentes da identidade cultural. Mesmo assim, compreende que não existe de fato uma hegemonia de identidade nacional como se parece. Isso se dá, pois conforme o pensador destaca “as nações são sempre compostas de diferentes classes sociais e diferentes grupos étnicos e de gênero”. (HALL, 2005, p. 60)

Dessa forma, é possível perceber que a identidade não pode ser entendida como algo completo ou fechado. Pelo contrário, deve-se ter consciência de que um sujeito não pertence unicamente a uma determinada esfera social como nação, classe e diferentes culturas. Forma-se assim, o que Hall (2005) denomina “sujeito-fragmentado”. A partir disso, é possível conceber que a identidade do sujeito pós-moderno é inevitavelmente fragmentada, tanto em níveis culturais quanto

geográficos.

É importante se considerar que outra razão para formação de culturas híbridas e fragmentadas deve-se a opressão sofrida por regiões colonizadas, de modo que, o pensador destaca que essas nações sofreram uma repressão de suas culturas em relação às culturas do colonizador. De modo que conforme afirma o teórico, todas as nações modernas são híbridas culturalmente. (HALL, 2005)

Com isso, um aspecto que não pode ser dissociado da ideia de cultura nacional, uma vez que, depende dela para sua formação, é a identidade dos sujeitos que compõem tal contexto social. Sobre as culturas nacionais de modo específico, Homi Bhabha (1998) disserta sobre a destituição de culturas contemporâneas, resultado de deslocamentos como a escravidão. Essa destituição destaca-se em sociedades pós-coloniais à procura de suas respectivas identidades nacionais por meio da cultura. Tal busca é muitas vezes engajada na tentativa do resgate da cultura entendida como tradicional do país (anterior ao processo de colonização), e como consequência, a recusa daquela imposta pelo colonizador. No mesmo domínio, Bhabha comenta sobre a relação e o embate entre culturas diante do sistema pós-colonial:

Tais culturas de contra-modernidade pós-colonial podem ser contingentes à modernidade, descontínuas ou em desacordo com ela, resistentes a suas opressivas tecnologias assimilacionistas; porém, elas também põem em campo o hibridismo cultural de suas condições fronteiriças para “traduzir”, e, portanto reinscrever, o imaginário social tanto da metrópole como da modernidade. (BHABHA, 1998, p. 26)

O excerto acima pode ser relacionado com a questão do hibridismo cultural em sociedades pós-coloniais. Isso ocorre principalmente por conta do embate cultural entre as tradições nacionais do país colonizado e as imposições do colonizador. É importante destacar que nos contextos referidos, as imposições podem gerar variadas reações, como a recusa da cultura do colonizador ou a sua assimilação, esta, por sua vez, acontece quando o colonizado adere aos costumes e crenças impostos pelo poder colonial. Esse embate cultural resulta no conflito entre a tradição e a modernidade, e assim, causa uma forma de hibridismo cultural em sociedades coloniais e pós-coloniais.

Em ensaio sobre a questão da diferença no colonialismo, Bhabha (BHABHA, 1992, p. 177) disserta sobre o discurso colonial, com suas discriminações e imposições de estereótipos. O pensador destaca a postura violenta com a qual o poder colonial impõe-se ao colonizado sob o discurso civilizatório e “[...] assim como sua prática de autoridade desloca uma ambivalência que representa uma das mais significativas estratégias discursivas e físicas do poder discriminatório –

quer seja racista ou sexista, periférico ou metropolitano.” Assim, a criação de estereótipos funciona como uma forma de imposição do colonizador, ao passo que este coloca seus hábitos e crenças como melhor desenvolvidos e marginaliza os saberes e costumes já presentes na região colonizada.

Dessa maneira, o poder colonial passa a subjugar as particularidades de indivíduos em regiões colonizadas, de forma a marginalizar os aspectos históricos e culturais de um coletivo. O entendimento do pesquisador aponta que o: “[...]discurso colonial sugere que o ponto de intervenção deve mudar da identificação de imagens como positivas ou negativas para uma compreensão dos processos de subjetividade tornados possíveis (e plausíveis) por meio de discurso estereotípico”(BHABHA, 1992, p.178)

Desse modo, nota-se que a estratégia colonial em formar estereótipos funciona com a criação de um maniqueísmo, no qual o colonizado é portador de todos os aspectos negativos, enquanto o colonizador apresenta novas formas de cultura, saberes e crenças, como superiores. Tal forma de manipulação pode resultar na rejeição do sujeito colonizado perante sua própria identidade nacional, o que o faz buscar identificação com a figura do colonizador. Dessa perspectiva ocorre a ideia de assimilação, na qual o colonizado assume (assimila) aspectos como religião, costumes e linguagens do colonizador, para assim, adquirir uma suposta proximidade deste.

Nesse mesmo âmbito, Bhabha (1992) destaca que a objetificação do sujeito do colonialismo é construída pelo poder colonial perante um discurso reforçado por preconceitos tanto de gênero quanto de raça. O questionamento do pensador volta-se à forma pela qual é representada a diferença nesses discursos, uma vez que, ao partirem da perspectiva do poder colonial, são restritas ao seu entendimento. De acordo com o pesquisador, como consequência, o objetivo do discurso colonial se concentra em construir o colonizado como população do tipo degenerado, tendo como base uma origem racial para justificar a conquista e estabelecer sistemas administrativos e culturais. (BHABHA, 1992, p. 179;184)

A partir dessas discussões, ao relacionar estudos pós-coloniais e cultura, faz-se compulsório ressaltar também as várias concepções de multiculturalismo, noção muito presente em sociedades contemporâneas. Thomas Bonnici (BONNICI & ZOLIN, 2009, p. 280) discute multiculturalismo como “reconhecimento da diferença e o direito à diferença, colocando em questão o tipo de tratamento que as identidades tiveram e ainda têm nas democracias tradicionais”. O estudioso explica que a partir dos anos 1980, o termo “torna-se uma palavra-código vinculada aos significantes que incluíam ‘ação afirmativa’ contra ‘raça’ e racismos”. Mais adiante, já na década de 1990, seu significado passou a agregar questões homossexuais e lésbicas. Assim, o pensador

sintetiza que o multiculturalismo poderia ser definido como: “[...] conjunto de políticas para a acomodação de povos diaspóricos (não-brancos) e de minorias, ou seja, uma resposta liberal para contornar a realidade racializada destas sociedades e frequentemente para esconder a existência do racismo institucionalizado.” (BONNICI, 2009, p. 281)

Aqui faz-se necessário destacar brevemente que o conceito de minoria não pode ser designado em sentido quantitativo. De acordo com Avtar Brah (BRAH, 2005, p. 188), o termo “minoria” [*minority*] refere-se a uma questão de posição que só pode ser definida em termos políticos, o que contempla exploração econômica, manipulação social e dominação ideológica.

Homi Bhabha (1998) compreende a diversidade cultural como um dos fatores responsáveis pelo aparecimento do multiculturalismo. Para defender seu posicionamento, o pensador explica que:

A diversidade cultural é o reconhecimento de conteúdos e costumes culturais pré-dados; mantida em um enquadramento temporal relativista, ela dá origem a noções liberais de multiculturalismo, de intercâmbio cultural ou da cultura da humanidade. A diversidade cultural é também a representação de uma retórica radical da separação de culturas totalizadas que existem intocadas pela intertextualidade de seus locais históricos, protegidas na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única. (BHABHA, 1998, p. 63)

Com isso, considera-se que o entendimento de multiculturalismo em perspectivas liberais, abarca diversas manifestações culturais colocadas à margem, como aquelas provenientes de países de terceiro mundo, criadas por mulheres, pessoas não-brancas e fora dos centros canônicos europeu e estadunidense. Isso se dá, pois, as manifestações das chamadas minorias são vistas como excepcionais, ao passo que as manifestações culturais de caráter eurocêntrico são impostas como padrão, de maneira conservadora e totalitarista, fechando-se em uma suposta coletividade homogênea.

Stuart Hall (2003), por sua vez, discute a forma heterogênea e oscilante do surgimento do termo “multiculturalismo”. Devido à diversidade de temas contemplados pelo multiculturalismo, não é surpreendente que seu surgimento também tenha ocorrido de forma difusa, pois deve-se levar em conta que o próprio termo se declara “multi” e aborda aspectos culturais de variadas nações, línguas e culturas. Assim, Hall (2003) acredita que a própria complexidade do termo faz imprescindível a continuidade dos estudos e questionamentos em relação a ele.

Outra estudiosa do multiculturalismo, Shirley Steinberg (2001) reúne diversas pesquisas sobre as questões multiculturais. Dentre elas, encontra-se o debate de Paul R. Carr e Darren E. Lund, no qual é abordada a diversidade presente no âmbito cultural. Os estudiosos destacam a

ausência de abordagem da branquitude [*whiteness*] dentro dos estudos de raça. Esse ponto justifica-se pela imposição da supremacia branca, de forma que, ao se colocar como padrão, a branquitude deixa de considerar-se raça.

Ao se falar em branquitude, faz-se necessário destacar a formação de blocos de poder [*Power Blocs*], estudada por Steinberg com apoio de estudiosos como John Fiske (1993), que por sua vez, baseia-se em Gramsci e Stuart Hall. Em tradução literal, os blocos de poder, consistem na divisão fragmentária e desigual de variadas formas de poder. Fiske (1993) argumenta que os detentores de poder não constituem uma classe definida, ao contrário, estes podem se modificar de acordo com contextos sociais específicos. Assim, aspectos como raça, classe e gênero são definitivos ao se referir à formação de *Power Blocs*, de modo que determinados sujeitos possuem maiores privilégios que outros.

Ainda com apoio em Fiske (1993), Steinberg (2001) explica que os maiores beneficiados pelos blocos de poder buscam manter esse sistema, bem como seus interesses como classe dominante. É importante ressaltar que neste ponto, classe dominante não se refere exclusivamente às classes econômicas, inclui-se também as relações de gênero, raça, sexualidade, dentre outros.

Neste momento, destaca-se aqui a supremacia branca como bloco de poder, ou seja, as relações de raça. Steinberg (2001) discute que a supremacia branca mantém seu poder ao ocultar sua existência. O uso de tal mecanismo não significa que a branquitude não exista, pelo contrário, esta invisibiliza seu caráter racial em contextos multiculturais, pois não se coloca como raça. Ao invés disso, a branquitude impõe-se como superior a discussões étnicas e culturais, de forma que se estabelece como norma e assim, mantém seu bloco de poder.

Como pode ser notado no estudo de Steinberg (2001), a supremacia branca faz-se presente em diversas sociedades. O poder da branquitude é, segundo a pesquisadora, muitas vezes mascarado discursiva e retoricamente. Os âmbitos sociais, profissionais e financeiros são evidentemente dominados por brancos, em sua maioria, homens. Ainda assim, Steinberg (2001)⁹ explica que o referido bloco de poder é capaz de suprimir a própria branquitude, ao passo que: “Como cultura dominante a branquitude é capaz de medidas sofisticadas de auto-justificativas que funcionam melhor quando a desigualdade social no poder de vários grupos é escondida da vista – as quais os brancos lucram injustamente.” (STEINBERG, 2001, p. 20)¹⁰

Com isso, é importante lembrar, que por definição, os blocos de poder são variados. Além

⁹Steinberg (2001) baseia-se neste ponto, nos estudos de Jordan (1995), Fiske (1994), Nakayama e Krizek (1995) e Merleman (1995).

¹⁰Traduzido do original: As the dominant culture, whiteness is capable of sophisticated measures of self-justification that work best when social inequities in the power of various groups is hidden from view— inequities from which whites profit unjustly.

da hierarquia racial dentro dos *Power Blocs*, há também outras formas de poder, como as relações de gênero. Estas, por sua vez, são reafirmadas e mantidas pelo patriarcalismo, construção social na qual os homens são privilegiados em relação às mulheres.

Desse modo, é possível ter uma breve noção da inconstância e das fragmentações dos blocos de poder. Como exemplo, uma mulher branca pode possuir maiores privilégios sociais em relação a um homem negro ou indígena por conta de discriminações de raça. Por outro lado, um homem negro de classe média ou alta pode (ou não) ser mais privilegiado que um homem branco de classe baixa. Bem como, um homem sem grande poder aquisitivo pode receber maiores privilégios sobre as mulheres por preconceitos de gênero. Esses privilégios, por sua vez, podem ocorrer em contextos profissionais, acadêmicos, artísticos, dentre outros.

Virginia Lea, também compondo o estudo de Steinberg (2001) reitera a imposição da branquitude enquanto norma. Por seu lado, a estudiosa ressalta a importância de conceber as formas pelas quais a supremacia branca tem constituído grupos não-brancos como sujeitos inferiores. Lea (2001) explica que estruturas capitalistas e neoliberais contribuem para o crescimento de uma hierarquia, onde a branquitude encontra-se em posição de privilégio em relação a outros grupos raciais.

Voltada ao contexto educacional, Virginia Lea (2001) destaca a necessidade da abordagem multicultural para que seja construída a consciência sobre a multiplicidade de culturas existentes. Bem como, despertar o pensamento crítico no que se refere à imposição cultural da branquitude, inclusive para componentes do referido grupo.

Já na abordagem de Tomaz Tadeu Silva (2005) destacar a pluralidade cultural da sociedade contemporânea tornou-se lugar-comum apesar de paradoxal, de forma que:

Ao mesmo tempo que se tornam visíveis manifestações e expressões culturais de grupos dominados, observa-se o predomínio de formas culturais produzidas e veiculadas pelos meios de comunicação de massa, nas quais aparecem de forma destacada as produções culturais estadunidenses. [...] A “diversidade” cultural é, aqui, fabricada por um dos poderosos instrumentos de homogeneização. [...] O exemplo também serve para mostrar que não se pode separar questões culturais de questões de poder. (SILVA, 2005, p. 85)

Ao destacar as produções culturais estadunidenses, Silva (SILVA, 2005, p. 86) utiliza-se de uma das maiores potências mundiais para exemplificar as relações entre cultura e poder, e assim analisa a ambiguidade do multiculturalismo. De acordo com o pesquisador, uma vez que, o movimento contempla a reivindicação cultural de grupos marginalizados dentro de seus próprios países, também depende das relações de poder que “antes de mais nada, obrigaram essas diferentes

culturas raciais, étnicas e nacionais a viverem no mesmo espaço.”. Diante disso, nota-se o envolvimento do multiculturalismo com as relações de poder perante a comercialização da diversidade cultural, de forma que não é raro encontrar um restaurante japonês no Brasil, ou um tailandês em Londres, por exemplo.

O estudioso comenta ainda que alheias às relações de poder, a visão antropológica de multiculturalismo poderia ser denominada como “multiculturalismo liberal” ou ainda “multiculturalismo humanista”. Isso porque considera que de acordo com tal visão não seria possível estabelecer uma hierarquia entre as culturas, de forma que uma não possa ser vista como superior a outra. Desse modo, “[...] as diversas culturas seriam o resultado das diferentes formas pelas quais os variados grupos humanos, submetidos a diferentes condições ambientais e históricas, realizam o potencial criativo que seria uma característica comum de todo ser humano.” (SILVA, 2005, p.86)

Dessa forma, é possível considerar que as manifestações culturais de sociedades vítimas do colonialismo, sejam aquelas contemporâneas ou posteriores a este, permanecem à margem do cânone artístico, por motivos diversificados. Anteriores à independência, essas manifestações foram subjugadas e definidas como inferiores pelo poder colonial, os quais buscavam impor sua cultura sobre a do colonizado. Então, os sujeitos colonizados buscam novos meios para se expressar, bem como resgatar sua cultura, ou até mesmo gerar uma nova. Uma das formas proeminentes da busca pela identidade cultural no pós-colonialismo faz-se através de manifestações literárias. Uma vez que, tal forma de manifestação cultural é o cerne do presente estudo, suas características e particularidades ilustradas na obra de Paulina Chiziane, *Niketche: uma história de poligamia* (2004), serão discutidas adiante.

CAPÍTULO 3

MOÇAMBIQUE MULTICULTURAL

A ARTE EM MANIFESTAÇÕES LITERÁRIAS EM CONTEXTOS PÓS-COLONIAIS

De acordo Ashcroft *et al* (2001), o advento do modernismo teria modificado a forma burguesa de pensar a arte, especialmente na Europa. Isso, pois no final do século XIX as manifestações artísticas guiadas por tal ideologia passaram por uma ruptura radical diante da pluralidade cultural e suas representações para além do continente europeu. Em outro estudo, Ashcroft (1989) discute a relação entre as culturas dominantes, ao passo que estas entram em contato com a cultura africana diante do processo do colonialismo e explica:

Mesmo enquanto as culturas dominantes estavam envolvidas violentamente em suprimir as culturas “selvagens” que encontraram na África Oriental e Ocidental, eles importavam para a Europa, como saque, a revelação de uma visão alternativa do mundo na forma de máscaras africanas, esculturas, e joalheria - artefatos que eram, na maior parte, armazenados em porões dos novos museus de etnologia e antropologia. (ASHCROFT *et al*, 1989, p. 154)¹¹

Com isso, percebe-se a postura do poder colonial em suprimir formas culturais de regiões colonizadas ao mesmo tempo que toma para si riquezas tanto materiais quanto culturais de países explorados pelo colonialismo.

Mais especificamente em relação ao âmbito literário, área para qual se volta este estudo, Francisco Noa (2015) comenta a complexidade em definir o que seria uma literatura colonial, ao se considerar que em contextos coloniais, o imperialismo mantém controle das regiões colonizadas. Noa (2015) afirma que por tamanha abrangência, buscar a definição do termo pode se tornar uma tarefa frustrante e exaustiva. Contudo, volta-se para a importância desse tipo de literatura e sua relevância social quando relata que “a literatura colonial, além de jogar com uma mais ou menos longa tradição histórica e literária, tem a envolvê-la, numa interação dinâmica, todo um conjunto de valores e manifestações que transcendem o âmbito exclusivamente literário.” (NOA, 2015, p. 38)

Já em relação às obras literárias consideradas pós-coloniais, é necessário considerar a sua heterogeneidade, que de acordo com Ashcroft *et al* (1989), mesmo com todas as suas diferenças,

¹¹Tradução do original: Even while the dominant cultures were engaged in violently suppressing the “savage” cultures they encountered in West and East Africa they were importing into Europe, as loot, the revelation of an alternative view of the world in the form of African masks, carvings, and jewellery – artefacts which were, for the most part, stored away in the basements of the new museums of ethnology and anthropology.

têm em comum a experiência da colonização. Segundo o pesquisador, tais literaturas funcionam como forma de autoafirmação, que como consequência, enfatizam a tensão com os centros imperiais. Assim, a literatura pós-colonial pode ser compreendida como produção literária presente no âmbito da cultura acometida pelo processo de colonização imperial, desde seu início até a atualidade. Essa afirmação ajuda a compreender que o impacto do processo colonial em regiões colonizadas reflete de forma direta na cultura do povo colonizado, mesmo passados séculos de seu início.

Tendo isso em vista, entende-se que Noa (2015) e Ashcroft *et al* (1989) corroboram com a ideia de que a literatura colonial configura uma das mais expoentes representações da colonização. Tal literatura pode ser concebida como uma forma de expressão ou até resgate cultural de povos colonizados, bem como, uma forma de resistência em busca de sua identidade.

No que se refere à produção literária africana em contextos pós-coloniais, Frantz Fanon (1968) discute o embate entre as culturas como consequência da opressão colonial:

Na África, a literatura colonizada dos últimos vinte anos não é uma literatura nacional, mas uma literatura de negros. O conceito de negritude, por exemplo, era a antítese afetiva senão lógica dêsse insulto que o homem branco fazia à humanidade. [...] À afirmação incondicional da cultura européia sucedeu a afirmação incondicional da cultura africana. (FANON, 1968, p. 180)¹²

Deve-se ressaltar que em 1968 Fanon já destacava a problemática em expressões culturais voltadas ao continente africano sobre a cultura nacional. O pensador explica também que “A cultura negra, a cultura negra-africana se fragmentou porque os homens que se propunham encarná-la compreenderam que toda cultura é antes de tudo nacional.” (FANON, 1968, p. 180)

Fanon (1968) afirma ainda que em situações de pós-colonialismo é muito comum a quantidade de manifestações artísticas se expandirem, assim, volta-se para as produções literárias em tal contexto. O pensador destaca que as literaturas orais, bem como cantos populares, após muito tempo marginalizados, retomam lugar de destaque nas manifestações culturais nacionais. Isso nos remete à escrita de Chiziane, quem assume e reproduz orgulhosamente a oralidade de seus ancestrais, os quais contavam várias das histórias retratadas em seus romances. Dessa forma, é possível ver a retomada e a exaltação de uma cultura por pouco não suprimida, que diante de tal contexto mostra-se como mais uma forma de resistência aos costumes e ao regime colonial, bem como às suas imposições.

¹²As acentuações de trechos de Fanon são de acordo com a versão utilizada para consulta deste trabalho. Por conta de a obra ter sido publicada ao fim da década de 1960, é corriqueiro encontrar grafias diferenciadas da ortografia atual da Língua Portuguesa em vigência no Brasil.

Com isso, considera-se também a tentativa de reconstrução da identidade nacional da nação pós-colonial, de modo que a arte tem sido uma ferramenta para essas buscas. Dessa maneira, as manifestações culturais e artísticas são utilizadas para retomar componentes identitários anteriores à colonização. Em relação a aspectos culturais destacados nessas narrativas, Fanon (1968) defende que:

O narrador torna a dar liberdade à sua imaginação, inova, faz obra criadora. Acontece até que figuras mal preparadas para essa transmutação, assaltante de estradas ou vagabundos mais ou menos anti-sociais, sejam reaproveitadas e remodeladas. É necessário acompanhar passo a passo num país colonizado a emergência da imaginação, da criação nas canções e nas narrativas épicas populares; O narrador responde mediante aproximações sucessivas à expectativa do povo e caminha, aparentemente solitário, mas na realidade amparado pela assistência, em busca de modelos novos, de modelos nacionais. (FANON, 1968, p. 201)

A citação de Fanon (1968) mostra a literatura como forma de resgate de uma identidade nacional, mesmo que não se considerem apenas aspectos positivos para a retomada da tradição da sociedade pós-colonial, bem como, utiliza-se o discurso literário como forma de rejeição ao colonialismo.

Uma vez que um país é vítima do processo exploratório de colonização, suas riquezas naturais, culturais e sua identidade são subtraídas. A forma de depreciação da cultura africana por conta das nações colonizadoras é comentada por Francisco Noa em seu estudo *Império, Mito e Miopia: Moçambique como invenção literária* (2015, p. 17) quando o pensador explica a forma pela qual os intelectuais ocidentais buscaram utilizar-se da ciência com “parâmetros pretensamente científicos” para justificar as dessemelhanças entre brancos e negros, de maneira a colocar-se como superior. Sobre isso, ressalta a perspectiva imperial adotada diante de povos colonizados, principalmente em relação à África:

São conhecidas, por exemplo, as ideias que tinham sobre a África e sobre os negros figuras tão representativas da intelectualidade portuguesa do século XIX como Oliveira Martins Ortigão ou Teófilo Braga. Quer pelo discurso apiedado, quer pela sua impenitência acerca da condição “primitiva” dos negros e dos africanos, é manifesta a crença destes intelectuais na superioridade racial, cultural e civilizacional do Europeu. (NOA, 2015, p. 17)

Alcinda Manuel Honwana (2002, p. 22) também se volta à questão da opressão do estado colonial, em relação à espiritualidade e religião do povo colonizado. Especificamente sobre Moçambique, a pesquisadora comenta que a fim de banir totalmente as práticas religiosas

tradicionais do país, os portugueses as consideravam “retrógradas” e “incivilizadas” para assim, implantar os supostos valores cristãos. Conforme explica a estudiosa: “Os colonialistas portugueses tentaram banir a realização destes rituais, dos seus batuques, danças, canções e rezas dirigidas aos espíritos dos antepassados.” Aqueles apontados pela prática de atividades que os portugueses designavam “curandeirismo” e “feitiçaria” (práticas de adivinhação, cura, espiritismo e a feitiçaria, recorrentes na cultura regional anterior ao período de colonização), recebiam diversas formas de punição. Dentre estas constavam prisões, deportações para o norte do país e para as ilhas de São Tomé e Príncipe, para o trabalho forçado no cultivo de cacau dos colonizadores, ou dentro da própria colônia. Honwana explica ainda que:

Os colonialistas deportavam os indivíduos e mandavam-nos para a cadeia, separando-os das famílias e das suas comunidades, apenas por praticarem a adivinhação, a cura e o contacto com os espíritos através de médiuns. Reprimiam as pessoas por realizarem rituais para venerar os seus espíritos ancestrais, curar os doentes, exorcizar o mal e pedir chuva e fertilidade para a terra. (HONWANA, 2002, p. 125)

Também em relação a mecanismos opressivos do poder colonial, em sua obra *Os condenados da Terra*, Frantz Fanon (1968, p. 176) explica como se dá a associação entre colonizador e colonizado diante do processo de colonialismo e pós-colonialismo. O pensador afirma que os mecanismos de opressão utilizados pelo colonizador buscam subjugar as identidades culturais e nacionais do povo colonizado, com o fim de impor a este uma situação de inferioridade em relação a aquele. Ao designar o processo colonial como forma de destituição de identidades, Fanon afirma que os colonizadores não hesitaram em impor sua cultura sobre a cultura do colonizado e explica que “O colonialismo não julgou necessário perder tempo em negar umas após outras as culturas das diferentes nações.”. E prossegue com a discussão de que:

O colonialismo, que não graduou seus esforços, nunca cessou de afirmar que o negro é um selvagem, e o negro para êle não era nem o angolense nem o nigeriano. Falava do Negro. Para o colonialismo, êste vasto continente era uma toca de selvagens, uma região infestada de superstições e fanatismo, fadada ao desprezo, atingida pela maldição de Deus, terra de antropófagos, terra de negros. A condenação do colonialismo é continental. A afirmação, feita pelo colonialismo, de que a noite humana caracterizou o período pré-colonial, refere-se ao conjunto do continente africano. (FANON, 1968, p. 176)

Desse modo, ao reduzir todo um continente a um único povo, subjogado como primitivo e selvagem, o colonialismo fez com que as identidades dos povos colonizados fossem suprimidas, de modo que muitos sujeitos dessas sociedades passaram a aderir aos costumes e crenças do

colonizador. Neste âmbito, a questão da identidade fragmentada aparece mais uma vez como consequência de tais mecanismos de repressão.

No estudo *O Passado não Morre - a permanência dos espíritos na história de Moçambique*, Maria Paula Meneses (2010) explica de que forma o imperialismo se sobrepôs ao espaço colonizado ao impor suas normas e conhecimentos técnicos, para conquistar a depreciação da cultura do colonizado. Da mesma forma, é possível retomar Fanon (1968) quando este comenta sobre a busca pela identidade nacional, impossibilitada pelo colonizador:

A cultura nacional é, sob o domínio colonial, uma cultura contestada, cuja destruição é empreendida de maneira sistemática. É muito rapidamente uma cultura condenada à clandestinidade. Essa idéia de clandestinidade é imediatamente percebida nas reações do ocupante, que interpreta a complacência nas tradições como uma fidelidade ao espírito nacional, como uma recusa à submissão. A persistência nas formas culturais condenadas pela sociedade colonial é já uma manifestação nacional. (FANON, 1968, p. 198-199)

Isso posto, considera-se a literatura pós-colonial como um contradiscurso em relação à literatura oriunda do imperialismo e seu maniqueísmo criado para designar a cultura do colonizado como vulgar ou inferior. Quando se fala de literatura pós-colonial faz-se imprescindível destacar sua pluralidade. Para isso, é analisada nesta pesquisa, a obra de Paulina Chiziane, *Niketche: uma história de Poligamia* (2004), carregada de aspectos culturais provenientes de Moçambique, onde o enredo se desenvolve. Dito isso, busca-se abordar a cultura, a religiosidade e outros costumes ilustrados por Chiziane no romance em questão, bem como suas relações com os personagens que compõem a história.

Como se pode observar, a pluralidade identitária de uma região em situação pós-colonial se destaca de variadas formas. Em Moçambique, não seria diferente. O país conta com diversas etnias, linguagens e crenças, muitas delas representadas no romance de Paulina Chiziane. No tópico seguinte serão destacados os aspectos culturais abordados na obra, bem como suas relações sociais, com o intuito de debater tais características e suas possíveis formas de construção da sociedade moçambicana, com a consciência de que esta não se faz de forma homogênea ou uniforme.

CRENÇAS, RELIGIÕES E UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA

Em *Niketche: uma história de poligamia* (2004), a protagonista Rami e seu esposo Tony, bem como suas respectivas famílias, são praticantes da religião católica. O catolicismo, assim como outras religiões cristãs, foi historicamente disseminado por países colonizadores. No caso de

Moçambique, o país manteve vários de seus costumes e crenças, tanto no decorrer do período colonial, quanto após a independência.

Uma das consequências da colonização vem a ser a repressão de costumes nativos da região colonizada, tais costumes passam a tamanha marginalização que seus praticantes buscam a clandestinidade. Em *Espíritos vivos, tradições modernas: Possessão de espíritos e reintegração social pós-guerra no sul de Moçambique* (2002), a estudiosa Alcinda Manuel Honwana busca contemplar as manifestações espirituais na construção da história e na identidade moçambicana. No referido estudo, a pesquisadora reitera a situação de clandestinidade quando descreve a dificuldade em alcançar praticantes desses costumes no decorrer de sua pesquisa, utilizando-se dos curandeiros como exemplo, Honwana relata:

Não foi fácil, pois, penetrar no ambiente dos <<curandeiros>> que eram alvos de severa repressão por parte das autoridades governamentais e muitas vezes tinham que operar clandestinamente. Isto explica a estranheza e suspeição com que os praticantes reagiram aos meus contactos iniciais, já que não era comum serem visitados por alguém que não os procurava para resolver algum problema ou buscar a cura para alguma doença, mas apenas para fazer intermináveis perguntas. (HONWANA, 2002, p. 09-10 - Grifo da autora)

Assim sendo, considera-se o momento no romance *Niketche* (CHIZIANE, 2004, p. 31), em que Rami se encontra em estado de angústia e recorre a todo e qualquer método para manter (ou recuperar, de acordo com a narradora) seu casamento: “A urgência de transformar este amor atrai-me perigosamente para caminhos nunca dantes pisados.”. Dentre esses caminhos percorridos pela protagonista, destacam-se especialmente aqueles alheios à sua religião cristã, que fogem dos costumes pelos quais foi doutrinada a seguir desde a infância.

Após ouvir diversos conselhos que não lhe apresentaram solução, Rami busca um mercador de sortes (CHIZIANE, 2004, p. 61). A narradora desabafa: “Procurei um mercador de sortes. Falei do meu problema bem baixinho, para que o vento não escutasse os meus lamentos”. Essa passagem do romance ilustra o que é apresentado pela pesquisa de Honwana (2002). Por conta da força do colonialismo em oprimir determinadas práticas antes entendidas como naturais, estas passam à marginalidade, ao ponto de configurar motivo de vexame para aqueles que as buscam. O romance reforça a relação entre a imposição colonial e as crenças moçambicanas nesse âmbito a partir das reflexões da narradora:

A cidade está cheia destes mercadores de sortes cujas histórias balançam entre o real e o fantástico. Metem nas cabeças das pessoas crenças inacreditáveis que causam desentendimento entre amigos, famílias e até colegas de trabalho. [...] Nos

dias de hoje, até há cristãos que dão dinheiro aos padres como pagamento dos milagres divinos. (CHIZIANE, 2004, p. 62- 63)

A partir disso, é possível conceber que Rami, mesmo em momento de extrema angústia, faz críticas a costumes alheios aos seus. Percebe-se também na fala da personagem determinada soberba em relação a outras crenças, tanto pelo desdém em “crenças inacreditáveis”, quanto por destacar uma suposta capacidade de manipulação desses mercadores, em impor o seu credo no imaginário popular.

É importante ressaltar que neste domínio, a retribuição por milagres alcançados faz parte de todos os tipos de fé, cristã ou não-cristã. Com isso, a protagonista do romance denuncia o comportamento dos frequentadores de sua própria religião cristã, aqueles que oferecem dinheiro aos padres por milagres alcançados. Desse modo, encontram-se semelhanças tanto em relação às crenças do colonizador quanto a do colonizado, principalmente ao tratar do comportamento daqueles que recorrem a tais recursos. Essa abordagem funciona também como forma de denúncia, de modo que são expostas as condutas exploradoras por parte de ambas as religiões, já que, tanto os mercadores de sorte recebem recompensas por seus feitos, quanto há cristãos que oferecem dinheiro aos padres com o mesmo intuito.

Além disso, é possível perceber que, ao passo que o cristianismo não indica uma solução satisfatória para os conflitos de Rami, a personagem utiliza-se de aspectos religiosos anteriores à colonização, tradicionais de Moçambique. Desse modo, é possível notar a hibridização cultural presente no país. Isso ocorre devido à junção entre variadas crenças por meio da reflexão da narradora, na qual se cria uma espécie de nivelamento, que por sua vez, reforça a marginalidade dos mercadores de sortes.

Ainda no campo das religiões, as relações entre mono e poligamia são frequentes no romance, de forma que em diversos pontos, o regime cristão é confrontado com os ideais africanos presentes em Moçambique resistentes à colonização. Em determinado momento, a narrativa volta-se para a bíblia católica para explicar a poligamia relacionando-a com o povo *bantu* (etnia africana presente em Moçambique), de modo que a explicação é colocada em conflito com o livro cristão. A narradora não apenas confronta as duas crenças, como questiona a ambas: “No paraíso dos bantu, Deus criou um Adão. Várias Evas e um hárem. Quem escreveu a bíblia omitiu alguns factos sobre a génese da poligamia. Os bantu deviam reescrever a sua bíblia.” (CHIZIANE, 2004, p.40)

A crítica de Rami faz possível retomar Fanon (1968), quando o pensador tece apontamentos em relação à ambiguidade da cultura nacional e disserta:

Vê-se portanto que o problema cultural, tal como é algumas vezes colocado nos países colonizados, corre o risco de dar lugar a ambiguidades graves. A incultura dos negros, proclamada pelo colonialismo, a barbárie congênita dos árabes deviam logicamente conduzir a uma exaltação dos fenômenos culturais não mais nacionais mas continentais e singularmente racializados. Na África, o esforço do homem de cultura é um esforço negro-africano ou árabe-muçulmano. Não é especificamente nacional. (FANON, 1968, p. 180)

Além disso, ao mesclar os ideais católicos e *bantu*, Rami questiona as possíveis formas pelas quais os regimes matrimoniais são construídos. Bem como, ao unir aspectos culturais/religiosos tanto de origem africana quanto ocidental, a reflexão da narradora mostra a hibridização cultural presente no país, neste caso, ilustrada por meio da religião.

Ao se considerar que perante o processo do colonialismo, no qual o colonizador impõe sua cultura (desde costumes, até vestimentas e crenças) ao povo colonizado, de forma que aquela seja determinada como mais valiosa e melhor desenvolvida que esta, destaca-se as reflexões do pensador Terry Eagleton, nas quais este comenta sobre a “regulação” da cultura. De acordo como estudioso, o conceito de cultura seria também “[...] cumprimento de regras, o que envolve igualmente uma interação entre o regulado e o não regulado.” (EAGLETON, 2005, p. 15).

Tendo em vista tais reflexões, coloca-se em questão o colonialismo e o sujeito colonial em *Niketche: uma história de Poligamia* (2004), no qual é possível perceber essa regulação cultural em diversos pontos. A regulação se apresenta de forma mais nítida na oposição entre os regimes matrimoniais monogâmicos e poligâmicos. Ao se considerar que o embate entre as duas formas de matrimônio é resultado direto da colonização, nota-se que a dualidade entre monogamia e poligamia ilustra a forma pela qual a colonização se manifestou em diferentes partes do país. Dessa maneira, verifica-se no romance que determinadas regiões concordam com a prática da monogamia, uma vez que, a cultura do cristianismo se mostra mais presente, e que por outro lado, determinadas regiões mantêm as práticas anteriores ao período colonial, inclusive a poligamia.

Além disso, a diversidade cultural moçambicana evidencia a imposição cultural supracitada, principalmente em relação ao papel das mulheres e ao âmbito matrimonial. Desse modo, uma vez que Tony, esposo de Rami tenha assumido a religiosidade cristã, lhe é negado o direito a relações românticas ou sexuais que não sejam com sua esposa. A regulação cultural abordada por Eagleton (2005) se apresenta neste momento como moderação da vida conjugal. O casamento monogâmico é regulado de acordo com a religiosidade católica, na qual o núcleo familiar é formado apenas por uma mãe, um pai e seus filhos. Porém, isso não significa que o casamento poligâmico seja desprovido de regimentos.

Como é ilustrado na obra de Paulina Chiziane (2004), existem costumes a serem seguidos

em relações poligâmicas. Os posicionamentos em relação à poligamia podem variar diante de cada personagem dentro da obra. Essa variação é apresentada no momento em que Rami busca respostas sobre qual atitude tomar em relação à sua situação matrimonial, logo após descobrir as traições de Tony. Em meio a esse conflito entre costumes e religiões, e com postura crítica sobre o regime de poligamia, Rami vai em busca de respostas sobre o modelo de casamento poligâmico.

Quando recorre à sua tia Maria, esta conta de forma orgulhosa sua história como vigésima quinta esposa de um rei. Ao passo que Rami questiona se a tia teria vivido em um harém, esta lhe explica que não existia tal coisa e que dentro do regime:

Eram famílias verdadeiras, onde havia democracia social. Cada mulher tinha a sua casa, seus filhos e suas propriedades. Tínhamos o nosso órgão- assembleia das esposas do rei - onde discutíamos a divisão de trabalho, decidíamos quem iria cozinhar as papas matinais do soberano, quem ia preparar os banhos e esfregar os pés, cortar as unhas, massajar a coluna, aparar a barba, pentear-lhe o cabelo e outros cuidados. Participávamos na feitura da escala matrimonial de Sua Majestade, que consistia numa noite para cada uma, mas tudo igual, igualzinho. E ele cumpria à risca. Ele tinha que dar um exemplo de Estado, um bom modelo de família. Se o rei cometesse a imprudência de dar primazia a uma mulher em especial, tinha que suportar as reuniões de crítica dos conselheiros e anciãos. (CHIZIANE, 2004, p.71)

O matrimônio da tia da protagonista havia sido encomendado pelo pai antes mesmo de seu nascimento. Rami questiona como seria a vivência em um lar de vinte e cinco esposas, e a ancestral descreve seu passado a partir das seguintes reflexões:

Partilhamos o ar e o sol, partilhamos a chuva e o vento. Partilhamos a enxada, a foice, a semente. Partilhamos a paz e o cachimbo. Partilhar um homem não é crime. Vezes há em que partilhar a mulher é necessário, quando o marido é estéril e precisa colher o sêmen de um irmão. [...] Éramos um grande rebanho de mulheres aguardando cobertura. Soltávamos crias que voavam sobre ervas como pirilampos, estrelas desprendidas iluminando a savana escura. (CHIZIANE, 2004, p.69-70)

As afirmações da tia fazem refletir sobre os modelos de relações matrimoniais. Seus argumentos disseminam princípios de partilha e cumplicidade, ao contrário de exclusão e rivalidade, conforme entendidas em princípio pela protagonista. Nota-se também a valorização da fertilidade, uma vez que, o tom orgulhoso da personagem não se restringe ao casamento, mas também à geração de um grande número de filhos. A tia comenta com orgulho que havia famílias verdadeiras, cada qual com sua casa, filhos e propriedades. A democracia contida no regime era responsável pela estruturação, divisão e organização do relacionamento poligâmico. A personagem

afirma ainda que em sua realidade ainda havia muita fartura e liberdade, onde a prosperidade era notória.

É necessário destacar nesse momento também, a liricidade na escrita de Paulina Chiziane. Ao utilizar-se da metáfora “estrelas desprendidas” para referir-se aos filhos, é possível notar uma relação de liberdade e esperança, de forma que as próximas gerações possam ser mais livres que as anteriores. Além disso, ao mencionar que essas estrelas iluminariam a savana escura, reforça-se a perspectiva otimista da personagem sobre os filhos e o caráter poético da escrita de Chiziane. A partir da citada construção, mostra-se que a visão da tia representa grande impacto para a protagonista de *Niketche*, uma vez que, os sentimentos daquela tanto em relação à partilha do esposo quanto à criação dos filhos (seus e de outras esposas) são sempre nostálgicos e positivos.

Deve-se considerar que, mesmo que a explicação da tia tenha mostrado para Rami que sua visão sobre o matrimônio poligâmico poderia estar equivocada, esta interroga a felicidade e o orgulho da tia ao relatar sua experiência, além de questionar se havia liberdade em tal regime. Tia Maria confirma que não apenas havia liberdade como também as mulheres eram muito bem tratadas e que não lhes faltava nada. Ainda assim, a protagonista do romance questiona o porquê de uma família tão grande, com tantas esposas e filhos, enquanto a tia argumenta: “A prosperidade mede-se pelo número de propriedades. A virilidade pelo número de mulheres e filhos. Um grande patriarca deve ter várias cabeças sob o seu comando.” (CHIZIANE, 2004, p.72)

Diante do diálogo de Rami e sua tia é possível notar as diferentes perspectivas de duas mulheres em relação a um mesmo tema. Uma das justificativas pode ser por conta de suas respectivas faixas etárias. Assim como em outros trabalhos de Chiziane - *O sétimo juramento* (1999), por exemplo - em *Niketche* (2004) encontra-se a cultura representada e exaltada por personagens idosas, retratadas como fonte de sabedoria no que se refere ao âmbito da cultura tradicional no qual o enredo é ilustrado. No caso de *Niketche* (2004) além da tia de Rami, destaca-se também sua sogra.

A mãe de Tony, ao descobrir a existência das outras noras e netos posiciona-se a favor da poligamia, e de acordo com a narrativa, busca demonstrar afetividade para com os novos membros da família. Quando questionada pela nora, a mãe de Tony afirma que a prática de poligamia é de natureza do homem. Tal posicionamento é traçado a partir da voz da narradora:

Ela [mãe de Tony] delira de felicidade, trouxe-lhe um bálsamo para a sua tristeza. Ela agora condena o filho. Diz que é um malvado, um mal-educado, egoísta, que lhe transtornou a noite inteira e inventou fantasmas inexistentes, por ter medo de viver uma vida limpa, aberta, digna, transparente e sem esconderijos. Diz que a grandeza de um homem se afirma pelo número de filhos que tem. Que a poligamia é a natureza do homem: embora se condene, não é crime, não faz mal a ninguém.

Que um homem que se preze tem que ter pelo menos três mulheres. Que o marido nunca fora polígamo porque era pobre e operário, mas o Tony era doutor e rico, por isso precisava de ter com quem consumir a fortuna. (CHIZIANE, 2004, p. 115)

Ao se deparar com a positividade demonstrada pela sogra ao receber a notícia das outras noras e netos, Rami a questiona sobre a legitimidade dos filhos de Tony com as outras mulheres, uma vez que, estes foram gerados fora do âmbito matrimonial católico. Este é mais um momento no qual é possível notar o conflito entre a religião cristã, assimilada do colonizador e os costumes tradicionais da cultura moçambicana, pois além de concordar com a prática de poligamia do filho, a sogra de Rami a confronta em relação à legitimidade dos netos recém-adquiridos: “Ilegítimos para ti, que estás presa a leis e mandamentos. Ilegítimos porque são filhos das tuas rivais. Para mim, são simplesmente netos, a continuidade da linhagem.” (CHIZIANE, 2004, p. 115)

Com isso, destaca-se a concordância entre Maria, tia de Rami, e a mãe de Tony. Ambas as mulheres, com idade mais avançada que a protagonista, defendem não só o regime de poligamia, como também a ideia de virilidade representada por uma vasta gama de filhos e filhas. Essas mulheres representam a tradição poligâmica moçambicana, na qual é valorizada a fertilidade, bem como o grande número de esposas que possam gerar filhos e aumentar cada vez mais a família do polígamo como demonstração de prosperidade.

Assim, pode-se notar algumas das particularidades de tal regime. Ao contrário da ideia inicial da protagonista, a poligamia é entendida como uma partilha, ao invés de mera substituição. A partir desse ponto de vista, é possível perceber que a poligamia é uma prática aceitável na cultura moçambicana, e ao contrário do que poderia indicar os princípios do cristianismo não é sinônimo de luxúria ou pecado. O sistema de poligamia legalizado funciona como uma organização social legitimada por um contexto histórico que antecede as imposições do cristianismo por meio da colonização. Além disso, mostra-se que o casamento poligâmico nem sempre é maléfico para as mulheres, como pode ser notado no próprio romance. Elementos como os conselhos de família, os quais podem ser convocados pelas esposas para discutir determinados comportamentos do marido, o poder de escolha da próxima esposa e a escala conjugal que define quando e por quanto tempo o esposo permanecerá em cada lar proporcionam uma forma de controle matrimonial às esposas.

No decorrer o décimo primeiro capítulo, a narrativa volta-se para a visão da protagonista sobre o casamento poligâmico. Ainda contrária ao regime, a personagem narradora discorre longas críticas ao referido matrimônio:

Poligamia é uma rede de pesca lançada ao mar para pescar mulheres de todos os tipos. [...] Poligamia é um uivo solitário à lua cheia. Viver a madrugada na

ansiedade ou no esquecimento. [...] Poligamia é uma procissão de esposas, cada uma com o seu petisco para alimentar o senhor. Enquanto prova cada prato ele vai dizendo: este tem muito sal, este tem muita água, este não presta, este é azedo, este não me agrada, porque há uma que sabe cozinhar o que agrada. É chamarem-te de feia, quando és bela, pois há sempre uma mais bela do que tu. [...] Poligamia é um exército de crianças, muitos meios-irmãos crescendo felizes e inocentes, futuros reprodutores dos ideais de poligamia. [...] Poligamia é ser mulher e sofrer até reproduzir o ciclo da violência. Envelhecer e ser sogra, maltratar as noras, esconder na casa materna as amantes e os filhos bastardos dos filhos polígamos, para vingar-se de todos os maus tratos que sofreu com a sua própria sogra. (CHIZIANE, 2004, p. 91)

Nas referidas definições pode-se notar a posição negativa da protagonista do romance em relação ao casamento poligâmico. A personagem acredita, inicialmente, que tais relacionamentos se resumem em rivalidades e competições, nos quais as mulheres se digladiam por uma porção de amor do marido polígamo. Além de criticar um ideal de matrimônio que apenas beneficiaria o esposo em detrimento das esposas.

Após tais reflexões, a obra destaca um dado histórico que teria também influenciado nos costumes em Moçambique. A narrativa mostra que o povo de etnia *macua*, da região norte do país, apropriou-se da poligamia por conta da religião islâmica, proveniente dos primeiros colonizadores do país. Assim, aborda também as relações de poder contidas no regime, as quais reforçam a questão de dominação masculina em relação às figuras femininas: “Os homens deste povo aproveitaram a ocasião e converteram-se de imediato. Porque poligamia é poder, porque é bom ser patriarca e dominar.” (CHIZIANE, 2004, p. 92)

Em contrapartida, há no mesmo país, o povo que rejeitou a poligamia, contudo pela mesma razão. A narradora explica que existe na região sul a incorporação da monogamia, de forma que o povo sulista: “Inspirado no papa, nos padres e nos santos, disse não à poligamia. Cristianizou-se. Jurou deixar os costumes bárbaros de casar com muitas mulheres para tornar-se monógamo ou celibatário. Tinha o poder e renunciou.” (CHIZIANE, 2004, p. 92)

Entretanto, como se pode observar no romance, assumir a monogamia, não seria sinônimo de renúncia ao poder. Tal dado pode ser verificado a partir do personagem Tony que apesar de moçambicano, adere aos costumes e religião do colonizador. Ao se tornar cristão, o esposo de Rami recusa a legalidade da prática poligâmica, e toma uma única mulher como esposa. Contudo, suas atividades permanecem de acordo com uma tradição nacional anterior a chegada dos colonizadores, de forma clandestina, o que resulta em relacionamentos extraconjugais. Além disso, Tony não apenas permaneceu com a prática da poligamia de forma clandestina, como também, teve dificuldade em aceitar sua realidade quando o casamento dentro do regime de poligamia se tornou legal. Por conta disso, o polígamo busca, após a legalização do relacionamento poligâmico, outras

formas de retomar o poder para si. Uma delas é convocar um conselho de família para julgar o comportamento das esposas, outra seria a busca por uma nova mulher além das cinco.¹³

Dessa maneira, mostra-se que apesar dos costumes e das leis assumidas pelo povo sulista moçambicano, sua prática não lhe é condizente. Como pode ser visto no decorrer do romance, a adoção de tal prática não gerou o resultado pretendido. Não apenas os homens permaneceram com o exercício da poligamia, como o faziam às escondidas:

A prática mostrou que com uma só esposa não se faz um grande patriarca. Por isso os homens deste povo hoje reclamam o estatuto perdido e querem regressar às raízes. Praticam uma poligamia tipo ilegal, informal sem cumprir os devidos mandamentos. Um dia dizem não aos costumes, sim ao cristianismo e à lei. No momento seguinte, dizem não onde disseram sim, ou sim onde disseram não. Contradizem-se, mas é fácil de entender. A poligamia dá privilégios. Ter mordomia é coisa boa: uma mulher para cozinhar, outra para lavar os pés, uma para passear, outra para passar a noite. Ter reprodutoras de mão-de-obra, para as pastagens e gado, para os campos de cereais, para tudo, sem o menor esforço, pelo simples facto de ter nascido homem. (CHIZIANE, 2004, p.92)

Aqui, deve-se levar em conta que o presente trabalho trata especificamente da sociedade moçambicana, na qual o romance é retratado. Contudo, o hábito de manter relacionamentos além do casamento monogâmico não é exclusivo de Moçambique, tampouco da sociedade pós-colonial.

Dessa maneira, percebe-se que o personagem Tony distancia-se tanto dos padrões de monogamia quanto de poligamia, ao transitar entre as duas formas de relacionamento, o personagem despreza ambos os regimes. Além disso, ao manter famílias além daquela reconhecida socialmente, Tony deixa de seguir tanto os preceitos da poligamia quanto da monogamia. O esposo de Rami mantinha relacionamentos extraconjugais com as outras mulheres, o que configura traição, conforme explica a autora da obra, Paulina Chiziane: “Poligamia é um sistema de construção de família, enquanto que adultério é crime de traição. As duas não significam a mesma coisa. Um polígamo pode cometer adultério. A poligamia pode ser legalizada, mas o adultério não.” (CHIZIANE, 2013, p. 355)

A partir do comentário acima, e da construção do romance, é possível perceber que Chiziane adota uma postura crítica em relação ao regime de poligamia. A autora reconhece a poligamia como parte da tradição moçambicana, e apesar de mostrar-se contrária a ela, aborda tanto seus aspectos positivos quanto negativos. Chiziane compreende que a diversidade cultural no país proporciona a manutenção tanto da monogamia quanto da poligamia, e mesmo que discorde desta, acredita que o regime possa beneficiar as crianças, que seriam reconhecidas por seus pais.

¹³Tanto a razão do conselho de família quanto o aparecimento de uma sexta mulher serão discutidos adiante, com ênfase maior nas identidades femininas.

No regime de monogamia, por outro lado, muitas crianças são frutos de infidelidade masculina, e crescem sem o reconhecimento paterno. (CHIZIANE, 2013, p. 365)

É permissível compreender que ao utilizar-se da poligamia, uma vez que, a narrativa traz também uma crítica aos processos opressivos de colonização, onde a imposição cultural do colonizador e a resistência do colonizado resultam na pluralidade cultural do país. Tal pluralidade é também comentada por Chiziane quando esta explica sobre as relações matrimoniais presentes no país a partir de consequências históricas:

[...] a região sul do país é patriarcal e a favor da poligamia. Daí veio a religião cristã e instalou a monogamia. E na região norte, que era matriarcal e, portanto, sem espaço para a poligamia, vieram os muçulmanos se instalarem por lá e implementaram a poligamia. Então, é uma verdadeira confusão. Por lá instalou-se uma religião que não tem nada a ver com os costumes do povo. E vivemos nessa complicação. (CHIZIANE, 2013, p. 355)

Além disso, denuncia-se no romance a supremacia masculina, todavia, a forma crítica adotada pela narradora faz possível verificar que nem sempre essa pluralidade venha a ser algo positivo. Em relação às diferentes regiões do país terem assimilado ou rejeitado a poligamia, a personagem narradora exclama: “Todo o problema parte da fraqueza dos nossos antepassados. Deixaram os invasores implantar os seus modelos de pureza e santidades. Onde não havia poligamia, introduziram-na. Onde havia, baniram-na. Baralharam tudo, os desgraçados!” (CHIZIANE, 2004, p. 93)

Após variados questionamentos e reflexões em relação ao formato de sociedade na qual vive, bem como à religião que exerce, Rami apresenta sua visão modificada sobre os referidos temas, neste momento positiva em relação à poligamia:

Que sistema agradável é a poligamia! Para o homem casar de novo, a esposa anterior tem que consentir, e ajudar a escolher. Que pena o Tony ter agido sozinho e informalmente, sem seguir a normas, senão eu teria só consentido em casamentos com mulheres mais feias e mais desastrosas do que eu. Poligamia não é substituir mulher nenhuma, é ter mais uma. Não é esperar que uma envelheça para trocá-la por outra. Não é esperar que uma produza riqueza para depois a passar para a outra. Poligamia não depende da riqueza ou da pobreza. É um sistema, um programa. É uma só família com várias mulheres e um homem, uma unidade, portanto. (CHIZIANE, 2004, p. 94)

A partir das reflexões da narradora do romance aqui estudado, bem como as entrevistas concedidas por sua autora, considera-se que o casamento poligâmico possui suas regras e regimentos, tanto quanto as relações monogâmicas.

Em *Niketche*, a verdadeira história de poligamia se coloca em prática na comemoração de

cinquenta anos de Tony. Em tal ocasião, Rami decide expor a conduta do esposo, indigna perante a doutrina católica a muitos dos membros de seu círculo social, os quais seguem a mesma religião.

Ao passo que Rami torna pública a clandestina prática poligâmica de Tony, apresenta as outras esposas e filhos. Um dos regimentos de famílias poligâmicas é em relação às vestimentas, de modo que as mulheres devem se vestir da mesma forma, bem como todos os filhos. Ao reunir todos os membros dessa família, Rami discursa sobre a invisibilidade e marginalidade nas quais as esposas de Tony são colocadas, uma vez que não são reconhecidas pela sociedade. Diante de tal exposição, as reações repreensivas são visíveis:

No fim do meu discurso, o tio padre fez o pelo sinal da santa cruz, suspirou, fez a oração, deu a bênção e escapuliu-se daquela gruta de pecado. O Tony seu sobrinho, é um cristão extraviado, uma ovelha perdida. O Tony toma um uísque duplo com gelo. O padrinho ministro faz o seu discurso de diplomacia. Fala de cultura, aculturação, inculturação, miscigenação, idiossincrasia, cosmogonia, concomitância, renascença negra, e um monte de palavrões que ninguém entende. Segura a esposa pela mão, faz as despedidas e parte. O Tony toma outro uísque. Os amigos doutores, polícias e ministros dizem parabéns e desejam longa vida, tomam uma bebidinha, arrastam as mulheres para casa, dizendo que têm outros compromissos, para não as expor ao meio nefasto, preservando-as de modelos de vingança que as podem inspirar, porque eles também fazem o mesmo. (CHIZIANE, 2004, p. 109)

O ato de Rami expõe a infidelidade de Tony perante todo seu círculo social. Conforme informado pela narradora, a festa seria composta pela alta sociedade, inclusos ministros, seus padrinhos, um tio padre, famílias católicas e conservadoras. Ao se considerar tal círculo, nota-se que os atos de Tony são vistos como imorais, pois ao colocar-se como cristão, o personagem recusa a poligamia como forma de relacionamento legal. O círculo social de Tony é composto por africanos cristãos, como ele e sua família. Por isso, seus convidados sustentam reações horrorizadas diante do exposto. Entretanto, tais condutas exacerbadas são justificadas quando afirma-se que grande parte dos presentes mantinham as mesmas práticas. Assim, percebe-se que tal dissimulação iria além de mera hipocrisia, pois deve-se também à preocupação dos homens presentes que mantinham as mesmas formas de relacionamentos extraconjugais e temiam que suas esposas descobrissem, seguissem o exemplo e se voltassem contra os maridos.

Dentre os cristãos presentes, há também um membro do clero, um padre, tio de Tony. A narrativa ilustra que a reação reprovadora do religioso teria sido de fazer uma breve oração, juntamente com o sinal da Santa Cruz, conceder a bênção e partir subitamente. Mais adiante no romance, é explicado que o personagem em questão é fruto de um casamento poligâmico, quando é confrontado por sua irmã, mãe de Tony:

Por causa de vossas doutrinas as nossas famílias africanas não passam de montanhas isoladas boiando nas nuvens. Tu, padre, és filho da poligamia, filho da terceira mulher. Como podes tu condenar a poligamia que te trouxe ao mundo? Afasta as tuas más influências do meu filho. Deixa-o em paz com as suas esposas e filhos, nós africanos somos felizes assim. (CHIZIANE, 2004, p. 124)

As afirmações da mãe de Tony perante o posicionamento de seu irmão e sua doutrina católica mostram mais uma vez o conflito entre as tradições africanas em Moçambique com as imposições coloniais. A sogra de Rami é parte representante da cultura africana, enquanto critica seu irmão por se abster desta e assimilar aspectos religiosos que são totalmente contrários à forma de relacionamento no qual foi gerado.

A narrativa mostra já de início (CHIZIANE, 2004, p. 109) que a apresentação das outras mulheres de Tony foi recebida com inquietação pelos convidados da festa, além dos cochichos, o primeiro a se manifestar e quebrar o silêncio é um idoso, tio de Tony. O tio utiliza-se de sua cultura para justificar a conduta do esposo de Rami: “Somos bantu de coração e alma. Homens ardentes. Em matéria de virilidade, até os brancos nos respeitam.”. Ao proferir tal afirmação, o personagem recorre à sua etnia africana, na qual é possível notar, a virilidade é questão de orgulho masculino. Mesmo assim, pode ser notada a relação com a colonização ao passo que o personagem coloca os homens brancos como parâmetro para que sua virilidade seja reconhecida. A afirmação do personagem é mais um sintoma da colonização, uma vez que, ao afirmar sua virilidade e destacar a admiração dos brancos, tanto a identidade africana é reafirmada quanto a reverência cultural ao colonizador.

Diante de tudo isso, coloca-se Tony, a partir de então visto como cristão extraviado, polígamo e imoral (CHIZIANE, 2004, p. 108). O mesmo personagem que inicia a celebração sorridente e radiante recebe a exposição de seus atos imorais com um misto de surpresa, raiva e lágrimas. A imagem de moralidade cristã sustentada pelo esposo de Rami é a mesma pela qual seu círculo social o julga. Ao se considerar cristão e polígamo, ter seus relacionamentos extraconjugais expostos diante dos seus, o coloca em posição de pecador e imoral. Desconcertado pela recente exposição, Tony busca brevemente e em vão, justificar seus atos por conta da cultura do continente africano: “Espero que compreendam...somos africanos...nossa cultura...sabem...elas...”. Diante da frustrada e breve tentativa de justificativa do aniversariante, os convivas comentam, benzem-se e apressadamente retiram-se, enquanto Tony, prostrado, ocupa-se apenas das repetidas doses de uísque.

Ao fim da comemoração, apenas permaneceram aquelas que, de acordo com a narradora,

ficariam para ver o final do ato e fazer as fofocas durante a semana. É nesse momento que Rami convida Tony para uma reunião com suas cinco mulheres. Contudo, o personagem recusa-se até mesmo a ouvir todo o discurso explicativo da esposa, logo oferece um pretexto banal e ausenta-se por horas. Pode-se notar nesse ponto que apesar da exposição e da sentida humilhação social, o polígamo opta por não lidar com a situação imediatamente.

A repentina partida do esposo pode denotar que este não consegue conceber a ideia de perder o controle naquele momento. O personagem perde com isso, a posição de controle, na qual encontra-se ao manter relacionamentos fora do casamento a seu bel prazer, sem que as mulheres interfiram em sua vida social. Proveniente da construção social masculina, o esposo de Rami revolta-se com sua exposição por diversos motivos, um deles seria a união de suas mulheres. É reforçado em várias passagens do romance que as mulheres não devem ser ouvidas socialmente, assim, é inconcebível para Tony ver-se denunciado não apenas por mulheres, mas por aquelas com quem ele se relaciona romanticamente.

Além disso, afirmações anteriores no romance mostram que homens, em geral, não são vistos como pecadores em quesitos de infidelidade. Quando questionado por Rami sobre as possíveis traições o esposo afirma que apenas mulheres podem trair, pois os homens são livres. Desse modo, é possível perceber como o personagem utiliza-se de seus privilégios masculinos para agir de acordo com seus anseios, independentemente de seu relacionamento conjugal e até mesmo da religião por ele seguida.

Como mencionado anteriormente, o sistema de poligamia pode funcionar também, como forma de justificativa para a virilidade e fertilidade masculina. Ao desvendar os hábitos de Tony, a protagonista, utiliza-se ironicamente desses princípios para denunciar o marido. Ainda no decorrer da celebração de aniversário do esposo Rami discursa: “Neste dia queria que todos testemunhassem que o coração deste homem é fértil como o húmus, o Tony é um homem que ama a vida e por isso a multiplica. Ele não se acobarda, mas empunha a sua espada e afirma-se através de cinco mulheres e dezasseis filhos.” (CHIZIANE, 2004, p. 109)

Ao contemplar as afirmações acima, nota-se que a protagonista subverte as colocações sociais ao reduzir o esposo à mera posição de reprodutor, de forma que sua maior qualidade seria a capacidade reprodutiva. Além disso, utiliza-se do discurso de que a poligamia é sinônimo de virilidade, o que deixa tanto os convidados da festa quanto Tony impotentes diante da revelação. Ao adotar essa dissimulação, Rami coloca-se como esposa compreensiva, que reitera os conceitos da família patriarcal. Dessa maneira, a protagonista isenta-se, mesmo que apenas externamente de julgamentos às traições de Tony. Como consequência, deixa que os convidados e familiares tomem

a postura julgadora por si.

Além de Rami, é possível retomar sua tia Maria, casada com o rei polígamo quando esta explica com positividade o sistema de poligamia:

A prosperidade mede-se pelo número de propriedades. A virilidade pelo número de mulheres e filhos. Um grande patriarca deve ter várias cabeças sob o seu comando. Quando se tem poder é preciso ter onde exercê-lo, não é assim? Abraão, Isac, Jacob, foram polígamos, não foram? Os nossos reis antigos também o foram e ainda são. Que mal é que há? Na bíblia, só Adão não foi polígamo. [...] Um rei tem que mostrar a imagem de virilidade, homem sobre todos os homens. (CHIZIANE, 2004, p.72)

Outro detalhe a ser notado na passagem acima é a relação que a personagem faz entre a poligamia e a bíblia cristã. A comparação não é colocada de modo aleatório, pois ocorre em um momento onde a personagem Rami, cristã casada perante os costumes da monogamia questiona a si e aos outros sobre a infidelidade de seu esposo. O conflito entre a tia orgulhosa de sua grande família poligâmica e a sobrinha decepcionada com o que considera um fracasso em seu casamento cristão funciona como metáfora para o embate entre os costumes e religiões de matrizes africanas e o cristianismo europeu, implantado em Moçambique pelo colonizador Portugal.

O mesmo embate pode ser notado quando Rami se desprende de sua postura inicial e busca as aulas de iniciação amorosa, alheias a seus costumes cristãos (CHIZIANE, 2004, p. 33). Sua conselheira é uma mulher *macua*, etnia descendente da região norte do país, oposto à localização de Rami, que descende do sul. Não por acaso, a personagem narradora afirma: “Chego à aula, com uma pontualidade religiosa.”. Neste caso, apesar do constrangimento da protagonista em submeter-se a algo distante do catolicismo o qual foi ensinada, a personagem demonstra devoção ao novo aprendizado. Mesmo assim, sempre carrega o discurso religioso, de forma que suas palavras não são escolhidas de modo aleatório.

A questão religiosa estende-se nas aulas de iniciação amorosa, uma vez que, abordam aspectos voltados para a vida conjugal. Enquanto a conselheira *macua* questiona sobre os ensinamentos de amor e de sexo, a protagonista explica que seu embasamento para as bodas tenha se dado diante da igreja com padres e freiras, voltado para costuras e pontos de bordados. Dessa forma, a família de Rami a preparou para o casamento ao basear-se na crença cristã, afazeres domésticos, obediência e maternidade. Perante essas aulas, a protagonista do romance mostra-se insatisfeita com a preparação para a vida conjugal que obteve: “Aprendi todas aquelas coisas das damas europeias, como cozinhar bolinhos de anjos, bordar, boas maneiras, tudo coisas de sala. Do quarto, nada! A famosa educação sexual resumia-se ao estudo do aparelho reprodutor, ciclo disto e daquilo. Sobre a vida a dois, nada!” (CHIZIANE, 2004, p. 44)

Neste ponto, Rami indigna-se por conta de sua preparação para o casamento ter sido construída exclusivamente voltada ao regime católico, onde é implantada na personalidade feminina a castidade e a pureza, o que a exclui do âmbito sexual do matrimônio.

Conforme afirmado repetidamente no romance, o casamento oferece determinados privilégios sociais. Contudo, mesmo depois de aceito o casamento poligâmico de Tony com Rami, Julieta, Luísa, Saly e Mauá, os estatutos sociais dessas mulheres não estão garantidos. Quando ocorre uma suposta morte de Tony, as famílias das viúvas vêm cobrar seus direitos. Entretanto, da parte da família do suposto falecido, as únicas reconhecidas legalmente seriam Rami e Julieta. De modo que a legitimidade da última também seria questionada por ter entrado na família de forma clandestina:

Na poligamia a mulher é tirada da casa de uma família, virgem e pura como todas as noivas. Diz que as viúvas verdadeiras somos eu e a Ju. Mesmo a Ju não é viúva perfeita, explica, porque a sua entrada no lar fez-se sem o conhecimento do conselho da família, e sem o consentimento da primeira esposa. As outras são simples concubinas, simples aventureiras com que o Tony se cruzou na estrada da vida. Colaram-se ao Tony quando já era doutor, tinha boas casas e bons carros. A poligamia verdadeira não é feita de interesse. (CHIZIANE, 2004. p.206)

A citação acima não apenas reflete um determinado regimento da poligamia, mas também, certa hostilidade regional, de forma que aquelas não contempladas pelos direitos enquanto viúvas são provenientes da região norte do país. Nesse aspecto, as mulheres são vistas como interesseiras que buscam apenas as vantagens monetárias que Tony pode oferecer. Entretanto, deve-se considerar o tratamento social direcionado para as mulheres conforme ilustrado no romance. No caso das mulheres de Tony, a poligamia de fato as proporcionou maior estabilidade e segurança social, uma vez que, o esposo passaria a ser responsável por todas as esposas e filhos. A legalização da poligamia é também benéfica, pois até aquele momento, as mulheres não possuem emprego ou uma fonte de renda fixa. O próprio romance discute a questão de as mulheres serem vistas como interesseiras através das reflexões da narradora quando esta questiona: “O mundo acha que as mulheres são interesseiras. E os homens não são? Todo o homem exige da mulher um atributo fundamental: beleza. As mulheres exigem dos homens outro atributo: dinheiro. Qual é a diferença? Só os homens podem exigir e as mulheres não?” (CHIZIANE, 2004. p. 67)

Desse modo, o romance mostra que algumas mulheres podem tratar o casamento como fonte de rendimento através de uma troca, já que os homens também exigem determinados atributos que as mulheres devem possuir. Assim, nota-se a crítica que a narrativa traz sobre apenas as mulheres serem consideradas interesseiras, ao passo que os homens também esperam que as

mulheres lhe ofereçam determinadas compensações.

É possível verificar nesse momento também a forma pela qual a religião oferece diretrizes matrimoniais que favorecem e reafirmam a supremacia masculina. No contexto de Tony e Rami, no qual o catolicismo age de forma mais efetiva, os preparativos para o casamento são voltados apenas para as mulheres, de modo que os homens não apenas são isentos de qualquer preparação anterior ao matrimônio, como também são beneficiados pelos costumes impostos para suas futuras esposas. Contudo, a situação do casal protagonista decorre-se do fato de que ambos são provenientes da região sul de Moçambique. O romance mostra que em outras regiões, mais especificamente no Norte, os preparativos para o casamento são diferentes. No Norte, os homens também passam por uma preparação para o casamento.

A conselheira amorosa de Rami explica que no Norte há também a iniciação masculina, na qual o homem é ensinado de que forma deve tratar sua esposa. Sobre tal iniciação, a professora de amor descreve:

- A primeira filosofia é: trata a mulher como a tua própria mãe. No momento em que fechares os olhos e mergulhares no seu vôo, ela se transforma na tua criadora, a verdadeira mãe de todo o universo. Toda a mulher é a personificação da mãe, quer seja a esposa, a concubina, até mesmo uma mulher de programa. O homem deve agradecer a Deus toda a cor e luz que a mulher dá, porque sem ela a vida não existiria. Um homem de verdade não bate na sua mãe, na sua deusa, na sua criadora. (CHIZIANE, 2004, p. 40)

A partir da descrição acima, pode-se notar que as preparações para o casamento no Norte e no Sul são construídas de maneiras diferenciadas, isso se deve à possibilidade de o casamento ser entendido de formas divergentes. Enquanto no Sul, os casamentos são preparados exclusivamente em benefício do homem, de modo que a esposa deva o obedecer e servir, no Norte, os homens são preparados para exaltar a figura feminina tal qual sua mãe e criadora.

Na região sul, há a hierarquia matrimonial que beneficia o homem, pois acredita-se que este fornece um status social elevado à mulher com quem se casa, apenas pelo matrimônio. Já na região norte, as relações afetivas são vistas de outras maneiras, de modo que é praticado o matriarcado. Em tal estrutura, a mulher é o núcleo da família, de modo que os filhos recebem apenas o nome materno e quando casam-se, os homens vão para as casas da família de suas esposas, para que em caso de separação, a mulher não fique desamparada.

De acordo com as presentes discussões, observa-se que o romance ilustra com frequência as consequências do pós-colonialismo, principalmente no âmbito cultural. Tal abordagem pode ser notada nas constantes descrições em relação ao tema, tanto por parte da narradora quanto de

personagens secundários. Uma dessas descrições pode ser notada pouco depois do diálogo da protagonista Rami e sua conselheira *macua* como a narradora pondera:

Lobolos no sul, ritos de iniciação no norte. Instituições fortes, incorruptíveis. Resistiram ao colonialismo. Ao cristianismo e ao islamismo. Resistiram à tirania revolucionária. Resistirão sempre. Porque são a essência do povo, a alma do povo. Através delas há um povo que se afirma perante o mundo e mostra que quer viver do seu jeito. (CHIZIANE, 2004, p. 47)

Desse modo é possível perceber que Paulina Chiziane utiliza-se também de diversos costumes de seu país natal na construção do romance. Além da questão da poligamia, a autora inclui ainda em seu enredo temas como *lobolo*, *kutchinga* e claro, *Niketche*, temas estes recorrentes não apenas na sociedade moçambicana, mas especialmente no universo feminino do país. Portanto, será necessário voltar a atenção para esses termos de maneira particular, para assim verificar de que forma são apresentados e como contribuem para o desenvolvimento da história.

Lobolo

Em diversas etnias moçambicanas, mas especialmente na região sul do país, o *lobolo* é praticado no ato do casamento. Tal tradição indica que o futuro marido é responsável por pagar um valor em dinheiro ou em gado para a família da noiva, para que esta seja assim, *lobolada*.

Para melhor ilustrar a tradição cultural do *lobolo*, destaca-se aqui outro romance de Paulina Chiziane *Balada de amor ao vento* (2003)¹⁴, no qual a protagonista Sarnau é *lobolada* com uma grande quantidade de vacas ao casar-se com um rei. Entretanto, ao envolver-se com um amor de infância, a personagem abandona a posição de esposa do rei, o que faz com que tenha que repor o valor de trinta e seis vacas de seu *lobolo*. No caso de Sarnau, é destacada a forma pela qual o *lobolo* contribuiu com a sua família quando ocorreu o casamento e como a restituição feita pela própria protagonista trouxe para si, a liberdade de um matrimônio infeliz.

Em relação à *Niketche: uma história de poligamia* (2004) é explícita a importância do ato do *lobolo* em determinadas regiões do contexto social de Moçambique. Sobre a região sulista do país, a narradora define:

No sul, homem que não lobola a sua mulher perde o direito à paternidade, não pode realizar o funeral da esposa nem dos filhos. Porque é um ser inferior. Porque é menos homem. Filhos nascidos de um casamento sem lobolo não têm pátria. Não podem herdar a terra do pai, muito menos da mãe. Filhos ficam com o apelido

¹⁴O título teve seu primeiro lançamento em 1998, contudo, a versão consultada para este estudo trata-se da 2ª edição do livro, publicada em 2003.

materno. Há homens que lobolaram as suas esposas depois de mortas, só para lhes poderem dar um funeral condigno. Há homens que lobolaram os filhos e os netos já crescidos, só para lhes poder deixar herança. (CHIZIANE, 2004, p.47)

No mesmo romance, é possível destacar a terceira esposa, Luísa, cuja cultura não é adepta de tais costumes. Por mais que quisesse recusar o rito, não lhe era possível, uma vez que o *lobolo*: “[...] envolve dinheiro e muito dinheiro. Dinheiro para os pais, dinheiros para elas e para os filhos. Dinheiros que faz falta para comer, para viver, para investir. Quando se trata de benesses qualquer cultura serve.” (CHIZIANE, 2004, p.125)

Deve-se considerar que Luísa afirmou a Rami em determinado ponto do romance que sentia como se Tony fosse seu esposo desde que a mantivesse amorosa e financeiramente. Portanto, verifica-se que a personagem não possuía pretensões legais como o *lobolo*, mas que a prática viria de acordo com o estilo de vida adotado anteriormente ao casamento poligâmico. Desse modo, o *lobolo* também se mostra como positivo para a personagem, uma vez que, contribui para sua própria estabilidade financeira, bem como a de seus filhos.

Chiziane (2013) explica que é de costume de sua etnia (*Tsonga*) saudar vividamente o nascimento de meninas, pois se acredita que estas possam trazer mais dinheiro, principalmente através do *lobolo*:

Na etnia Tsonga (minha etnia) quando uma rapariga nasce, a família e os amigos saúdam a recém-nascida dizendo: *hoyo-hoyo mati* (bem vindo a água), *atinguene tipondo* (que entre o dinheiro), *hoyo-hoyo tihomo* (bem vindo o gado). O nascimento de uma rapariga significa mais uma força de ajuda a transportar água, mais dinheiro ou gado cobrado pelo *lobolo*. (CHIZIANE, 2013, p. 201)

Em *Niketche: uma história de Poligamia* (2004), o testemunho citado pode ser notado, dentre outras ocasiões, através de Maria, tia da protagonista Rami. Casada aos dez anos dentro de regime poligâmico, foi essa personagem quem transmitiu à sobrinha sua experiência matrimonial regida pela poligamia. O pai da tia possuía uma grande dívida quando sua esposa estava grávida, sem poder aquisitivo para quitar o débito, prometeu ao cobrador que caso nascesse uma menina, esta seria prometida em matrimônio como pagamento da dívida: “O pai tinha uma dívida, não conseguia pagar impostos e disse ao cobrador de impostos: a minha mulher está grávida, se nascer uma menina entregá-la-ei como pagamento. E assim foi. Aos dez anos tornou-se vigésima quinta esposa de um rei. Teve um príncipe no ventre.” (CHIZIANE, 2004, p. 70)

Em situação adversa, Tony precisou cumprir com os costumes e pagar o *lobolo* de cada uma de suas esposas. Ao declarar a poligamia de forma legal, o personagem tem de cumprir sua obrigação de recém esposo para com as noivas e suas respectivas famílias. Neste caso, ao

considerar o enredo do romance, Tony tem de *lobolar* quatro mulheres. Dessa forma, essas mulheres e seus respectivos filhos passariam a usufruir dos benefícios sociais e materiais oferecidos pelo oficial de polícia, de acordo com o sistema cultural contextualizado:

O ciclo de lobolos começou com a Ju. Foi com dinheiro e não com gado. Lobolou-se a mãe, com muito dinheiro, num lobolo-casamento. As crianças foram legalmente reconhecidas, mas não tinham sido apresentadas aos espíritos da família. Era preciso trazê-las do tecto da mãe para a sombra do patriarcal num acto de lobolo-perfilha, uma forma de legitimá-las uma vez que nasceram fora das regras de jogo de uma família polígama. Depois fez-se lobolo da Lu e dos filhos. As nortenhas espantaram-se. Essa história de lobolo era nova para elas. Queriam dizer não por ser contra os seus costumes culturais. Mas envolve dinheiro e muito dinheiro. Dinheiro para os pais, dinheiro para elas, e para os filhos. Dinheiro que faz falta para comer, para viver, para investir. Quando se trata de benesses, qualquer cultura serve. (CHIZIANE, 2004, p. 125)

A partir de então, mostra-se a forma pela qual o personagem Tony compreende o pagamento dos *lobolos* como uma relação de poder, que o privilegiaria diante das esposas. Como é apresentado pelo romance, o rito funciona para Tony como uma reafirmação patriarcal que permite que suas esposas sejam vistas como propriedade por conta do pagamento.

Em determinado ponto do romance (CHIZIANE, 2004, p. 273), quando Luísa, a terceira esposa de Tony decide abandoná-lo, este a confronta com a declaração: “Tu és minha!” E quando a personagem o questiona de forma irônica “Onde está o título de propriedade?”, o marido utiliza o *lobolo* como justificativa. Por outro lado, mais tarde com Tony ainda insatisfeito com a partida de Luísa, a protagonista Rami manifesta sua oposição em relação ao pensamento de posseção do marido: “Lobolo é costume, é tradição, não tem expressão legal, meu Tony.” (CHIZIANE, 2004, p.281)

Em outro ponto da história (CHIZIANE, 2004, p. 119), receosas de uma possível sexta mulher com quem Tony poderia ter desenvolvido um novo romance, as cinco esposas unem-se em um jantar de família onde tentam questioná-lo. Julieta, a segunda, desabafa: “Para ti as mulheres são objectos de uso assim como papel higiénico”. Ao que o esposo reage de forma excessiva:

Ele vai-se desfazendo entre ofensas e galanteios, como um D.Juan. Não vê as feridas que abre. A ideia de ofensa nem existe, não corre nenhum perigo. Perigo de quê? As mulheres são suas. Loboladas. Compradas. Apaixonadas. Com filhos já paridos. Elas estão seguras, pescadas. Ao peixe pescado, amanha-se, tempera-se, coze-se e come-se. Ele pode dizer tudo o que lhe vai na alma sem correr qualquer perigo. (CHIZIANE, 2004, p.119)

Assim, é possível conceber que o *lobolo* funciona como uma forma de negociação, um

acordo entre as famílias do noivo e da noiva no ato do matrimônio. Tanto em *Balada de amor ao vento* (2003) quanto em *Niketche: uma história de poligamia* (2004), é destacada a importância desse advento social do país. No caso de Sarnau, o *lobolo* funcionou como forma de conquista de sua liberdade. No caso de Rami e as outras esposas, a perspectiva masculina obteve maior destaque, que através de Tony, mostra a concepção do homem, na qual o rito passa a ser entendido como uma marca de propriedade masculina sobre a mulher.

Contudo, há ainda outro aspecto em que o *lobolo* deve ser considerado. No caso de *Niketche* (2004), a atitude de Rami em incluir as quatro mulheres que se relacionavam clandestinamente com Tony contribuiu com a obtenção de determinados direitos para essas mulheres. A partir da legalização da poligamia, a prática do *lobolo* proporcionou àquelas mulheres seus direitos enquanto esposas, bem como, atribuiu a Tony o comprometimento como esposo e como pai de todos aqueles filhos.

A maneira como se aborda o *lobolo* em *Niketche* (2004) demarca outra particularidade da cultura moçambicana, de modo que por conta do pagamento do *lobolo*, a esposa deve permanecer na mesma família, até em caso de falecimento do marido, por isso é empregado o ritual do *kutchinga*, a ser discutido adiante.

Kutchinga e a “purificação da viúva”

Como tem sido notado, no decorrer do romance o embate entre a cultura do colonizador e do colonizado faz-se muito presente. Outro momento onde esse conflito pode ser visto é na prática do ritual de *kutchinga*. De acordo com o glossário da edição brasileira do romance de Chiziane, *kutchinga* define-se como levirato, ou seja, o costume presente em determinadas culturas onde a viúva deve casar-se com o irmão do falecido esposo. Dessa forma, mesmo os filhos frutos do segundo casamento são considerados herdeiros e descendentes do primeiro marido.

Em determinado ponto da trama, o personagem Tony foi dado como falecido. Nesse momento, iniciam-se os rumores perante o ritual do *kutchinga*, entendido como purificação sexual. Para melhor compreender o funcionamento do ritual do *kutchinga*, destaca-se mais uma vez o narrador intruso com sua explicação reflexiva sobre o ritual de purificação: “Kutchinga é lavar o nojo com beijos de mel. É inaugurar a viúva na nova vida, oito dias depois da fatalidade. Kutchinga é carimbo, marca de propriedade. Mulher é lobolada com dinheiro e gado. É propriedade. Quem investe cobra, é preciso que o investimento renda.” (CHIZIANE, 2004, p. 212)

No trecho citado, o ritual do *kutchinga* mostra-se como uma reafirmação da estrutura da

sociedade patriarcal, uma vez que mesmo após o falecimento do esposo, espera-se que a viúva se mantenha na família por conta do valor pago por ela no ato do *lobolo*. O investimento mencionado pelo narrador pode ser explicado pela força de trabalho feminina, bem como pela procriação. Dessa forma, pode-se compreender ainda que a prática do levirato reforça a situação de dependência feminina em relação à figura masculina, de modo que aquela precise desta para obter uma posição dentro da sociedade. Além disso, o ritual também indica o fato de que a mulher é pertencente à família do marido, como força de trabalho e como reprodutora dos filhos.

A forma de consumação do ato conforme ilustrado no romance, apenas consistiu no ato sexual, de modo que outros aspectos como cerimônia de casamento, por exemplo, não foram retratados. De acordo com o romance, a preparação para o *kutchinga* é feita por mulheres da família do marido, oito dias após seu falecimento. A narradora explica que as mulheres preparam um grande recipiente com infusões e folhas verdes, que servirão para parte da cerimônia de purificação. Ao passo que a protagonista questiona aquelas que a carregam e despem à força, as mulheres apenas dão sequência ao ritual, ágeis e silenciosas:

Nada me dizem. Arrancam-me a roupa, quase que a rasgam. Cobrem-me com uma manta grossa de algodão e submetem-me ao banho de vapor. Transpiro, queimo. Meu Deus, elas querem me esfolar. Meu Deus, elas vão me estripar. Esfregam-me o corpo todo com ervas, como uma panela suja com fumo de carvão. Acabam de fazer o banho. [...] Silêncio. Cobrem-me com um lençol branco e me arrastam para o quarto ao lado. Nas paredes, cortinados verdes. Fumos de incenso. No chão, um tapete de folhas frescas, como se lá tivessem caído todas as folhas do mundo. Arrancam-me o lençol, saem do quarto e deixam-me só, tal como nasci. (CHIZIANE, 2004, p. 224)

Como se pode perceber, a intitulação “purificação” da viúva não se dá por acaso. Os atos praticados por aquelas mulheres demonstram que por meio do ritual trata-se Rami como suja, algo que deva ser limpo antes de entregue ao próximo marido. Isso pode ser notado não apenas pela agressividade com a qual o ato é praticado, mas também pela metáfora oferecida pela narradora, que compara o tratamento que recebe com a árdua limpeza de uma panela suja.

De acordo com os costumes, esperava-se que após a relação sexual entre Rami e Levy, o irmão de Tony responsável pelo *kutchinga*, o novo casal se estabelecesse. Entretanto, dada a falsa morte de Tony, este retorna ao lar no mesmo dia em que o ritual foi praticado, evitando que o relacionamento entre Rami e Levy tivesse continuidade. Mesmo assim, adiante no romance, insatisfeita com o esposo que retornou, Rami afirma que irá com seus filhos para a casa de Levy, o marido que a viuvez lhe conferiu. (CHIZIANE, 2004, p. 233)

A reivindicação da protagonista não ocorre por mera fidelidade às tradições. É importante

destacar que após o martírio da preparação para o ato, a personagem pode desfrutar da relação sexual com o cunhado. As sensações de prazer de Rami mostram que, mesmo ao tratar-se de uma suposta tradição patriarcal, onde a mulher é tratada como mercadoria da família pela qual foi adquirida através do *lobolo*, é possível que haja subversão.

O caráter subversivo da atitude da protagonista de *Niketche* não se deve apenas ao prazer sentido no ato sexual, mas também pelo fato de que, consciente de que seu marido ainda vive, a personagem não recusa a prática. Ao contrário, Rami mais uma vez utiliza uma tradição patriarcal a seu favor. Isso pode ser notado com o retorno de Tony, e com ele a revolta pela consumação do *kutchinga*. Ao passo que o esposo questiona se Rami não havia oferecido recusa à prática, a personagem revida: “Como? É a nossa tradição, não é?”. Conforme a permanente reprovação do marido, a esposa argumenta que agiu de acordo com a obediência e submissão ensinadas pelo próprio Tony e reforça: “Sempre te obedeci a ti e a todos os teus. Por que ia te desobedecer agora? Não podia trair a tua memória.” (CHIZIANE, 2004, p.227-228).

Mais tarde, com o retorno de Tony, as esposas denunciam o personagem por todos os infortúnios causados por sua ausência. Quando uma delas utiliza do *kutchinga* como ilustração de um dos sofrimentos vivenciados, questiona Rami sobre o quão doloroso havia sido o ato, enquanto a protagonista reflete:

Baixo a cabeça encabulada. Não foi doloroso, foi saboroso. Eu fui tchingada, mas fui amada no mesmo acto. O meu tchingador violou-me o corpo e deixou uma isca de carícia no meu coração. Foi preciso o Tony ser dado como morto para eu descobrir que o amor tem outras cores e outros sabores. Eu rezei muito, eu rezei, para o Tony não regressar da morte, que de amores estou bem servida. (CHIZIANE, 2004, p. 238)

Destaca-se ainda que para além do prazer vivenciado pela protagonista, o desfecho do romance revela que a relação entre Levy e Rami gerou um filho. Com isso, ao retornar de sua suposta morte, Tony deve assumir o fruto do *kutchinga* como um de seus filhos, uma vez que, o ato foi consumado de acordo com a tradição. De modo que Rami não pode ser acusada de traição, tampouco decide-se por abandonar o esposo, este é compelido a aceitar o novo rebento como parte de sua família.

Assim, o ato de *kutchinga* funciona como forma de resistência para a protagonista de diversas maneiras, mas especificamente como uma revanche em relação ao esposo. Tanto que, o desfecho do romance releva que o pai do filho que Rami espera é Levy. Conforme a narradora descreve o personagem desolado: “Fica uns minutos intermináveis a contemplar o vazio. Era uma ilha de fogo no meio da água. Solto-o. Não cai, mas voa no abismo, em direção ao coração do

deserto, ao inferno sem fim.” (CHIZIANE, 2004, p. 333)

Além disso, considera-se também que a partir da consumação do ritual de *kutchinga* como forma de purificação da viúva de Tony, Rami é submetida a ser esposa de Levy, isto porque uma mulher sem marido na sociedade moçambicana é marginalizada, como a própria autora afirma, dentro e fora da obra. (CHIZIANE, 2004 e 2013)

Dessa forma, pode-se conceber que assim como em diversas obras literárias, não apenas em contextos pós-coloniais, a mulher é reduzida à sua função na sociedade. A questão da posição da mulher na sociedade moçambicana não se limita apenas à protagonista Rami. Ao se considerar as outras personagens femininas presentes no romance percebe-se a forma pela qual as mulheres são vistas de acordo com suas “funções”. Ao último capítulo, o presente estudo se voltará à representação das mulheres no romance, com foco em suas identidades e de que forma a sociedade na qual convivem reflete na construção dessas identidades. Contudo, no momento pode-se notar também, que o levirato, além de rebaixar a figura feminina à sua função dentro do matrimônio, sobrepõe a posição do homem como “salvador” da mulher, dado que é visto de forma frequente do romance de Chiziane.

Desse modo, é possível considerar o ritual do *kutchinga* como um reforço da dominação masculina e em consequência, da sociedade patriarcal. Todavia, como diversos outros aspectos apresentados na obra, a “purificação da viúva” pode ser subvertida como forma de favorecimento daquelas que inicialmente seriam vítimas de tais tradições, através da geração do filho e do prazer vivenciado por Rami.

Niketche: A dança do amor

Ao se levar em conta os temas abordados anteriormente em conjunto com o título do livro: *Niketche: uma história de poligamia* (2004) considera-se que apesar de o romance ser escrito em língua portuguesa, faz-se possível notar a resistência da autora Paulina Chiziane por meio da linguagem. De maneira que mesmo ao utilizar-se do idioma do colonizador, esta inclui aspectos provenientes de etnias moçambicanas, como os termos utilizados, e os coloca de forma indispensável para o desenvolvimento do enredo. Além da já destacada a oralidade que permeia toda sua escrita. O romance escrito em língua portuguesa recebe em seu título um termo proveniente da cultura moçambicana, especificamente da região norte do país. Dito isso, entende-se que o uso do termo “*Niketche*”, tradicional da cultura *macua*, predominante na região norte de Moçambique, acompanhado do subtítulo em português retoma a postura da autora em relação à

resistência a partir do uso da língua.

A edição brasileira de *Niketche* (p. 336) traz o termo como uma “dança de amor” típica da região da Zambézia e Nampula. Faz-se assim indispensável considerar o título do romance em questão, uma vez que, este carrega um conceito cultural moçambicano, responsável pela construção da trama. Mauá, a quinta e mais jovem esposa de Tony pertence à etnia *macua*, explica o sentido e a importância do *Niketche*: “Uma dança nossa, dança *macua*, uma dança do amor, que as raparigas recém-iniciadas executam aos olhos do mundo, para afirmar: somos mulheres. Maduras como frutas. Estamos prontas para a vida!” (CHIZIANE, 2004, p. 160)

A partir das afirmações de Mauá, pode-se notar a relevância da dança do *Niketche* na formação das meninas nortenhas. Tal ritual é praticado em conjunto e como finalização dos ritos de iniciação sexual. Conforme mostra a personagem *macua*, a dança remete à preparação amorosa, muito valorizada no Norte. O modo pelo qual Mauá disserta sobre o *Niketche* ilustra a dança como uma forma de arte performada como representação do amor, da paixão. A partir de tal prática, as meninas expõem-se ao mundo como mulheres, despertam a atenção e o interesse de possíveis parceiros matrimoniais que se encantam com o praticar da dança.

Adiante, é retomada a reflexão sobre o *Niketche* quando a narrativa aborda as variadas distinções entre as regiões norte e o sul do país, sobre a dança nortenha, a narradora discorre:

Niketche. A dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe, que aquece. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar. As raparigas aparecem de tangas e missangas. Movem o corpo com arte saudando o despertar de todas as primaveras. Ao primeiro toque do tambor, cada um sorri, celebrando o mistério da vida ao sabor do *niketche*. Os velhos recordam o amor que passou, a paixão que se viveu e se perdeu. As mulheres desamadas reencontram no espaço o príncipe encantado com quem cavalgam de mãos dadas no dorso da lua. Nos jovens desperta a urgência de amar, porque o *niketche* é sensualidade perfeita, rainha de toda a sensualidade. Quando a dança termina, podem ouvir-se entre os assistentes suspiros de quem desperta de um sonho bom. (CHIZIANE, 2004, p. 160-161)

A partir da descrição mencionada, bem como a afirmação da própria escritora¹⁵, faz-se necessário notar que em diversos momentos o próprio romance assume esse caráter sensual e sexual que pode ser observado no desenrolar da trama seja através de acontecimentos, ritos de iniciação sexual e até a personalidade de determinadas personagens. Paulina Chiziane (2013) afirma em entrevista que o intuito principal de *Niketche* (2004) seria mostrar que mulheres podem falar sobre sexualidade tanto quanto os homens. A autora do romance tem consciência de que no

¹⁵Em entrevista para Rogério Manjate em 2002, disponível na revista eletrônica *Passagens Literárias*.

campo literário é comum que os homens abordem temas sexuais, mas que o mesmo não ocorre com as mulheres. Dessa forma, afirma a autora, as mulheres são retratadas como objetos de conquista masculina nos meios literários, uma vez que, assim são representadas por escritores homens. Em contrapartida, a autora mostra em *Niketche* (2004) a voz feminina que aborda temas e comportamentos sexuais. Desse modo, tais práticas são compreendidas de maneira diferenciada por mulheres, que por sua vez, não trazem o tema como conquista e sim, em acordo com aspectos emocionais.

Um dos momentos em que a sensualidade é exaltada na obra ocorre quando as cinco esposas de Tony descobrem a possibilidade de o marido estar envolvido em um novo romance, com outra mulher além das cinco. Neste ponto, as esposas unem-se em um rito de amor, com o intuito de despertar o desejo do marido de volta para si próprias.¹⁶ Finalizado o ato, sem o resultado pretendido, Rami lamenta-se e reflete que teriam exagerado em suas atitudes. A jovem nortenha Mauá, por outro lado, diverte-se com a postura tipicamente sulista da protagonista e relata que se despia e preparava sua alma para dançar o *Niketche* ao som dos batuques de sua terra.

Como pode ser visto a prática da dança nortenha não é parte dos costumes da protagonista Rami, por conta de sua descendência do sul de Moçambique. Contudo, a personagem propõe-se a colocar o ritual nortenho em prática, sempre com a justificativa de salvar seu casamento. Mesmo assim, Rami sente-se envergonhada pelo ocorrido, tanto por conta de o ato ser contrário aos seus costumes cristãos quanto por ter sua nudez exposta diante de outras mulheres, fato que para Mauá, por exemplo, é visto com indiferença. Dessa forma verifica-se que mesmo com a legalização do casamento poligâmico, e com o relacionamento fraternal entre as esposas, Rami sente-se envergonhada por despir-se diante das outras mulheres para despertar o desejo de Tony. A protagonista de *Niketche* (2004) mantém ainda seu moralismo católico, bem como a posição de superioridade diante das outras esposas. Essa relação inconstante entre Rami, Julieta, Luísa, Saly e Mauá, seus conflitos e parcerias serão discutidos mais adiante, como componente da análise das identidades femininas no romance em questão.

Moçambique dividida entre Norte e Sul

A pluralidade cultural de Moçambique mostra ainda maior variedade conforme cada região do país. Em meio à tamanha diversidade encontra-se uma ampla pluralidade entre os costumes,

¹⁶O ocorrido em questão é de imensa relevância para o desenvolvimento do enredo. Entretanto, por abordar de forma ampla as particularidades de cada esposa, será debatido mais detalhadamente adiante em conjunto com o estudo das identidades femininas em *Niketche: uma história de poligamia* (2004).

idiomas e etnias. A constante oposição entre o cristianismo e os costumes tradicionais moçambicanos constrói a narrativa e sua história de poligamia. A escolha de Chiziane em construir personagens de variadas regiões de Moçambique possibilita que o romance exponha as particularidades dos povos de diversas localidades e diferentes etnias do país.

Alcinda Manuel Honwana (2002) debate em estudo antropológico a dicotomia entre tradição e modernidade, discussão frequente após a independência de Moçambique por conta da constante busca por identidade. Dessa forma, Honwana (2002) explica que mesmo que o campo espiritual seja mais aclamado pela tradição, este também se faz presente na modernidade. A pesquisadora afirma que ao se abordar a questão das crenças deve-se antes considerar as relações entre tradição e modernidade. De maneira que a tradição é vista como algo estático, resistente a mudanças, a modernidade é:

[...] definida como variável, dinâmica, científica, racional e ocidental. Os valores modernos são, muitas vezes, equiparados a valores <<ocidentais>> e vistos como processos interactivos de desenvolvimento económico e mudança sociocultural, associando-se os valores tradicionais e sociedades não ocidentais e estáticas. (HONWANA, 2002, p. 23 – Grifo da Autora)

Como resultados, surgem as citadas divergências culturais entre as regiões do país. Em *Niketche: uma história de poligamia* (2004), a protagonista Rami, demonstra os reflexos dessas divergências através de sua identidade:

Nas práticas primitivas, solidariedade é partilhar pão, manta e sémén. Sou do tempo moderno. Prefiro dar a minha vida e o meu sangue a quem deles precisa. Posso dar tudo, mas o meu homem não. [...] Navego numa viagem ao tempo. Haréns com duas mil esposas. Régulos com quarenta mulheres. Esposas prometidas antes do nascimento. Contratos sociais. Alianças. Prostíbulos. Casamentos de conveniência. Venda das filhas para aumentar a fortuna dos pais e pagar dívidas de jogo. Escravatura sexual. Casamentos aos doze anos. (CHIZIANE, 2004, p. 39-40)

Portanto, considera-se o que Honwana (2002) discute entre tradição e modernidade, de forma que a protagonista faz essa comparação de forma nítida. Assim, nota-se que o contexto social e cultural no qual o romance de Paulina Chiziane é retratado influencia no comportamento, nas crenças e na construção da identidade dos membros componentes da história. Além disso, destaca-se que mesmo com o advento do colonialismo e todas as suas consequências como a subjugação da cultura e da identidade moçambicana e a tentativa do apagamento das tradições africanas para a imposição da cultura europeia, a nação foi capaz de manter sua pluralidade cultural, bem como seus

costumes, particularidades e dialetos que permanecem resistentes ao colonialismo.

No decorrer das aulas de iniciação amorosa, Rami e sua conselheira de origem *macua* discutem vários aspectos os quais diferenciam as culturas dentro de um mesmo país. A conselheira vê a aprendiz como criança por não ter frequentado a escola de amor antes do casamento. Rami, por sua vez, descobre outros segredos matrimoniais que ultrapassam os ensinamentos de bordados, obediência e maternidade. Mesmo assim, relacionam semelhanças como tabus sobre menstruação, hábitos alimentares que compelem as mulheres a servirem melhor aos homens, e outros mitos reforçados para justificar a soberania masculina em ambas as culturas, em vários cantos do país.

Diante de tais distinções, as duas mulheres adentram-se em devaneios sobre seus respectivos costumes e a partir da voz do narrador, segue a seguinte reflexão:

No norte, sem os ritos de iniciação não és gente, és mais leve que o vento. Não te podes casar, ninguém te aceita e, se te aceitar, logo depois te abandona. [...] Os ritos de iniciação são como o baptismo cristão. Sem baptismo todo o ser humano é pagão. Não tem direito ao céu. No sul, homem que não lobola a sua mulher perde o direito à paternidade, não pode realizar o funeral da esposa nem dos filhos. Porque é um ser inferior. Porque é menos homem. (CHIZIANE, 2004, p. 46-47)

Mesmo que dentro da poligamia, a primeira esposa de um polígamo possua maiores privilégios em relação às que vêm a seguir, nada se compara aos privilégios masculinos dentro do matrimônio. Ainda no decorrer das aulas de iniciação amorosa, Rami e sua conselheira refletem sobre as questões de alimentação. Tanto na região sul quanto norte são reservados para o esposo e os filhos homens os melhores cortes de carne, os ovos e a moela da galinha, esta última em específico, constitui parte de hábitos presentes em ambas as regiões. A professora de amor de Rami explica que “No Norte, a história da moela por vezes gera conflitos conjugais, que terminam em violência e até divórcios.” (CHIZIANE, 2004, p. 43)

A crença da conselheira amorosa de Rami é reforçada quando a mãe da protagonista conta a história de sua irmã mais velha, tia de Rami, que teria morrido antes mesmo do nascimento desta por conta de uma moela:

Era domingo e a minha irmã preparou o jantar. Era galinha. Preparou a moela cuidadosamente e guardou numa tigela. Veio o gato e comeu. O marido regressou e perguntou: a moela? Ela explicou. Foi inútil. O homem sentiu-se desrespeitado e espancou-a selvaticamente. Volta para a casa da tua mãe para ser reeducada, disse ele. Já! Ela estava tão agoniada que perdeu a noção do perigo e meteu-se em marcha na calada da noite. Eram cerca de dez quilómetros até ao lar paterno. Caiu nas garras do leopardo nas savanas distantes. Morreu na flor da idade por causa de uma imbecilidade. Morreu ela e ficou o gato. (CHIZIANE, 2004, p.100)

Rami e sua conselheira comentam também a forma conveniente pela qual esses costumes são implantados, de modo que favorece o gênero masculino, pois diante de tais tradições:

Em matéria de comida, não há norte nem sul. Todos os homens são gulosos e inventam mitos só nas carnes, peixes e ovos. Não há mitos de couves nem alfaces. Por vezes aparecem mitos de feijão e de arroz, culturas que produzem dinheiro. Os homens são todos iguais. (CHIZIANE, 2004, p. 43-44)

Nesse mesmo âmbito, mais tarde, já em relação poligâmica, as esposas de Tony são ensinadas por mulheres mais velhas a forma que o esposo deveria ser tratado:

Devem servir o vosso marido de joelhos, como a lei manda. Nunca servi-lo na panela, mas sempre em pratos. Ele não pode tocar na loiça nem entrar na cozinha. Quando servirem galinha, não se esqueçam das regras. Aos homens se servem os melhores nacos: as coxas, o peito, a moela. Quando servirem carne de vaca, são para ele os bifés, os ossos gordos com tutano. É preciso investir nele, tanto no amor como na comida. O seu prato deve ser o mais cheio e o mais completo, para ganhar mais forças e produzir filhos de boa saúde, pois sem ele a família não existe. (CHIZIANE, 2004, p. 126)

Nesse momento, é reforçada a reprodução de sociedade patriarcal a partir da educação das mulheres. De maneira que, os discursos em favor dos homens são reproduzidos mesmo por mulheres. Assim, os costumes nos quais as mulheres são instruídas em favor dos esposos, podem ser reafirmados.

O grupo de mulheres que tenta pregar a forma pela qual a relação poligâmica deve ser regida é formado pela sogra de Rami e outras tias. Além de definir os pratos que devem ser servidos ao esposo, estas tentam também justificar suas afirmações, além da inclusão de críticas:

Vocês, as mulheres modernas, têm o mau hábito de alimentar os homens de qualquer maneira. Guardam a comida na geleira por dias e dias. Um homem deve ser alimentado com comida fresca. É preciso acender uma fogueira em cada dia. Não dêem batatas cozidas no dia anterior, porque incham os testículos dos homens, principalmente dos rapazes em crescimento. Não comam nunca a cabeça de peixe, nem de vaca, nem de cabrito, que é comida de homem. A cabeça do animal representa a cabeça da família. A cabeça da família é o homem. (CHIZIANE, 2004, p. 127)

Devido a discordâncias entre as regiões, as características femininas podem também divergir. A estudiosa Chandra Mohanty (1984), debate acerca das imposições masculinas citadas, que podem se apresentar de diferentes modos de acordo com o contexto no qual são empregadas. Neste caso, as divergências ocorrem por conta de olhares distintos em relação às mulheres em

diferentes regiões de Moçambique. Por exemplo, os homens da etnia *macua*, originária do Norte do país argumentam que ao contrário do que os sulistas afirmam, eles não são escravos das mulheres, mas sim, que a dedicação direcionada a elas seria semelhante a um investimento: “Investimos, sim. Porque a mulher é terra. Sem adubar, sem regar, ela nada produz. Enquanto vocês batem nelas, pisam nelas, nós as enfeitamos, amamos e cuidamos como plantas do mais belo jardim.” (CHIZIANE, 2004, p. 208)

Com isso, destaca-se que conforme é apresentado nesse ponto do romance, a divergência entre os nortenhos *macuas* e *macondes* e os sulistas *bantu* no tratamento das mulheres é recorrente. No momento que os nortenhos creem que as mulheres devem ser tratadas com zelo e delicadeza, criticam os sulistas de brutalidade e grosseria ao lidar com as mulheres. Todavia, não se deve perder de vista, que em ambos os costumes, é demarcada a ideia de mulher como investimento ou propriedade.

Nesse ponto, é possível notar que dentro de um mesmo país, a subjetividade das mulheres pode variar. Bem como, as formas de opressão que possam sofrer. Neste contexto, o patriarcalismo funciona de maneiras diferenciadas, no Sul mais acentuada, onde a mulher é vista como inferior ao homem, quem lhe deve obediência e servidão. Por outro lado, conforme representado na região norte, as mulheres são tratadas com maior zelo e empenho, para igualmente, desempenharem tarefas que favorecem o marido e a família.

Tendo isso em vista, questiona-se de que forma os sujeitos femininos são retratados em uma sociedade com tamanha pluralidade cultural. Ao reunir as questões de tradição cultural e de gênero, este trabalho preocupa-se especificamente com a perspectiva feminina diante de elementos literários, culturais e identitários. Dessa maneira, busca-se observar as possíveis formas pelas quais os elementos culturais agem sobre os sujeitos e seus contextos sociais. Diante disso, coloca-se a possível relação entre elementos culturais e a multiplicidade identitária na construção de personagens femininas em *Niketché: uma história de poligamia* (2004) que será discutida adiante.

CAPÍTULO 4

MULHERES ENQUANTO SUJEITOS (?) PÓS-COLONIAIS

FEMINISMO E FEMINISMOS: MULHERES EM PROL DA IGUALDADE

A desigualdade de gênero tem sido objeto de estudo em diversas áreas acadêmicas em variadas sociedades ao redor do mundo. Ao retomar os estudos de Stuart Hall (2005) sobre o sujeito pós-moderno, é importante destacar que o pensador define suas concepções de identidade com ênfase em possíveis fragmentações identitárias do referido sujeito. De acordo com o autor, houve “descentramentos” historicamente responsáveis por essa identidade fragmentada do sujeito da modernidade. Dentre os descentramentos citados pelo autor constam: O pensamento marxista no âmbito das classes; O descobrimento do inconsciente por Sigmund Freud no campo da psicanálise; A Linguística estrutural de Ferdinand Saussure; E o elemento indispensável para esta pesquisa, o movimento pelos direitos das mulheres.

Hall (2005) compreende o feminismo tanto como crítica teórica quanto movimento social que, por sua vez, ocorreu em conjunto com outros coletivos por direitos sociais. Conforme o estudo, o movimento feminista teria questionado a distinção entre as esferas sociais, de forma que a hierarquia presente até mesmo no contexto matrimonial passou a ser contestada. Além disso, o autor sumariza que o movimento tenha agido de forma direta sobre a subjetividade e a identidade, de forma que “Aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero.” (HALL, 2005, p.45-46)

Considera-se aqui, a relevância do movimento feminista para o estatuto das mulheres no decorrer das épocas e em contextos sociais diversificados, uma vez que, a desigualdade entre os gêneros é componente de inúmeras sociedades em seus mais variados formatos, tanto contemporâneos quanto anacrônicos. Tal desigualdade é frequentemente normatizada em esferas sociais, de modo a criar-se uma hierarquização das relações humanas, onde a posição feminina é colocada como inferior à masculina. O patriarcalismo funciona como uma das construções que resultaram em tais hierarquias e lançaram as mulheres à margem social. Assim, o formato de sociedade patriarcal em variados contextos tal qual conhecemos tornou-se padronizado ao ponto de ser aceito como natural.

Luís Felipe Miguel (2014, p. 17) define que o movimento feminista teria recusado a

normatividade do patriarcalismo e denunciado a forma de opressão que as mulheres estariam sujeitas. Assim, “[...] o pensamento feminista caminha para uma crítica ampla do mundo social, que reproduz assimetrias e impede a ação autônoma de muitos de seus integrantes”. O pensador afirma ainda que o feminismo tenha aberto portas para discussões sobre a dominação masculina, expressão também utilizada para designar o patriarcalismo. Miguel (2014) relaciona ainda os estudos feministas com a teoria política e os coloca como codependentes, quando afirma que ao questionar o sistema social patriarcal, a teoria feminista teria inserido os debates sobre desigualdade de gênero na agenda política.

Historicamente, diversos fatores levaram as mulheres para a situação de inferioridade onde são subjugadas até os dias atuais. Portanto, fez-se necessário o feminismo como engajamento político. As estudiosas do feminismo Bianca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy (1985) comentam que desde a Grécia Antiga, as opressões de gênero se faziam presentes. As mulheres e os escravos eram menosprezados em igualdade, ao passo que a supremacia se voltava de forma exclusiva ao homem livre. Detentores de maior poder dentro daquele contexto social, apenas aos homens livres era permitido que desfrutassem de esferas sociais como os meios políticos e intelectuais. É importante destacar também que a pesquisa demonstra que o acesso às artes e ao conhecimento era permitido apenas às cortesãs, pois se esperava que dessa forma, oferecessem companhias mais agradáveis aos homens livres. Assim, percebe-se que as mulheres apenas possuíam acesso a artifícios que viriam a beneficiar uma determinada parcela masculina da sociedade na qual eram inseridas.

Nesse mesmo âmbito coloca-se que outro destaque das pensadoras do feminismo seria a falta de acesso à educação, o que dificulta até os dias atuais o desenvolvimento profissional das mulheres, e assim as deixa como dependentes dos homens por aspectos financeiros. Além disso, segundo as pesquisadoras, a ausência de mulheres em espaços acadêmicos, resultou no apagamento histórico de feitos por mulheres, que por sua vez, rareou a quantidade de registros femininos no decorrer dos séculos. (ALVES e PINTAGUY,1985)

Ainda, o estudo de Alves e Pitanguy (1985) ao abordar a história do sujeito feminino através das épocas e as relações com suas respectivas sociedades constata o que seria o nascimento do movimento feminista e suas reivindicações perante meios políticos e matrimoniais, de forma que tais exigências buscavam contemplar tanto as esferas privadas quanto sociais. As autoras (1985) discutem que o feminismo não ocorreu de forma alheia a outros movimentos sociais, pois as opressões não ocorrem de modo isolado, uma vez que, existem “conexões significativas entre tais movimentos, que se somam na busca de uma nova sociedade.” (ALVES E PITANGUY, 1985, p.

08)

A relevância social do movimento feminista, bem como suas conquistas para as mulheres, como o direito ao voto, o acesso aos estudos, ao divórcio, dentre outras, são de ganho imensurável para o caminho à igualdade de gêneros. Contudo, não se deve ignorar que a luta feminista foi, e em alguns casos continua a ser, excludente em diversos aspectos. Dentre tais aspectos estão os diferentes modos de sexualidade, assim como as intersecções entre gênero, raça e classe social. Com isso, faz-se necessário destacar outras perspectivas do feminismo para além do movimento hegemônico Europeu e Americano. Especialmente, volta-se essa análise por conta do objeto de estudo da presente pesquisa, que consiste em uma obra literária em contexto de um país terceiro mundo.

A pesquisadora do feminismo bell hooks (2000) afirma que a ideia principal do pensamento feminista parte de princípio da opressão em comum que sofrem todas as mulheres, o sexismo. Entretanto, de acordo com a pensadora, esse posicionamento colocaria todas as mulheres com uma única face, de modo que os aspectos de classe, raça, religião e orientação sexual não fossem relevantes. O que hooks (2000) destaca é que o sexismo enquanto instituição é responsável por oprimir todas as mulheres, de fato. Contudo, essa forma de dominação não determina o destino das mulheres dentro da sociedade, de maneira que as diversidades geram também uma variedade de opressões vivenciadas por cada mulher. A atitude do feminismo protagonizado por mulheres brancas criticada por hooks (2000) trata-se da postura feminista ocidental em solicitar a união feminina para unificar a opressão em comum. A pensadora contesta tal posicionamento, pois compreende que esta seria mais uma forma de silenciar as demandas de classe e raça, bem como manter seus privilégios indiferentemente de suas “irmãs” acumularem opressões para além do sexismo.

Feminismos e Mulheres no Terceiro mundo

Ao considerar que as maiores manifestações do feminismo tenham ocorrido majoritariamente na Europa e nos Estados Unidos, nota-se que estas foram praticadas por mulheres de classes sociais abastadas, que possuíam acesso a estudos e privilégios sociais. A partir disso, nota-se que o feminismo inicialmente não foi capaz de contemplar a todas as categorias de mulheres e dessa forma, não abarca aspectos de classe social, sexualidade, raça, dentre outros. Desse modo, em contrapartida ao feminismo estudado por Alves e Pitanguy (1985), proveniente dos EUA e da Europa, surgiram outras vertentes feministas, focalizadas em aspectos de raça, classe

e sexualidade.

Ainda, deve-se levar em conta que o feminismo hegemônico por ter suas raízes em países desenvolvidos economicamente, principalmente os EUA e outros países do continente Europeu, distancia-se das mulheres analisadas na presente pesquisa. Ao se considerar que o romance aqui estudado é ilustrado na sociedade Moçambicana pós-colonial, destaca-se com base em suas personagens, diversas outras maneiras de lutar pelos direitos femininos, valorização social da mulher e a prática da solidariedade entre elas.

O contexto de *Niketche: uma história de Poligamia* (2004) abarca um grupo de regiões que são denominadas “países de terceiro mundo”. A pensadora Chandra Mohanty (1991) explica que a ideia de terceiro mundo relaciona-se com o entendimento de minorias sociais e não apenas aspectos geográficos. Leva-se em conta que tais minorias, bem como os países de terceiro mundo não são definidas por sua quantidade, mas sim por mecanismos sociais, culturais e econômicos de opressão, que os deixam à margem da sociedade. Assim, quando se fala em minorias sociais e políticas, refere-se àqueles que estão em menor quantidade em espaço de poder, tanto político quanto econômico. Dessa maneira, Mohanty (1991) explica que o conceito de terceiro mundo não deve ser entendido de forma superficial, considerando apenas aspectos geográficos ou nacionalidades, pois outros critérios devem ser levados em conta, como a situação de pessoas negras marginalizadas, os imigrantes ilegais, e os indígenas em situação de reserva, em países desenvolvidos como os EUA, por exemplo, ou seja, a posição de pessoas em situação de terceiro mundo em países considerados de primeiro mundo.

Mohanty (1991) discute também a variedade e instabilidade de sociedades nas quais as mulheres de terceiro mundo se localizam. Ao se considerar a inconstância de mecanismos de poder em tais contextos, compreende-se a multiplicidade identitária de mulheres nos países citados, uma vez que, aspectos como gênero, raça e nacionalidade em comum não unificam uma categoria de mulheres. Desse modo, não se deve supor que similaridades sociais sejam consideradas características intrínsecas que façam com que todas as mulheres pertençam a um padrão, ou partilhem uma identidade única.

Avtar Brah (2005) também traz à luz a situação de mulheres deixadas à margem do feminismo eurocêntrico. Com foco em aspectos geográficos, a pensadora destaca estudos que priorizam a demanda de debates sobre barreiras físicas, linguísticas/idiomáticas, alternância cultural, e a própria diáspora. Brah (2005) comenta também sobre estratégias críticas a serem tomadas para evitar análises reducionistas, e para tanto, evidencia estudos como os de Chandra Mohanty.

Mohanty (1984), por sua vez, critica o posicionamento de determinadas feministas em relação às mulheres de terceiro mundo. Segundo a estudiosa, as análises de feministas entendidas como “ocidentais” adotam uma postura generalizadora e assim definem as mulheres de terceiro mundo como um grupo estável, permanente e homogêneo. As abordagens sugeridas por Chandra Mohanty (1984) rejeitam a ideia de “mulher” como um grupo singular e pré-determinado. Desse modo, especialmente em estudos sobre mulheres negras e de terceiro mundo, faz-se necessário voltar a atenção para a pluralidade de identidades femininas. Assim, a pensadora explica que ao contrário do que é ilustrado por feministas ocidentais, as mulheres de terceiro mundo não são meros sujeitos passivos de uma cultura opressiva. Deve-se considerar que os variados mecanismos de opressão fazem com que as mulheres em contextos de terceiro mundo coloquem-se como agentes de diversas formas de resistência.

Dito isso, faz-se necessário considerar todas as particularidades e pluralidades quando se refere às mulheres de terceiro mundo, para dessa forma, observar sua heterogeneidade. Mohanty (1984) explica que se deve partir do princípio de multiplicidade étnica, social, cultural, e até de opressão patriarcal, uma vez que, as formas de dominação masculina podem variar de acordo com contextos diferenciados.

Para lidar com o patriarcalismo e outras formas de repressão, precisa-se que as mulheres de terceiro mundo construam diferentes meios de resistência. Com isso, Kirsten Holst Petersen (2003) afirma que dentro do âmbito pós-colonial o principal questionamento para as feministas africanas, em específico, seria a prioridade entre a luta pela equidade de gênero ou contra o imperialismo cultural do ocidente. Petersen (2003) explica que no decorrer da década de 1960, quando se iniciaram efetivamente os estudos africanos, o foco nítido de sua luta seria refutar o imperialismo cultural, enquanto a problemática da mulher africana permanecia ignorada. Para melhor ilustrar essa situação, a estudiosa retoma a obra de Chinua Achebe *Things Fall Apart* (1958), na qual o protagonista é castigado não por agredir a sua esposa, mas por fazer isso em uma semana sagrada. Sendo assim, é possível perceber que temas como identidade, cultura e religiosidade protagonizavam os estudos e as lutas do povo africano, porém, as mulheres foram por muitas vezes negligenciadas perante essas lutas.

Petersen (2003) ressalta também que a busca pela igualdade entre os gêneros na África apresenta maiores dificuldades em relação aos continentes ocidentais. A pensadora explica que uma das complexidades consiste na necessidade de se emprestar conceitos e vocabulários de uma cultura da qual está tentando se dissociar. A estudiosa reafirma ainda a posição da nigeriana Buchi Emecheta, autora de *The Bride Price* (1975), quando esta acredita que nem libertação cultural,

tampouco mudança social seriam suas preocupações. Para Emecheta, que recusa ideologias e rótulos, inclusive o de feminista, o caminho seria dar à mulher poder dentro da sociedade da forma na qual ela se encontra.

Nessa mesma perspectiva, Ketu Katrak (2006) entende que os escritos de mulheres em situações pós-coloniais desafiam a dupla opressão que sofrem: do patriarcalismo e do colonialismo. A pensadora afirma que essas escritoras frequentemente tratam de tradições como dote, preço da noiva e a poligamia de forma questionadora diante dos conceitos de feminilidade, maternidade, e a posição da mulher na sociedade. Um exemplo de escritora adepta a essa prática é a própria Paulina Chiziane, autora do objeto de estudo desta pesquisa.

Mais especificamente em relação às mulheres moçambicanas, sujeito principal do presente estudo, a pesquisadora Leoné Astride Barzotto (2009) aborda a violência e a resistência representadas pela literatura moçambicana. A pensadora comenta as formas pelas quais as guerras civis teriam refletido na vivência e na história dos habitantes do país e de que modo esses aspectos são ilustrados através das produções literárias de Moçambique.

O estudo de Barzotto (2009) mostra, dentre outros pontos, a força e a resistência de mulheres moçambicanas diante de várias adversidades. Ao se considerar o contexto bélico, a pesquisadora explica que as mulheres trabalhavam na lavoura para fornecer o sustento da casa e da família, enquanto os homens envolviam-se com a guerra, voluntariamente ou não.

A estudiosa comenta também que as mulheres sofriam frequentes mutilações por conta de minas terrestres implantadas em regiões em que se encontravam pontos de água, onde as mulheres recolhiam a bebida para o provimento de suas famílias. Nesse âmbito, Barzotto (2009) destaca que enquanto as mulheres perdiam seus membros por conta das bombas terrestres, eram imediatamente abandonadas por seus esposos, os quais logo se casavam com outra mulher para que esta mantivesse o sustento da casa no decorrer da guerra. Por outro lado, quando homens eram mutilados, suas esposas permaneciam ao seu lado e lhes ofereciam cuidados, para que sua situação não se agravasse e o esposo viesse a sucumbir de fome ou outros males.

Já no princípio da obra de Paulina Chiziane, *Niketche: uma história de Poligamia* (2004), quando a protagonista Rami se encontra aflita pela ausência de seu esposo Tony, são as mulheres da vizinhança que lhe oferecem amparo. O fator determinante para o desenvolvimento de todo o enredo ocorre quando o filho mais jovem do casal quebra, acidentalmente, o vidro do carro de um vizinho. Conforme indica o estudo de Barzotto (2009), há uma árdua relação das mulheres com o período de guerra no país. É importante destacar que no momento do incidente, a quebra do vidro causa sobressalto na protagonista por conta da memória do período conflituoso. O romance inicia-

se com tal temor:

Um estrondo ouve-se do lado de lá. Uma bomba. Mina antipessoal. Deve ser a guerra a regressar outra vez. Penso em esconder-me. Em fugir. O estrondo espanta os pássaros que voam para a segurança das alturas. Não. Não deve ser o projectil de uma bala. [...] Lanço olhos curiosos para a estrada. Não vejo nada. Apenas silêncio. Sinto um tremor ligeiro dentro do peito e fico imóvel por uns instantes. (CHIZIANE, 2004, p. 09)

Mesmo ao mencionar a guerra de forma breve, o romance consegue ilustrar já em seu início a angústia de pessoas que vivenciam uma sociedade em guerra civil. No caso do romance, volta-se especificamente para a perspectiva feminina, tal qual a análise de Leoné Astride Barzotto (2009). Por mais que o alívio tenha sido rápido, a apreensão da protagonista pode mostrar que esta teria experiência anterior com a guerra, e principalmente o temor de que as batalhas regressem. Entretanto, faz-se necessário apontar que a ausência de Tony não se deve ao fato de que ele estaria em qualquer guerra, mas sim nas casas de outras mulheres.

Considera-se também, as afirmações de Barzotto (2009) sobre as mulheres enquanto provedoras do lar. Como pode ser notado, no período em que o romance é ilustrado, não seria necessariamente um período de guerra. Contudo, como consequência daquele momento da história do país, bem como de outros fatores, existem muitas mulheres que permanecem como responsáveis pelo lar, mesmo que a sociedade as discrimine por tal situação.

Dito isso, destaca-se a relação inicial da protagonista com as mulheres de sua vizinhança, estas, as únicas responsáveis por seus lares e seus filhos. Na passagem citada anteriormente, apesar da apreensão por conta do estrondo, a estática Rami é interrompida por um grupo de mulheres de sua vizinhança. São estas que informam à protagonista sobre o ocorrido, que por sua vez, desagrada-se da atitude daquelas: “Os seus braços movem-se como ondas mansas, prontas para abrandar o tumulto. Há emoção em cada gesto. Há um tom de piedade, leve e dissimulado, em cada olhar que faz crescer em mim o sobressalto.” (CHIZIANE, 2004, p.09)

Mesmo após descrever a prontidão das vizinhas em socorrê-la, a personagem narradora adota determinado receio em tal atitude. Rami mostra-se incrédula de que aquelas mulheres estejam a oferecer apenas sua preocupação com o ocorrido. Ao afirmar o suposto tom dissimulado, a protagonista acredita que suas vizinhas estejam presentes apenas por curiosidade e para espalhar boatos. Isso se dá, pois até momento citado, Rami entende aquelas mulheres como desordeiras, mexeriqueiras, por não possuírem a presença masculina em suas residências. Logo a seguir, o ceticismo presente no discurso da narradora é reafirmado quando esta disserta: “Da janela do quarto oiço comentários na rua. As palavras que escuto lançam-me no desespero. Sinto as línguas

de fogo caindo no interior dos meus ossos. Eu fervo. Os meus olhos ficam húmidos de lágrimas.” (CHIZIANE, 2004, p. 11)

Além da demonstração de desconfiança, o trecho citado acima remete também à postura de Rami em relação às impressões externas sobre si e o ocorrido. É possível notar nesse momento que o incômodo da protagonista tem relação direta com determinadas diretrizes sociais. Conforme já destacado, o matrimônio é algo muito relevante no contexto social da personagem em questão, de forma que esta afirma repetidamente que lhe falta ordem na casa por conta da ausência masculina.

Assim, tal pensamento não é restrito ao seu lar, o mesmo é direcionado para suas vizinhas, sobre as quais se revela a seguir, não são casadas. Tal dado é constatado adiante, quando passado o incidente do carro, as mulheres retornam ao encontro de Rami: “Um desfile de mulheres vem ao meu encontro. Consolam-me. Dona Rami, as crianças são assim. Elas falam das crianças e do vidro partido. E falam também dos maridos ausentes que nem cuidam dos filhos.” (CHIZIANE, 2004, p.12)

É possível conceber que o discurso da personagem narradora reproduz um modelo de sociedade pautado no patriarcalismo, onde um lar deve ser regido pela figura masculina. Contudo, ao se considerar a sociedade moçambicana, deve-se notar que as mulheres, mesmo as casadas, são responsáveis por todas as tarefas do lar, até as que exigem maior força física.

Como pode ser notado de estudo de Barzotto (2009) e ilustrado no próprio romance, as mulheres em Moçambique são responsáveis por carregar baldes de água para o provimento da família, pilar o milho, procurar lenha, dentre outros. Ainda assim, por conter aspectos de uma sociedade patriarcal, as mulheres moçambicanas que não possuem um esposo são marginalizadas e seus lares desrespeitados. Tal desmoralização de lares regidos exclusivamente por mulheres é também reforçada pela narradora e ilustrada no romance:

Um marido em casa é segurança e protecção. Na presença de um marido os ladrões se afastam. Os homens respeitam. As vizinhas não entram de qualquer maneira para pedir sal, açúcar, muito menos para cortar na casaca da outra vizinha. Na presença de um marido, um lar é mais lar, tem conforto e prestígio. (CHIZIANE, 2004, p. 11)

Desse modo, ao zangar-se com a intervenção das vizinhas, Rami o faz por colocar-se como superior àquelas mulheres, por julgar que seus lares não possuem ordem devido a ausência de um homem.

O momento que se segue faz compreender a urgência das vizinhas em consolar Rami. Apesar da dissimulação destacada na narrativa, as mulheres compadeciam-se do sofrimento da

protagonista, pois há muito se encontram na mesma posição. Lidar com os problemas do lar figura-se como uma atividade constante para aquelas mulheres, as quais são as comandantes de seus lares. Conforme mostra o romance, a comunidade na qual a protagonista reside é formada quase em sua totalidade por figuras femininas que são responsáveis por suas residências: “Nesta minha rua a maior parte das mulheres ficou só, os maridos decidiram abalar quase ao mesmo tempo. Eu sou a única que ainda vê rosto de homem de vez em quando — só para vir comer e mudar de roupa.” (CHIZIANE, 2004, p. 13)

É importante notar que o fato de a vizinhança de Rami ser formada majoritariamente por mulheres não se deve ao acaso. O abandono matrimonial ocorreu com muitas delas, conforme apresentado pela narrativa. Entretanto, apesar de essas mulheres terem sido deixadas por seus esposos, a solidão delas não é completa. Mostra-se no romance, que elas recebem frequentes visitas noturnas, de homens que por sua vez, também seriam casados com outras mulheres e pais de outros filhos, que conforme a narradora, nunca conheceriam seus pais: “[...] quando a noite cai, vêm-se muitos homens a entrar e a sair de algumas casas como ladrões, sorrateiramente.” (CHIZIANE, 2004, p.13)

Há ainda outra ocasião onde pode ser notada a questão da mulher enquanto comandante do lar e suas relações afetivas dentro da clandestinidade. A terceira esposa de Tony é um exemplo comum com as vizinhas de Rami. Ao vizinhar a residência da suposta rival, a convite desta, a protagonista de *Nikette* faz várias reflexões negativas sobre a casa de Luísa e conclui que tais problemas seriam decorrentes da ausência masculina:

Poiso os olhos em tudo o que me rodeia. Os cortinados soltaram-se num canto. No corredor, uma lâmpada fundiu. O sofá onde me encontro sentada balança, assenta sobre uma pedra, tem uma perna partida. Falta a mão de um homem nesta casa. O meu Tony passa a maior parte da sua vida neste canto. Nestas quatro paredes ele produziu dois filhos com esta mulher. Por que não dá a sua força de homem no arranjo desta casa? (CHIZIANE, 2004, p. 77)

De acordo com a citação acima, nota-se que os julgamentos de Rami são, no momento mencionado, mais voltados a Tony do que à Luísa. Assim como em seu lar, a protagonista percebe que o esposo não cumpre o que seria seu papel de homem da casa na residência de Luísa.

Por outro lado, as críticas da protagonista prosseguem e voltam-se para a terceira esposa de Tony, quando julga a forma que a anfitriã se relaciona com outras mulheres e governa seu próprio lar: “As amigas e as vizinhas da Luísa entram em qualquer canto, falam alto e de qualquer maneira, mexem em tudo sem cerimónias. É uma casa sem ordem. Casa de mulher. Falta um homem aqui dentro para impor respeito nesta casa.” (CHIZIANE, 2004, p. 77).

Com isso, as atitudes de Rami em relação às mulheres de sua vizinhança coincidem com suas impressões sobre Luísa. Isso, pois sua rival mantém o mesmo estilo de vida daquelas que cercam a protagonista, mesmo quando se fala em relações afetivas. Bem como as vizinhas de Rami que recebem visitas noturnas de homens comprometidos com outras mulheres, Luísa relaciona-se com Tony consciente de seu casamento legalizado com Rami e a relação com a segunda mulher, Julieta.

Dessa forma, faz-se possível verificar um panorama da autonomia feminina na sociedade moçambicana. Neste caso, representada por Luísa e as vizinhas de Rami, no qual as mulheres mesmo em contextos patriarcais são, muitas vezes, responsáveis pelos provimentos do lar. Assim, ao se considerar *Niketche: uma história de poligamia* (2004) nota-se que mesmo com as imposições sociais de que as mulheres necessitam de um homem para lhes manter financeira e socialmente, elas resistem e posicionam-se como agentes de si mesmas. Não é possível afirmar que a presença masculina seja indispensável, uma vez que, as desigualdades de gêneros se fazem presentes, bem como em muitas outras sociedades. Entretanto, as personagens femininas em *Niketche* são capazes de encontrar caminhos para se desenvolverem e escolherem seu próprio destino.

Resistência feminina pós-colonial em *Niketche*

O estudioso das literaturas pós-coloniais Thomas Bonnici (2009) utiliza-se de Rachel Blau DuPlessis (1985), quando esta se refere à mulher colonizada como uma metáfora da própria colônia. Tal analogia reflete a marginalização feminina, resultado da dupla opressão: aquela imposta pelo poder colonial, e as possíveis opressões já presentes em sua sociedade anterior ao colonialismo. Bem como no período da escravidão, o colonialismo proporcionou ao homem escravizado certa manutenção de sua “masculinidade”, como forma de preservar parte de sua dignidade. Para as mulheres escravizadas e colonizadas, entretanto, restava a dupla exploração, tanto de seu trabalho braçal quanto a objetificação sexual da qual foram/são alvos.

Para além da já citada marginalização de mulheres solteiras, separadas e até viúvas, coloca-se que essas várias formas de opressão limitam mulheres a estilos de vida precários quando estas não possuem um vínculo matrimonial. Uma vez que mulheres solteiras e separadas são desrespeitadas e excluídas socialmente, por muitas vezes, resta-lhes apenas o caminho da prostituição, como em diversas outras regiões em situação pós-colonial. O dado oferecido por Bonnici (2009) pode também ser verificado em *Niketche* (2004), no qual diversas mulheres

precisaram recorrer à prostituição como única opção. É necessário lembrar que essas mulheres seriam responsáveis por seu lar tanto em relação a tarefas domésticas quanto ao âmbito financeiro. Dessa maneira, a falta de oportunidades de melhores empregos para a obtenção de renda, torna a prostituição compulsória para muitas mulheres ilustradas no romance.

Assim, verifica-se que a prostituição como única possibilidade feminina mostra a marginalização da mulher que não possui uma relação conjugal. Tal dado é apresentado de forma grosseira por Tony, quem se beneficia de tal possibilidade:

Fiz-vos um grande favor, registrem isso, Dei-vos estatuto. Fiz de vocês mulheres decentes, será que não entendem? São menos cinco mulheres a vender o corpo e a mendigar amor pela estrada fora. Cada uma de vocês tem um lar e dignidade, graças a mim. (CHIZIANE, 2004, p. 142)

O personagem Tony vê a si mesmo como um salvador das mulheres por conta do casamento. A partir de tal impressão, o personagem se coloca como superior, aquele que é responsável por melhorar a vida das mulheres. Assim, a postura de Tony é de reafirmação da dominação masculina.

Por conta da tirania de Tony, que enxerga a si próprio como salvador de suas cinco esposas, mas falha em provê-las financeira e afetivamente, as mulheres fartam-se de depender do marido e buscar novas soluções. Entretanto, demonstra-se também, a falta de acesso à educação e a instrução profissional para as mulheres, uma vez que, estas são preparadas especificamente para cuidados do lar.

Nesse aspecto, destaca-se um momento, já próximo ao desfecho do romance, no qual as esposas de Tony preveem que em breve o esposo poderá ficar idoso, enfermo, ou inválido, e assim impossibilitado de oferecer provimentos às suas famílias. Comisso, considera-se o diálogo entre as esposas, principalmente entre Saly e Rami, com relação à importância da educação em suas vidas. A primeira esposa reflete sobre a importância e a falta de oportunidade de estudo na sua vida e das outras: “-Se tivéssemos estudado mais, teríamos uma sorte diferente. Poderíamos ter liberdade de escolher entre o amor e a carreira. Entre a cruz e o calvário. Entre o forno e a frigideira. Mas agora não temos nem uma coisa nem outra.” (CHIZIANE, 2004, p. 312)

A reflexão da narradora levanta questionamentos sobre o papel das mulheres na sociedade, as quais em muitos casos são direcionadas, desde pequenas, para dedicar-se ao matrimônio e à esfera do lar. Dessa maneira, a opção de desenvolver um futuro mais digno e independente, no qual não necessitariam do auxílio masculino é negada às mulheres. A nortenha Saly, por sua vez, argumenta que na aldeia de onde veio, não há oportunidade de estudos, e as mulheres são entregues

muito novas ao casamento. Ao considerar que Rami possui um determinado nível de estudos, Saly debate: “-Vocês, as mulheres do Sul, têm mais sorte. [...] Nas nossas aldeias as raparigas casam-se aos doze anos, mal terminam os ritos de iniciação. Desistem da escola na terceira classe e têm o primeiro filho antes dos quinze anos - conclui, numa voz de lamento.” (CHIZIANE, 2004, p. 313)

A falta de estudos discutida pelas mulheres citadas acima interfere diretamente nas oportunidades profissionais mencionadas anteriormente. Uma vez que, lhes falta preparação profissional, aumenta-se a dificuldade em conseguir um emprego, ou até mesmo conquistar o próprio negócio. Dito isso retoma-se a personagem Saly, que apesar de ter nascido em um contexto onde o acesso aos estudos é precário, afirma ter retomado os estudos em busca de melhores oportunidades. Quando questionada por Rami se a escola não seria importante, Saly atesta: “— É, sim, e como é, meu Deus! É por isso que estou de novo a estudar. Quero falar bem português e escrever bem. Quero gerir bem o meu negócio. Sei até umas palavras de italiano, mas o que quero mesmo é também falar inglês.” (CHIZIANE, 2004, p. 313)

Nessa mesma discussão, a outra nortenha e a mais jovem do grupo, Mauá reafirma a questão da mulher enquanto reprodutora. De acordo com a quinta esposa de Tony, sua aldeia é afastada da cidade e seus componentes. Conforme afirma a personagem:

O hospital está a vinte quilómetros, a escola a quinze, não há estrada, nem emprego, nem perspectivas. As pessoas nunca viram um carro nem luz eléctrica. O mais importante é procriar. Quanto mais filhos, melhor, morrem uns tantos mas sobram outros para apoiar na velhice. Se eu fiz a sexta classe é porque a minha tia era professora e vivia perto da escola. (CHIZIANE, 2004, p. 313)

Dessa maneira, ao considerar as discussões das mulheres em *Niketche* (2004) verifica-se que uma das principais demandas das lutas pelos direitos das mulheres ocidentais também inclui-se na agenda das mulheres de terceiro mundo. Rami teve sorte por seu contexto social oferecer o básico dos estudos, Mauá por ter uma professora na família. Contudo, tal situação faz pensar quantas mulheres não contam com essa vantagem e acabam à margem social por falta de melhores empregos que as impossibilita a geração de renda. Desse modo, a falta de acesso aos estudos pode fazer com que as mulheres dependam de seus maridos, submetam-se aos seus caprichos e humilhações, coloquem-se como subservientes, ou no caso de mulheres não-casadas, acabem por prostituir seus corpos em necessidade do provimento familiar.

Todavia, dados os obstáculos impostos às mulheres moçambicanas em diversos âmbitos, estas mostram formas de resistir às diversas maneiras de opressões. No campo profissional não seria diferente. Ao passo que a poligamia foi legalizada e tanto Rami quanto Julieta, Luísa, Saly e

Mauá são esposas reconhecidas de Tony, a primeira encoraja as outras a exigirem do marido seus direitos e de seus filhos. Além da prática dos *lobolos*, já discutida, Rami afirma às outras mulheres que estas devem reivindicar a presença de Tony como pai e como esposo. As solicitações das mulheres e das crianças desagradaram Tony, que recusou-se a cumprir com suas responsabilidades e as direcionou para Rami.

A primeira esposa, consciente de que não seria possível manter mais quatro cônjuges e seus respectivos filhos, percebeu que suas necessidades se davam porque não possuíam nenhuma fonte de renda. Além disso, outro fator relevante para as seguintes atitudes de Rami se dá por conta das humilhações que ela e as outras mulheres precisam passar por dependerem financeiramente de Tony. Diante da situação precária na qual se encontram e o total descaso de Tony, a protagonista define: “Isto acontece porque não trabalham. Em cada sol têm que mendigar uma migalha. Se cada uma de nós tivesse uma fonte de rendimento, um emprego, estaríamos livres dessa situação. É humilhante para uma mulher adulta pedir dinheiro para sal e carvão.” (CHIZIANE, 2004, p. 117)

A partir disso, as mulheres empenharam-se em negócios próprios. Com a contribuição de Rami, cada uma delas investiu em empreendimentos que julgavam ser mais rentáveis e de acordo com suas atribuições. A primeira a dedicar-se a um empreendimento com a contribuição de Rami é a quarta esposa, Saly. É importante considerar que tal ponto reforça o dado afirmado repetidamente no decorrer do romance, a personalidade proativa da personagem. Além disso, a escolha do empreendimento contribui para a ilustração da nortenha:

Peguei num dinheiro que tinha guardado e emprestei a Saly. Comprava cereais em sacos e vendia em copos nos mercados suburbanos. Dois meses depois, ela devolvia-me o dinheiro com juros e uma prenda. Uma capulana, um lenço de seda, e uma rosa vermelha comprada na esquina. (CHIZIANE, 2004, p. 118)

Nota-se que como é descrito no romance, Saly compra sacos de cereais, o que demanda força física, característica reafirmada da personagem que por diversas vezes é designada pela narradora como uma guerreira amazona. A venda em mercados suburbanos também demanda coragem, atitude que poucos seriam capazes de exercer.

As contribuições de Rami não se limitaram à Saly. Luísa, que concordou desde o primeiro momento com a ideia de que as mulheres necessitavam de um trabalho para deixar de depender monetariamente de Tony, viu o sucesso do empreendimento de Saly como um incentivo para que buscasse o seu sonho de possuir uma loja de roupas:

A Lu disse-me: estou inspirada. Se a Saly conseguiu fazer o seu negócio render,

também posso. Rami, empresta-me algum dinheiro? Passei os fundos devolvidos pela Saly para as mãos dela. E começou a vender roupa em segunda mão. E começou a engordar, a sua voz a adoçar, o seu sorriso a crescer, o dinheiro nas mãos a correr. Três semanas depois devolvia-me o dinheiro com mais juros, um carinho e um bouquet de rosas. (CHIZIANE, 2004, p.118)

Além de Saly e Luísa, Julieta, que durante maior parte do romance é tratada como triste, desiludida “a enganada”, também pode contar com a contribuição de Rami para que seus negócios aflorassem. No decorrer da história, especialmente após o empréstimo de Rami para que fizesse seu investimento, as características de Julieta passam a se modificar. A personagem engaja-se e prospera com o comércio de bebidas: “A Ju vai aos armazéns, compra bebidas em caixa e vende a retalho. Dá muito lucro. Nesta terra as pessoas consomem álcool como camelos. Ela começou a sorrir um pouco e ganhar mais confiança em si própria.” (CHIZIANE, 2004, p.119)

Mauá Sualé, a mais jovem dentre as esposas, foi quem demonstrou maior relutância em relação ao trabalho externo. A personagem afirma que não conseguiria se desenvolver nos negócios, pois foi criada para amar e para cuidar da casa e dos filhos. Aqui retoma-se as características de mulheres *macuas*, conforme foi exposto por homens de sua família, de modo que as mulheres são tratadas como frágeis e criadas para o amor. Contudo, ao começar os trabalhos como cabeleireira, a personagem logo adquiriu vasta clientela e o negócio rapidamente cresceu e prosperou:

A Mauá começou a tratar dos cabelos, a desfrisar cabelos, coisa que ela entende muito bem. Começou na varanda da sua casa. Conseguiu angariar clientes. Aumentou o volume de trabalho e contratou duas ajudantes. A varanda era pequena e passou a usar a garagem da sua casa. Agora tem uma multidão de clientes, a Mauá. (CHIZIANE, 2004, p. 119)

Assim, ao tomar como base os empreendimentos de cada uma das esposas de Tony, é possível verificar as afinidades de cada uma. Mauá, a jovem e vaidosa de origem etnológica *macua* utiliza sua experiência com cabelos para adquirir rendimentos, enquanto Luísa realiza seu sonho de possuir uma loja de roupas. Enquanto Saly, designada previamente como uma guerreira amazona, encarrega-se de sacos de cereais e suas vendas em porções menores. Por fim, Julieta dedica-se a venda de bebidas, por conhecer o vasto consumo de tal produto na região em que reside. Deve-se ressaltar também que para além da solidariedade de Rami, a contribuição foi feita às outras quatro mulheres, pois o esposo Tony isentou-se da responsabilidade para com suas recentes esposas, direcionando tal tarefa à primeira. Dessa forma, entende-se que a união feminina contribuiu para a prosperidade do empreendimento de Julieta, Luísa, Saly e Mauá, apesar da indiferença masculina

oferecida pelo esposo dessas mulheres.

Destaca-se que Rami não permaneceu passiva em meio a tal situação. Ao início, passou a acompanhar Luísa em um mercado popular, no qual há diversas mulheres que vendem as mais variadas mercadorias. Com a prosperidade de suas vendas, ambas foram capazes de abrir suas próprias lojas de roupas. As experiências de Rami e Luísa nesse mercado também mostram vasta quantidade de mulheres que buscam melhores condições de vida por meio de métodos alternativos. Essas mulheres ensinam para Rami lições de como poupar dinheiro, fazer os empreendimentos renderem, e como separar as finanças do marido das suas. Dentre as lições, Rami descobre que nenhuma daquelas mulheres presta contas aos maridos sobre seus ganhos no mercado. Cada dia criam uma nova justificativa, dizem que não havia clientela, que vieram ladrões e roubaram suas mercadorias, dentre outras. Por isso, ensinam a Rami que faça o mesmo, pois apenas dessa forma seu negócio prosperaria como os de suas companheiras:

Foi quando comecei a observar. As minhas rivais progrediam nos negócios, eu não. Mente para ele, Rami, aconselhavam, mente. Não diz nunca toda a verdade. Guarda o teu dinheiro escondido num canto. Dinheiro nos bolsos de um homem é para todas as mulheres. Nas mãos de uma mulher é para pão e comida. O dinheiro que ganhas está mais seguro nos teus bolsos que nos bolsos dele. (CHIZIANE, 2004, p. 121)

Com isso, verifica-se que o vínculo de senso comunitário e de irmandade foi fortalecido entre as esposas de Tony. A partir da relação de contribuição mútua, fez-se possível a independência dessas mulheres, além do aumento da sua autoconfiança por construírem empreendimentos tão bem-sucedidos. Com a independência financeira e a prosperidade profissional, é delineada uma nova história para essas mulheres, que neste momento são ainda mais agentes de seu próprio destino. Tal desenvolvimento pessoal e profissional faz mais forte a união entre essas mulheres, como explica a narradora:

Conseguimos ter um mínimo de segurança para comprar o pão, o sal e o sabão sem suportar a humilhação de estender a mão e pedir esmola. As minhas rivais andam encantadas, e têm remorsos da sova que um dia me deram, mas eu digo: não tem importância. Foram coisas daquele tempo. O que queriam vocês que acontecesse? (CHIZIANE, 2004, p. 122)

De tal maneira, é possível entender que as mulheres em *Niketche* (2004) utilizam-se de diversos mecanismos de resistência em diversos âmbitos de suas vidas. Mais especificamente no campo profissional abordado acima, destaca-se a determinação, a criatividade e o empenho dessas mulheres em fazer seus empreendimentos prosperarem. Aqui, as personagens principais são

utilizadas para exemplificar tal forma de resistência da mulher moçambicana, mas no próprio romance, existem muitas outras mulheres que compartilham de tal força e resistência. A ilustração de Rami, Julieta, Luísa, Saly, Mauá e de tantas outras mulheres que passam pelo romance possibilitam ter a ideia da tamanha força das mulheres moçambicanas, as quais de diferentes regiões, idiomas e etnias utilizam sua agência e determinação para contrapor as adversidades que lhes são impostas diariamente.

As formas de resistência feminina em contextos pós-coloniais apresentam-se de diversas maneiras, uma vez que, precisam confrontar variadas formas de opressão. Ainda sobre estudos de mulheres em países de terceiro mundo e suas relações com mecanismos de dominação masculina, Bertens (2001) utiliza-se de Gayatri Chakravorty Spivak (1995) quando esta destaca que mulheres em situação de colonização são raramente ouvidas, pois são silenciadas por seu próprio regime patriarcal, além do poder imperial imposto pelo colonialismo.

Dentro dos estudos coloniais e pós-coloniais, Spivak (1995) compreende a vasta heterogeneidade de sujeitos e trabalha com o “subalterno”, termo que abarca pessoas desempregadas, em situação de rua e outros sujeitos deixados à margem da sociedade colonial e pós-colonial. De acordo com a pensadora, o subalterno não tem voz e não pode falar em âmbitos colonialistas. Principal foco de seus estudos, Spivak (1995) volta-se para a questão da mulher como subalterna. Conforme a estudiosa, a mulher subalterna [*female subaltern*] sofre dupla opressão, pois é silenciada tanto pelo poder colonial quanto por seu contexto patriarcal. Dessa forma, é importante notar a imposição de diversos formatos de sociedade patriarcal em países de terceiro mundo a partir do colonialismo, os quais podem reforçar, ou até somar-se a aqueles já presentes em sociedades colonizadas antes mesmo do período colonial. Tais mecanismos são responsáveis por oprimir e silenciar duplamente o sujeito feminino, além de designá-lo como inferior.

As práticas de silenciar as mulheres, que por sua vez, podem partir tanto do poder colonial quanto patriarcal, podem ser notadas no romance de Paulina Chiziane em diversas passagens. Já ao início, um dos filhos de Rami envolve-se em um incidente que resulta na quebra do vidro de um carro. Em tal momento, a narrativa reforça através dos lamentos da personagem narradora a crença da necessidade de uma figura masculina para solucionar tais conflitos. Nesse momento, a protagonista deslegitima a própria fala quando concorda que o vizinho deve revoltar-se e desacreditar de seu discurso quando afirma:

O proprietário do carro está bravo como uma fera. Esperava que ele me esganasse, mas nem piou. É daqueles que falam fino e não agridem as mulheres. Aproximo-me e peço perdão em nome do meu filho. Digo-lhe que o meu marido, o Dr. Tony, comandante da polícia, irá resolver o problema. Ele diz que sim, mas sinto que não

acredita em mim. Qual é o homem de bem que acredita nas palavras de uma mulher desesperada? (CHIZIANE, 2004, p.12)

A concordância de Rami em relação ao proprietário do automóvel pode ser explicada pela reprodução de um discurso patriarcal, o qual a personagem foi instruída a crer como correto desde a infância. Retoma-se também o dado de que a protagonista do romance é proveniente da região sul de Moçambique, onde costumes patriarcais são mais fortes, resultado de imposições do colonialismo. Assim, é compreensível que Rami reproduza o entendimento da sociedade que conhece, até o mencionado ponto do romance. Mesmo que tal postura seja maléfica à sua posição de mulher, até o momento citado, essas são as diretrizes sociais aceitas por si, pois foram ensinadas por seus familiares como modelo de sociedade ideal.

Ao afirmar que o homem de bem não deve crer nas palavras de uma mulher desesperada, a personagem coloca-se como inferior, e desautoriza sua própria fala perante o desconhecido, por conta de seu gênero. É necessário se considerar também que Rami se encontra há muito tempo aflita pela ausência do esposo, assim o incidente vem para agravar sua angústia. Além disso, suas queixas somam argumentos sobre a ausência de Tony, de modo que a protagonista responsabiliza o esposo por não estar presente para resolver os conflitos do lar, que de acordo com a narrativa, seria uma atribuição masculina.

Outro ponto onde o silenciamento mostra-se na obra ocorre quando Rami decide confrontar Tony por suas traições. Quando o questiona diretamente, o esposo responde com um vago “Ah!”. Em seguida, a protagonista irrita-se:

Ganho toda a coragem e digo tudo o que sinto: falo da saudade, da minha ansiedade. Das suas ausências constantes que tornam a casa desgovernada por falta de punho de homem. Ele rosna como um canino e faz cara de zangado. Enervo-me e acuso-o. Conto-lhe as cenas de pancadaria em que andei envolvida, as feridas, os curativos na clínica. Esperava uma reação furiosa, um grito, uma bronca, uma sova. Mas ele vira-se para o lado, cobre-se e tenta dormir outra vez. Incomodo. (CHIZIANE, 2004, p. 29)

O desdém de Tony perante tamanha exaltação de Rami denota a indiferença do marido em relação aos conflitos apresentados por sua esposa. Nem a fúria da protagonista, tampouco a descoberta sobre as traições foram suficientes para causar desconforto em Tony. O marido de Rami mostra-se despreocupado com as atitudes da esposa por jamais considerar a possibilidade desta se voltar contra ele.

O silenciamento feminino causado por homens é também ilustrado por uma cena presenciada pela protagonista ao aguardar atendimento em um hospital. A narradora observa um

casal de idosos, formado por um homem enfermo e sua esposa, que dele toma conta. Quando o médico questiona sobre a enfermidade do paciente, a esposa naturalmente passa as informações sobre o estado de saúde marido. Entretanto, perante a atitude da senhora, o idoso revolta-se: “-Calate, mulher. Desde quando tens categoria para falar com um doutor? Nunca te autorizei a falar com homem nenhum. Estás a comportar-te como uma prostituta.” (CHIZIANE, 2004, p. 60)

A fala do personagem idoso configura vários mecanismos de dominação masculina. A partir da afirmação do enfermo, é possível perceber que este manteve a prática de silenciar sua esposa durante todo o tempo de seu relacionamento. Ao proibir que a mulher se comunique com qualquer outro homem, o senhor a coloca como inferior, como se aquela não tivesse dignidade o suficiente para se dirigir a alguém do gênero masculino. Além disso, nota-se também a tonalidade de posse, de modo que ao desautorizar determinados comportamentos, o marido considera a esposa como uma propriedade, que deve agir de acordo com suas exigências.

Verifica-se ainda que o idoso em questão se encontra em um estado deplorável de saúde, e para retomar seu bem-estar e até para manter sua sobrevivência depende da esposa. Mesmo assim, o marido decide-se por manter o discurso agressivo de dominação e silenciamento, o que resulta em uma rebelião por parte da mulher: “-Velho rabugento! Suportei-lhe a vida inteira. Se não quer que eu fale, então que morra!” (CHIZIANE, 2004, p. 60)

A subversão da idosa encanta a protagonista de *Niketche* (2004), que acompanha a cena de perto. A narradora percebe que a atitude de abandonar o esposo foi resultado de toda uma vida de sofrimentos e opressões, as quais finalmente, a mulher encontrou meios para resistir.

É importante destacar que o ocorrido com o casal de idosos pode ter funcionado como um impulso para que Rami se encaminhe para resistir a meios opressivos que vivencia. Isso se coloca, pois, outra passagem onde se nota o silenciamento é vivenciado pela protagonista. Ao retomar o suposto falecimento de Tony, bem como a prática do ritual do *kutchinga*, nota-se ainda mais evidente a questão do silenciamento. Quando é necessário que se reconheça o corpo, a primeira esposa é responsável por tal tarefa. Ao afirmar que o corpo desfalecido não é de seu marido, Rami é desacreditada pela família de Tony e indigna-se: “Ó gente cega, gente surda, gente parva! Será que não tenho o direito de ser ouvida pelo menos uma vez na vida?” (CHIZIANE, 2004, p. 203)

Verifica-se no citado momento, que a personagem se encontra farta de ser silenciada, e de acordo com suas falas, é possível perceber que sua voz jamais foi ouvida. Por isso, conforme já mencionado em relação à prática do *kutchinga*, a personagem decide-se pelo silêncio. De modo que não a querem ouvir, esta opta por levar adiante a mentira tomada pela família: “Já que não me querem ouvir, a vingança será o meu silêncio. Não irei partilhar as minhas dúvidas. Vou deixar que

este morto se enterre.” (CHIZIANE, 2004, p. 202-203)

Aqui, a questão do silenciamento coloca-se em destaque, uma vez que, mesmo em uma situação tão extrema, a sociedade deslegitime suas afirmações. Rami é continuamente desacreditada, com justificativas ilógicas como se seus testemunhos dependessem exclusivamente do seu estado emocional e não da racionalidade, desconsiderando totalmente os argumentos que contrariam a morte de Tony nesse momento da história.

Assim, nota-se que por mais que o silenciamento seja recorrente na trajetória de Rami, esta é capaz de utilizá-lo como meio de resistência. Quando a família de Tony ignora suas afirmações, a protagonista permite que sofram, guardem luto, e como visto anteriormente, coloquem em prática o ritual do *kutchinga* devido à suposta morte do esposo.

Ao considerar tal contexto, coloca-se aqui a questão de identidade das mulheres moçambicanas ilustradas por Paulina Chiziane em *Niketche: uma história de poligamia* (2004). É importante considerar-se que o contexto social dessas mulheres, oferece experiências distintas e visões de mundo distintas. Contudo, conforme pode ser brevemente notado no tópico anterior, mesmo com inúmeras dessemelhanças, as mulheres do romance foram capazes de construir um laço de companheirismo e solidariedade, que será abordado com maior profundidade no tópico seguinte.

IDENTIDADES PLURAIS E SORORIDADE FEMININA EM *NIKETCHE*

A multiplicidade cultural e identitária feminina moçambicana

Alves e Pitanguy (1985, p. 09) comentam em seu estudo do feminismo sobre o fortalecimento da solidariedade feminina, e de uma “experiência específica e comum das mulheres”. As pensadoras criticam, com fundamento, o que chamam de “monopólio da verdade”, com o intuito de desconstruir as desigualdades entre gêneros vivenciadas pelas mulheres. Entretanto, ao pregar uma determinada unidade feminina, corre-se o risco de negligenciar diversas particularidades das identidades femininas. Nota-se que os escritos das autoras referem-se aos feminismos estadunidense e europeu, os quais as mulheres brancas e de classe social privilegiada seriam os sujeitos hegemônicos.

Entretanto, para a presente pesquisa busca-se verificar as diversas categorias de mulheres. Para além daquelas contempladas pelo feminismo eurocêntrico, considera-se para este estudo as mulheres negras, em contexto de terceiro mundo e classes sociais desfavorecidas. Desse modo,

parte-se da ideia da pluralidade feminina, para assim evitar definições fechadas e singulares. Pelo contrário, busca-se analisar a multiplicidade de identidades femininas, conforme amplamente oferecido pela obra de Paulina Chiziane *Niketche: uma história de poligamia* (2004).

Ao se levar em conta toda pluralidade cultural de Moçambique, em conjunto com os aspectos da literatura pós-colonial aqui apresentados, pode-se supor que as identidades femininas sejam tão plurais quanto os elementos que as constituem. O romance de Chiziane aborda uma gama de mulheres de variadas idades, costumes e regiões. Com isso, destaca-se as relações femininas presentes no romance estudado até aqui, de modo a levar-se em conta a pluralidade de identidades femininas ilustrada na obra.

Uma vez que, o personagem Tony mantém relacionamento com cinco diferentes mulheres, de diferentes regiões, hábitos e costumes, faz-se possível notar uma ampla variação identitária contida na história. Assim, é necessário destacar como essas mulheres são apresentadas no romance, bem como as impressões da personagem narradora em relação a elas, além da individualidade de cada uma, também como forma de ilustração da pluralidade cultural do país. É importante notar ainda que visto que o romance é narrado em primeira pessoa, a construção das personagens secundárias dá-se a partir da ótica da protagonista. Com isso, percebe-se no decorrer da trama uma (des) construção das identidades dessas mulheres, já que, a visão da personagem narradora em relação a elas modifica-se no decorrer da história, e não apenas isso, considera-se também as mudanças de atitudes das mulheres diante de determinados acontecimentos, como será discutido adiante.

Ao início do romance (CHIZIANE, 2004, p. 21), Rami consciente de que as frequentes ausências de seu esposo Tony ocorrem devido a um relacionamento extraconjugal, decide encontrar a mulher com quem Tony se relaciona, Julieta. A protagonista procura a mulher para confrontá-la, pois acredita que a amante seja exclusivamente responsável pela decadência de sua relação e o afastamento de Tony. Rami assume, inicialmente, uma postura hostil em relação a Julieta, uma vez que, vê-se por ela desafiada: “Ela fala-me do alto da catedral por ser mais amada do que eu. Eu sofro, quase que morro, como se ela estivesse a meter-me uma tesoura de aço na raiz do meu coração”. Entretanto, como dito, essa é a visão da personagem. É necessário notar que o estado emocional de Rami proporciona impressões equivocadas perante Julieta, pois, adiante será revelado que esta não dispõe das características apresentada inicialmente pela narradora. Rami julga Julieta como uma rival ousada e desafiadora, e quando analisa a estética da rival, revolta-se por tamanho contraste para consigo:

Avalio-a. Tem unhas pintadas e bem tratadas. Cabelos desfrisados bem cuidados, coisas que comigo nunca acontecem. O meu Tony proíbe-me de usar adornos e artifícios. Quer-me pura tal como Deus me pôs no mundo. A roupa que ela usa foi feita por uma costureira seleccionada enquanto eu só uso roupas de fábrica e roupas de segunda mão. Vasculho fardos de roupa usada no mercado da esquina para vestir decentemente toda a família e poupar dinheiro. Ela veste um decote atrevido, com os sovacos à mostra, mas a mim o Tony quer-me vestida e abotoada como uma freira. O que para mim é proibido, à outra é permitido. Essa contradição me ofende. (CHIZIANE, 2004, p. 23)

Apesar da impressão inicial, logo a imagem criada por Rami será desconstruída pela própria Julieta quando esta desabafa que também sofre a ausência de Tony conforme a voz da narradora: “A minha rival abre-se e conta-me a sua longa história. A sua cama é fria como a minha. Vive numa solidão pior do que a minha. Tem cinco filhos como eu e agora espera o sexto.” (CHIZIANE, 2004, p. 23).

É válido mencionar que Julieta, assim como Rami, é uma mulher do Sul que desconhece artimanhas sexuais, tampouco teria frequentado escolas de amor ou aulas de iniciação sexual. E, ao contrário do que teria pressuposto a personagem narradora, a rival não teria produzido feitiços, poções, ou utilizado outros meios para conquistar Tony.

Por todo o romance Julieta é designada como “a enganada”, pois foi a ela quem Tony prometeu matrimônio, escondeu a vida de casado e aproveitou da juventude. A personagem, ao contrário das que virão a seguir, construiu em si a partir das promessas de Tony, a ilusão de um futuro casamento, de ter o esposo só para si. Apesar disso, por ser a primeira amante, Julieta é vista por Rami como a usurpadora. Enquanto Julieta, por seu lado, apenas compartilha da solidão deixada por Tony, que surge de tempos em tempos apenas para lhe deixar um pouco de comida e dinheiro, engravidar-lhe e partir novamente.

Por mais que o relacionamento inicial de Rami e Julieta tenha sido violento e de rivalidade, isso pode ser modificado no decorrer da obra. Já ao final do primeiro encontro, as duas mulheres solidarizam-se uma com a outra, pois percebem que não são necessariamente rivais, mas sim, vítimas de um algoz em comum. A conciliação momentânea foi resultado do desabafo de Julieta sobre as mesmas ausências sofridas por Rami:

A minha rival desce da catedral, fecha os olhos e baixa a cabeça. Do fundo do ser brotam lágrimas em cascata que correm como chuva ácida. Pobre Julieta, o que esperava ela? Ser melhor do que eu? Infelizmente muitas de nós, mulheres, agimos assim. Subimos ao alto do monte e só quando estamos no ar compreendemos que não temos asas para voar. Atiramo-nos do alto do céu para um poço sem luz nem fundo e quebramos o coração como um vaso de porcelana. Tenho pena da Julieta, que treme em violentas convulsões ao ritmo do choro. Abraço-a. Conheço a amargura deste choro e o calor deste fogo. Emociono-me. Solidarizo-me.

(CHIZIANE, 2004, p. 24)

O abraço e as dores compartilhadas com Julieta, não foram suficientes para que Rami abrisse mão do sentimento de rancor que direciona à personagem. Mesmo ao saber as reais condições de sua rival e da existência de uma terceira mulher, a protagonista responsabiliza Julieta pelas traições de Tony, e ainda zomba da situação de mulher traída na qual a primeira amante de seu esposo se encontra.

Apesar de revoltante, a notícia de uma terceira mulher chega a Rami como uma forma de revanche. Para ela, a terceira teria vingado suas dores e sua solidão causadas pela infidelidade de Tony ao direcionar essa dor e esse abandono à Julieta. A ideia de que Luísa, a terceira mulher teria causado a Julieta tanto sofrimento quanto esta supostamente teria causado a Rami construiu no imaginário da protagonista uma forma de admiração imediata por quem viria a ser a terceira esposa de Tony.

Personagem exaltada pela narradora desde o princípio, Luísa é uma mulher da região da Zambézia, norte de Moçambique. Seus entendimentos sobre relações afetivas são muito distintos de mulheres do Sul, como Rami e Julieta. Aqui, coloca-se em prática a questão de a colonização ter sido mais presente na região sul se comparada à região norte. Desse modo, os costumes sulistas apresentam condutas mais conservadoras, dentre elas a obrigatoriedade de casamentos, geralmente monogâmicos. O que conforme já exposto, pode trazer incontáveis consequências, pois tais posturas causam a marginalização social das mulheres não-casadas, sejam elas solteiras, divorciadas ou simplesmente abandonadas por seus esposos.

Todavia, para Luísa, matrimônio não é algo indispensável, tampouco a monogamia. A personagem crê que para que a relação seja consolidada, basta que o homem a mantenha financeiramente, ofereça-lhe afeto e com ela gere filhos.

As outras duas esposas de Tony, Saly e Mauá são também provenientes da região norte do país. Contudo, as divergências entre si são notáveis. Saly é *maconde* e Mauá é *macua*, ambas, etnias presentes em diversas regiões do continente africano, dentre elas Moçambique. Saly é ilustrada desde o início como uma mulher forte e de iniciativa, no romance é destacada tanto sua força interior quanto física. Mauá, por outro lado, é jovem delicada, e conforme a própria afirma, preparada apenas para o amor.

Com esse breve panorama, busca-se delinear a ideia de que tamanha pluralidade contida nesse grupo de mulheres oferece também diversos debates, conflitos, tanto quanto companheirismo e aprendizado. Ao se considerar tamanha heterogeneidade do referido grupo, busca-se compreender de que forma suas relações são apresentadas no romance, de modo que deve-se levar em

consideração que bem como as personagens, o vínculo entre elas criado é inconstante e inconsistente.

Como mencionado anteriormente, quando sai em busca de Julieta, Rami encontra-se em estado de ira, tanto que o contato inicial das mulheres ocorre de maneira violenta. Contudo, após o embate inicial, as primeiras impressões são desconstruídas, ao passo que as atitudes de ambas são justificadas. Passadas as batalhas verbais e físicas, Julieta acolhe Rami para dentro de seu lar e encarrega-se das feridas de sua rival que, conforme a própria narradora, se encontrava em estado deplorável: “A Julieta levou-me para dentro de casa. Deu-me banho morno. Fez-me os pensos para estancar as feridas. Escolheu as suas melhores roupas e me vestiu como uma princesa. Lavou-me a cabeça e me penteou o cabelo. Tem um grande coração, esta mulher.” (CHIZIANE, 2004, p. 22-23)

A última afirmação da narradora personagem mostra seu equívoco em relação à suposta rival. Julieta, por sua vez, disponibilizou-se em tomar conta das feridas de Rami causadas pelo combate. Quando Julieta descreve sua relação com Tony, desperta em Rami um maior sentimento de empatia, além de arrependimento por seu comportamento inicial: “Fico emocionada. Arrependida. Sinto pena desta mulher que tudo fez para me derrubar e acabou abandonada. Que lutou por um amor e acabou em dor. Que apontou o dedo no ar e disse que era seu o pássaro em pleno vôo.” (CHIZIANE, 2004, p.23)

Com isso, é possível notar que o sentimento inicial de rivalidade teria direcionado Rami a conclusões equivocadas em relação à Julieta, bem como sua atitude em responsabilizar a mulher pela infidelidade do marido. Todavia, a postura da suposta rival sobrepõe-se às impressões anteriores.

Mesmo assim, é importante lembrar que Rami mantém durante longo tempo ressentimentos por Julieta, por ter sido a primeira amante. Toda a carga negativa dessa mágoa é revertida em forma de afeto pela próxima esposa, Luísa. Rami apresenta um sentimento de admiração para com Luísa mesmo antes de conhecê-la. A sensação de vingança por Tony ter traído Julieta e a própria Rami com Luísa faz com que a protagonista simpatize com a ideia de uma terceira mulher que tenha alcançado tal feito:

Despertei com a cabeça na terceira mulher que enlouquece o meu marido. Que fez de mim uma mulher casada de leito vazio. Que fez de Julieta a segunda, uma solteirona repudiada, com filho no ventre. Queria tanto conhecer essa terceira que tem muito mel dentro dela, não para fazer a guerra, não, mas para aprender com ela. (CHIZIANE, 2004, p. 24)

Contudo, é importante destacar que a ideia de vingança não é única razão para que Rami

tenha sentimentos positivos em relação à Luísa. Há diversos aspectos os quais a protagonista admira em sua segunda rival, dentre eles, por mais contraditório que pareça, tanto semelhanças quanto diferenças fazem com que a protagonista se agrade de Luísa.

Dentre as semelhanças é possível destacar que Rami enxerga na figura de Luísa a sua própria juventude. Talvez como forma de autoconsolação, a protagonista acredita que Tonytenha buscado em Luísa aquilo que via em Rami no passado. Mesmo assim, a primeira esposa de Tony admira Luísa também por aspectos que as diferenciam em sua personalidade. Como o desapego e o desdém por relações monogâmicas, estatutos, casamentos reconhecidos por leis e religiões, por exemplo.

No primeiro encontro de Rami e Luísa, por conta de combates violentos, ambas são levadas para a cadeia acusadas de perturbação da ordem pública. Ao se encontrarem em tal situação desesperadora, as duas mulheres apoiam-se uma na outra, vítimas do mesmo cenário caótico:

Logo à entrada, seguro a mão da Luísa e tremo. Ela não me rejeita e também se segura a mim. Ficámos as duas coladas uma à outra, paralisadas, enquanto outras nos olhavam, surpreendidas. A nossa luta era íntima e não era para nos conduzir até aqui. [...] Enquanto chorava, lançava à Luísa um olhar de remorsos. (CHIZIANE, 2004, p. 51)

É importante mencionar aqui que, Tony é um comandante da polícia, superior aos guardas que cuidam da prisão. Assim, quando Rami menciona o nome do esposo, seus subordinados logo preocupam-se e buscam descobrir se ela é de fato esposa de António Tomás. Confirmada a identidade de Rami como esposa de Tony, um policial a retira da cela, quando a protagonista, por ter a consciência pesada, decide-se por salvar também sua rival: “O polícia abre a cela e tira-me. Olho para a minha rival e sinto remorsos, pois fui a causadora da contenda. Digo ao polícia: essa senhora também é. [Esposa de Tony]” (CHIZIANE, 2004, p. 52)

Reconhecer Luísa como esposa de Tony agrava os sentimentos negativos de Rami, mesmo assim, esta decide por salvar a outra mulher, pois julga a si mesma como responsável por colocar a nortenha em tal situação. Nota-se que bem como com Julieta, a relação entre Rami e Luísa pode ir de um extremo a outro já no primeiro encontro. Contudo, a protagonista desenvolveu um laço mais forte de afetividade com a terceira, por outras razões que podem ser notadas adiante.

A admiração de Rami em relação à Luísa culminou em uma maior proximidade das duas mulheres, as quais construíram um vínculo afetivo e íntimo. Quando convidada para a festa de aniversário de um dos filhos de Luísa, Rami considera absurdo tal convite, mas aquela insiste e a convidada acaba por aceitar. Em tal ocasião, é importante apontar, a protagonista ingere uma

grande quantidade de vinho. Com a substância alcoólica em seu organismo, a primeira esposa de Tony não foi capaz de manter seus níveis costumeiros de inibição. Ao ser apresentada a Vito, quem logo percebeu ser amante de Luísa, Rami entregou-se aos encantos do rapaz que prontamente notou a carência na qual aquela mulher se encontrava. Adiante, será revelado que a visita do homem foi solicitada pela própria Luísa, que acreditava ser injusto que Rami continuasse a sofrer a ausência de Tony, ao menos em aspectos sexuais. A terceira esposa de Tony critica ainda o arrependimento de Rami em ter traído seu marido:

-Adultério? Há quanto tempo esperar por quem não vem? Vocês, mulheres do sul, perdem tempo com essas histórias e preconceitos. Renunciam à existência, pode-se saber porquê? Fidelidade a quê, se ele já te deixou? Mesmo as viúvas aliviam o luto em algum momento. E tu não és viúva, o Tony está vivo, está feliz e anda a fazer das suas, por aí. (CHIZIANE, 2004, p. 82)

As afirmações de Luísa devem-se ao contexto o qual a personagem é proveniente. Ao concordar com os costumes nortenhos, aos quais foi ensinada desde a infância, a personagem prioriza o bem-estar de Rami, pois acredita que Tony não merece tamanha devoção, ao ponto que sua legítima esposa sofra com o abandono. Ao compartilhar o amante com Rami, Luísa segue sua visão de mundo contrária à monogamia: “Desde cedo aprendi que homem é pão, é hóstia, fogueira no meio de fêmeas morrendo de frio. Na minha aldeia, poligamia é o mesmo que partilhar recursos escassos, pois deixar outras mulheres sem cobertura é crime que nem Deus perdoa.” (CHIZIANE, 2004, p. 55)

A citação acima refere-se não apenas a partilha do homem em aspectos sexuais e afetivos, mas também às preocupações anteriormente manifestadas por Luísa, como moradia e provimento monetário. Contudo, ao se considerar o ato da personagem em partilhar o amante com Rami volta-se especificamente a aspectos carnis e afetivos. A terceira esposa de Tony compadeceu-se da visível carência de Rami e decidiu tomar uma atitude para mudar a situação de sua outrora rival, conforme argumenta:

Não sou possessiva. Venho de uma terra onde a solidariedade não tem fronteiras. Venho de um lugar onde se empresta o marido à melhor amiga para fazer um filho, com a mesma facilidade com que se empresta uma colher de pau. Na minha comunidade o marido empresta uma esposa ao melhor amigo e ao ilustre visitante. Na minha aldeia, o amor é solenemente partilhado em comunhão como uma hóstia. O sexo é um copo de água para matar a sede, pão de cada dia, precioso e imprescindível como o ar que respiramos. Se já partilhamos um marido, partilhar um amante é mais fácil ainda. Assim as contas estão pagas, não é, Rami? (CHIZIANE, 2004, p. 82)

Com isso, é importante destacar que a relação entre Luísa e Rami é mais íntima se comparada com as outras mulheres. Além do sentimento inicial de admiração que a protagonista oferta à terceira esposa de Tony, a personalidade de Luísa encanta Rami, ao passo que a aproximação das duas mulheres cria um vínculo de verdadeira irmandade. Tanto que, quando Luísa se casa com Vito, o amante compartilhado com Rami, aquela oferece o lugar de segunda esposa para a protagonista da história:

Neste dia solene, ofereço-te solenemente um lugar na minha família. Sou agora a primeira esposa. Espinho e dor. Dou-te o lugar de segunda esposa, para que sejas prazer e flor, pelo menos uma vez na vida. O Vito também é teu. Tu mereces toda a felicidade do mundo, Rami. (CHIZIANE, 2004, p.290)

A atitude de Luísa em oferecer a posição de segunda esposa à Rami demonstra um sentimento de gratidão daquela para com esta. Recém-casada com Vito, Luísa tem consciência das vantagens de ser amante ou terceira esposa, uma vez que, em tais situações, a própria personagem sentia-se amada e segura. Conforme já mencionado, mesmo antes da formalização das relações poligâmicas de Tony, Luísa satisfazia-se com seu relacionamento, pois o esposo oferecia tudo que ela esperava. Por outro lado, a nortenha percebia também o sofrimento, a solidão e a servidão de Rami enquanto primeira esposa. Por esse motivo, oferece à protagonista o lugar de segunda esposa para que esta apenas aproveite as coisas positivas de um relacionamento, sem tantas obrigações, sofrimentos e traições vivenciados por Rami durante anos de casamento com Tony.

Dessa forma, faz-se importante destacar que a sororidade e os meios pelos quais as mulheres contribuem umas com as outras em *Niketche* (2004) não são as únicas formas de demonstração de resistência. Ao se considerar as muitas adversidades vivenciadas por essas mulheres no romance, Paulina Chiziane ilustra a determinação e agência em suas atitudes, de modo que, as personagens sejam capazes de dominar os variados âmbitos sociais que fazem parte. As mulheres unem-se para exigir a legalização de suas relações poligâmicas, seus direitos profissionais, seus empreendimentos. Mostra-se até mesmo, a luta diária dessas mulheres contra mecanismos opressivos, contra a fome, a marginalização, dentre outros.

A força das mulheres em *Niketche*

Em uma perspectiva específica, a autora de *Niketche: uma história de poligamia* (2004), Paulina Chiziane inicia seu testemunho *Eu, mulher...Por uma nova visão de mundo* (2013) com uma crítica às mulheres que historicamente, em posições de poder, nada ou pouco fizeram

para melhorar o *status* das outras mulheres perante a sociedade. Ao invés disso, deixaram-se levar por vaidades, crítica a moçambicana. Nos dias atuais, contamos com vitórias do movimento feminista e a esperança de que a luta pela igualdade entre os sexos seja alcançada. Entretanto, dados históricos comprovam a afirmação de Chiziane, por exemplo ao se falar do movimento pela libertação das mulheres e pelo sufrágio feminino. Na época em que tais discursos surgiram, quais mulheres os vinculavam? Quais seriam contempladas pelas conquistas das demandas presentes nos debates feministas? A intelectual e ativista Angela Davis discorre sobre essas e outras questões em vários de seus estudos, primordialmente na publicação *Mulheres, Raça e Classe*, lançado pela primeira vez em 1981, e de forma tardia no Brasil apenas em 2016 pela Editora Boitempo. Já em 1981, Davis denunciava a segregação dentro dos movimentos feministas, os quais limitavam-se à participação de mulheres brancas e de classe social abastada. Conforme mostra a pensadora, o racismo e o classismo se faziam presentes em movimentos feministas, em específico o movimento pelo sufrágio feminino.

Davis (2016) explica que, presente na primeira Convenção Nacional pelos Direitos das Mulheres no estado americano de Massachusetts em 1850, Sojourner Truth, possivelmente a única negra no local, ficou na história por seu discurso *Não sou eu uma mulher?* [*Ain't I a woman?*]. Não apenas o discurso, mas a postura de Truth e sua capacidade em revidar a agressividade masculina com incomparável habilidade de argumentação colocaram a ativista na história. Davis disserta sobre a relevância de Truth e seu empenho com a causa dos direitos das mulheres, então afirma que sozinha, a oradora teria salvo o Encontro de Mulheres em Akron, estado americano de Ohio no ano de 1851:

De todas as mulheres que compareceram à reunião, ela foi a única capaz de responder com agressividade aos argumentos, baseados na supremacia masculina, dos ruidosos agitadores. Com seu inegável carisma e suas poderosas habilidades como oradora, Sojourner Truth derrubou as alegações de que a fraqueza feminina era incompatível com o sufrágio – e fez isso usando uma lógica irrefutável. (DAVIS, 2016, p.70)

A lógica a qual Davis (2016) se refere apenas poderia ser enxergada por uma mulher negra, bem como, apenas poderia ser exposta por uma pessoa com a visão de mundo de Sojourner Truth com vivência de mulher escravizada. O discurso *Não sou eu uma mulher?* Atinge tanto a supremacia masculina que, por si mesma, coloca a mulher como sexo frágil, quanto questiona a homogeneização da figura feminina. Os homens presentes utilizavam-se de zombarias ao alegar que se as mulheres não eram capazes de pular poças de lama ou subirem sozinhas em carruagens, não seriam capazes de adquirir e exercer o direito ao voto. É exatamente essa fragilização feminina,

construída como meio de controle masculino questionada por Truth. Em seu estudo, Davis destaca trechos de “Não sou eu uma mulher?” que ajudam a ilustrar o posicionamento da ativista:

Arei a terra, plantei, enchi os celeiros e nenhum homem podia se igualar a mim! Não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem – quando eu conseguia comida – e aguentava o chicote da mesma forma! Não sou eu uma mulher? Dei à luz treze crianças e vi a maioria ser vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! Não sou eu uma mulher? (STANTON & ANTHONY *et al* apud DAVIS, 2016, p. 70)

O choque causado pelo discurso de Truth dá-se por conta de ser direcionado não apenas à opressão de gênero, mas também às desigualdades raciais presentes no próprio movimento pelos direitos das mulheres. Ao mesmo tempo que critica a supremacia masculina, a fala de Truth questiona a criação de estereótipos de fragilidade feminina.

Dito isso, coloca-se a questão da mulher negra em contexto de um país de terceiro mundo, de forma específica para este estudo, Moçambique. Conforme é mostrado diante de várias passagens do livro aqui estudado, as mulheres moçambicanas jamais foram vistas como seres frágeis, mesmo com a variação cultural do país, de acordo com cada região.

Já de início contraria-se a ideia de fragilidade pela descrição das lutas corporais que a protagonista se engaja com as até então amantes de Tony. Nesse ponto, não deve ser considerada apenas a força física das mulheres, mas também, a sagacidade em não se submeter a supostas situações de perigo. Tal dado pode ser ilustrado pelo comportamento de Luísa. Ao ver Rami à sua porta, a terceira esposa de Tony acredita que a rival estaria ali exclusivamente para agredi-la, portanto, decide tomar a atitude primeiro: “[...] assim que entrei em sua casa ela sentiu-se invadida, ameaçada pela minha presença, e tratou logo de me agredir.” (CHIZIANE, 2004, p. 45)

Além da atitude inicial de Luísa, é importante destacar outros aspectos da personagem aqui relevantes. Proveniente da Zambézia, norte de Moçambique, Luísa é autossuficiente e bem resolvida. Mesmo consciente do compromisso de Tony com Rami, a zambeziana não se importava, pois era responsável por si, seu lar e seus filhos. Mesmo que Tony contribuísse financeiramente para Luísa e sua família, a terceira esposa rapidamente se estabilizou financeiramente e tomou controle total de si e sua família.

Outra personagem que tem sua força destacada é a quarta esposa, a também nortenha Saly. Esta, bem como Luísa, recebeu Rami com uma grande sova. Já no ato da exposição da infidelidade de Tony em sua festa de aniversário, a narradora define Saly como uma “amazona, guerreira, disposta a vencer qualquer batalha.” (CHIZIANE, 2004, p. 108)

Quando Tony é dado por morto e as famílias das viúvas se reúnem para requerer seus direitos, mostra-se mais uma vez as diferenças entre a forma que as mulheres são vistas de acordo com as variadas regiões do país. Os homens do Sul acreditam que a exaltação da mulher no Norte faz dos homens menos homens, pois são as mulheres quem mandam naquela terra. Entretanto, a visão da etnia *macua* não é necessariamente lisonjeira às mulheres, pois as trata como sujeitos frágeis e dignos de piedade. Um dos homens *macua* afirma: “As mulheres são flores, devem ser bem tratadas. As mulheres são fracas, devem ser protegidas. Quem melhor que a família da mãe para dar carinho e protecção? Quando morre o marido, a casa fica com ela e com os filhos. Afinal foi construída para eles.” (CHIZIANE, 2004, p. 206)

Como pode ser notado, apesar da suposta fragilidade designada para as mulheres na fala do personagem nortenho, são elas quem responsabilizam-se pelos lares, de forma que os filhos recebem o sobrenome das mães. Dessa forma, coloca-se aqui além das diferentes visões em relação às mulheres de acordo com variadas sociedades, a desconstrução da imagem feminina como sinônimo de fragilidade. Mesmo os *macuas* que prezam por mulheres sensíveis como flores, ressaltam sua força de trabalho.

Além disso, deve-se pontuar que os homens do Sul consideram as mulheres do norte preguiçosas, pois exigem das mulheres devoção, subserviência e resistência para lidar com trabalhos pesados. Assim, os homens sulistas esperam que as mulheres lhes sirvam e voltem-se exclusivamente às tarefas domésticas, a medida que as mulheres nortenhas não se encaixam em tal perfil, são criticadas por homens do sul. Em contrapartida, os nortenhos defendem-se e definem:

As nossas mulheres são trabalhadoras. Cuidam da casa, varem o quintal, lavam a roupa, destilam boa aguardente para nós, seus maridos, buscam a água na fonte e preparam o nosso banho, são boas na cozinha e na cama também. Nós investimos na beleza delas. Investimos no seu repouso e todo o mundo se encanta com as mulheres da nossa terra. [...] As nossas mulheres são educadas para a vida e para o amor. Elas são a brisa, a flor, o amor perfeito. (CHIZIANE, 2004, p. 208)

É importante destacar aqui que a força que se espera das mulheres refere-se quase que exclusivamente aos seus valores reprodutivos e beneficiários aos homens, tanto que, os argumentos *macuas* carregam a forma pela qual os esposos são servidos por suas esposas.

Assim, verifica-se que muitos aspectos contribuem para as dessemelhanças entre as mulheres moçambicanas em *Niketche*. Crenças, aspectos geográficos, visões de mundo e experiências levaram a cada uma dessas mulheres a buscar meios de resistência para que suas vidas tenham maior qualidade, seus filhos tenham um futuro mais promissor, e para confrontar mecanismos opressivos.

É válido lembrar que nem sempre os aspectos ensinados para essas mulheres em suas terras natais permanecem em sua personalidade. Muitas das lições por elas aprendidas são recusadas e novas e mais benéficas são adotadas. Contudo, há algumas características que as mulheres de *Niketche* carregam consigo, como crenças, rituais e saberes compartilhados por suas ancestrais. Dito isso, considera-se a relação das moçambicanas do romance com aspectos espirituais, suas crenças e atividades relativas a tais âmbitos. A questão das mulheres com magias, poções e medicina alternativa será discutida adiante.

Mulheres moçambicanas e o misticismo

Mais um ponto de convergência com a marginalização feminina foi relativo à influência social adquirida pelo clero, o qual direcionava às mulheres todas as formas de tabus sexuais e as identificavam não apenas como pecadoras, mas também como portadoras do pecado, justificadas por sua suposta luxúria e herança de Eva. Nesse ponto, nota-se que tal conduta violenta contra as mulheres amparava-se por meio de um documento religioso, a bíblia.

A pensadora do feminismo negro bell hooks (1990), em relação ao período escravagista norte-americano, explica que enquanto os sujeitos históricos masculinos buscavam negar sua sexualidade por conta de apelos religiosos, estes projetavam na figura feminina a responsabilidade por seu desejo sexual. Os homens acreditavam que o sentimento de luxúria os condenaria pela eternidade como pecadores, assim ao direcionar seus desejos sexuais em mulheres não apenas colocavam as mulheres em um estereótipo, como também repreendiam a sexualidade feminina. A causa desse comportamento remete ao ensino dos princípios do cristianismo, onde:

[...] as mulheres eram retratadas como sedutoras sexuais malévolas, trazendo o pecado ao mundo. A luxúria sexual foi originada por ela e o homem foi meramente vítima do seu luxurioso poder. A socialização do homem branco em olhar a mulher como a sua queda moral conduziu ao desenvolvimento do sentimento anti-mulher. Os homens brancos professores religiosos ensinavam que a mulher era inerentemente uma criatura pecadora da carne cuja fraqueza apenas podia ser limpa pela intercessão de um ser mais poderoso. Vendo a si mesmos como os agentes pessoais de Deus, eles tornaram-se os juízes e os supervisores da virtude da mulher. Eles instigaram leis que governaram o comportamento sexual da mulher branca, assegurando que elas não seriam tentadas em perderem-se da força do estreito caminho. (HOOKS, 1990, p. 29-30)¹⁷

¹⁷Traduzido do original: [...] woman was portrayed as an evil sexual temptress, the bringer of sin into the victims of her want on power. Socialization of White men to regard women as their moral down fallled to the development of anti-woman sentiment. White male religious teachers taught that woman was an inherently sinful creature of the flesh whose wickedness could only be purged by the intercession of a more powerful being. Appointing themselves as the personal agents of God, they became the judges and overseers of woman's virtue. They instigated laws to govern the

Em contrapartida, por volta do século XIX, as mulheres brancas passaram a serem vistas como imaculadas, puras e sem impulsos sexuais. Ainda de acordo com hooks (1990), por conta das frequentes gestações e partos sofríveis, as mulheres brancas aceitaram de bom grado a nova imagem criada para si. Oposta à sexualidade e ao prazer sexual, essa nova imposição foi incorporada de forma positiva, sem a conscientização do sexismo contido em tal idealização.

Por outro lado, essa idealização da figura feminina como divindade não atingiu o âmbito racial e as mulheres negras escravizadas passaram por uma fase de desmoralização ainda maior de suas identidades. Conforme estudos de Angela Davis (2016), às mulheres brancas eram destinadas as figuras de imaculadas, sem impulsos sexuais. Às mulheres negras, por outro lado, era imposta a representação da lascívia e da luxúria, de forma que todas as mulheres negras fossem sensuais e propensas a atividades libidinosas. Com isso, nota-se que ao passo que as mulheres brancas são consideradas pecadoras, as mulheres negras sofriam ainda mais com os rótulos de lascívias e voluptuosas.

Destaca-se ainda que a perseguição às mulheres com justificativas religiosas não se limitou à imposição do modelo de sociedade patriarcal, mas também levou a casos extremos como a tortura e a dizimação das chamadas “feiticeiras” durante o período da inquisição no decorrer do século XVI. (ALVES & PITANGUY, 1985).

A chamada caça às bruxas foi uma forma desumana de reafirmar a supremacia masculina a partir do clero, uma vez que:

Existe nessa perseguição às “feiticeiras”, um elemento claro de luta pela manutenção de uma posição de poder por parte do homem: a mulher, tida como bruxa, supostamente possuiria conhecimentos que lhe confeririam espaços de atuação que escapavam ao domínio masculino. (ALVES & PITANGUY, 1985, p. 21)

As mulheres entendidas e julgadas como feiticeiras eram alvo de torturas por razões ilógicas, desde hábitos e vestimentas, até traços físicos. A ideia da mulher como “bruxa” instaurou-se também por conta de hábitos como a cura de enfermidades através de remédios caseiros, o uso de ervas, chás, dentre outros.

Em vista disso, mostra-se outro campo que subjugou a mulher no decorrer da história: a medicina. Tal campo, além de impossibilitar às mulheres o acesso à formação acadêmica relega também funções como a de curandeira e parteira, tarefas executadas por mulheres durante séculos.

sexual behavior of White women, to ensure that they would not be tempted to stray from the straight and narrow path.

Ao passo que os espaços acadêmicos não eram permitidos para as mulheres, lhes era negado o acesso à educação. Ainda, utilizavam-se de discursos acadêmicos para deslegitimar o conhecimento empírico de métodos medicinais compartilhados por gerações. Neste caso, os discursos científicos e religiosos se contemplam, pois, ambos se voltavam à instauração da supremacia masculina. Ao tornar a cura um campo exclusivamente masculino, as mulheres praticantes de terapias alternativas passaram a ser tratadas como feiticeiras, e acusadas de bruxaria, tornaram-se alvos da Inquisição.

No romance *Niketche: uma história de poligamia* (2004) é recorrente a menção de feitiçarias e magias. A protagonista Rami, por conta de seu cristianismo, mantém críticas às mulheres que supostamente aderiam a tal prática. Já de início, a personagem crê que os problemas em seu casamento são resultados de magias que outras mulheres teriam feito para seu esposo, e não de sua deslealdade.

A temática de magia e feitiçaria mostra também a divergência entre as identidades femininas, tanto em relação às cinco mulheres entre si, quanto à Rami sobre si mesma. A protagonista, católica, depara-se com recorrentes perturbações no sono do esposo. Na situação em questão, o incômodo de Rami se dá por conta de suspiros e delírios de Tony enquanto este clama pelo nome de outra mulher:

Ele suspira como quem ama. Depois guincha e grita, está a invocar o nome de alguém. Fico mais atenta. Ele está a sonhar com uma mulher. Está a suspirar por uma mulher. [...] Desperta desvairado e fala como se estivesse a responder ao chamamento de outro mundo. Veste-se à pressa como um sonâmbulo. (CHIZIANE, 2004, p. 30)

A protagonista do romance, ao desesperar-se com a constância desse sonho recorre a adivinhos, mesmo ao afirmar que não crê em suas soluções. Além dos sonhos, as vizinhas de Rami falam da possibilidade de *mudjiwas*, que são definidos como “[...] esposas e esposos de outro mundo, que, nas vidas anteriores ou na outra encarnação, foram nossos cônjuges e reclamam os seus direitos nesta vida.” (CHIZIANE, 2004, p. 30)

De acordo com a abordagem sobre *mudjiwas* no romance, observa-se uma forma de contradição na construção da identidade de Rami, bem como, a dessemelhança entre gerações. A relação etária decorre-se da descrença de Rami nas suposições dos adivinhos e das vizinhas, mas mesmo assim, afirmar que sua mãe teria lhe contado sobre o assunto. Tal dado se mostra adiante quando Rami em desabafo para sua mãe questiona o porquê de sua progenitora não ter lhe ensinado sobre os feitiços de amor. A idosa, por sua vez, justifica-se de acordo com as crenças religiosas: “-

Foi por causa da religião, filha. Por causa da cidade. O teu pai é um homem da cidade e pouco ligou às tradições. Tinha os seus princípios e só falava português.” (CHIZIANE, 2004, p.193)

Ainda, o parágrafo onde os *mudjiwas* são discutidos (CHIZIANE, 2004, p. 30) inicia-se com a descrença de Rami, entretanto, esta passa a questionar-se adiante se o marido ou ela mesma não teriam um *mudjiwa*: “Entro no desespero. Meu Tony, meu marido, meu homem belo, será que tens uma *mudjiwa*? Ou eu é que tenho *mudjiwa* e por isso não me queres?” O ponto mencionado confirma a inconstância de Rami no romance, de forma que a religiosidade da personagem é um dos âmbitos responsáveis por frequentes mudanças em sua personalidade. Conforme já mencionado, uma vez que a doutrina católica não foi suficiente para resolver seus conflitos matrimoniais, a protagonista do romance recorre a soluções alternativas. Por isso, Rami vivencia uma constante transição entre crenças, culturas e rituais antes desconhecidos ou rejeitados.

Os temas magia e feitiçaria criam divergências em diversos outros pontos do romance. Por exemplo, as relações das outras quatro esposas de Tony perante tais práticas. Assim, consideram-se as divergências entre Luísa, Saly e Mauá em relação à Rami. Saly, por exemplo, ao contrário da primeira esposa de Tony, não apenas crê como também é adepta de práticas entendidas como magias e feitiçarias. Adiante no romance, é revelado pela própria personagem que esta praticava magias para “prender” Tony. Quando confessa para Rami:

[...] à meia-noite acendo um charuto e encho a casa de fumo. Depois pego na vassoura e varro a casa. Varro invocando o nome do Tony. Entro no mundo dos seus sonhos. Onde quer que ele esteja, responde-me e suspira. Grita em voz alta o meu nome. E sai disparado como o vento ao meu encontro. Vocês podem confirmar se minto. Quantas vezes já despertou do pesadelo nas vossas camas gritando, Saly, Saly quantas vezes? (CHIZIANE, 2004, p. 177-178)

A confissão de Saly não apenas desperta a ira de Rami como a faz afirmar seu pensamento inicial de que a justificativa pelas traições de Tony seria resultado exclusivo de feitiços de amor, isentando assim o esposo de sua infidelidade. Além dos feitos de Saly, Luísa confessa também seus meios para prender a atenção de Tony:

— Rami — revela a Lu —, lembrás-te das vezes em que o Tony esteve contigo e não conseguia nada? Era eu que o fechava. Rolhava-o. Engarrafava-o. Eu ocupava toda a sua memória. Quer estivesse contigo ou com a Ju, na hora sagrada ele afrouxava. Recuava. Arrefecia. Abandonava-te e vinha a correr ao meu encontro e se realizava. (CHIZIANE, 2004, p. 178)

Diante de tais revelações, Rami não apenas revolta-se, como também reforça o pensamento de que as mulheres seriam as únicas responsáveis pelos relacionamentos, até então, extraconjugais

de Tony: “Não havia dúvida de que ela dizia a verdade. Aquela confissão era terrivelmente maligna e me enchia de ódio, de raiva. Comecei a compreender tudo. As fugas, as traições e as mentiras do meu Tony. Ele não agia por vontade própria, estava a ser vítima de uma grande cilada.” (CHIZIANE, 2004, p. 178)

Assim, Rami presume que seu ponto de vista inicial estaria correto e que o esposo não seria responsável por suas traições, mas sim, vítima de elementos externos à sua vontade. Nota-se também que além de isentar o marido de culpa, a protagonista julga o comportamento de suas irmãs de poligamia. Desde o princípio, Rami critica os possíveis atos de bruxaria e feitiçaria, ainda que adiante vá buscar os mesmos.

O momento específico em que as revelações citadas acima acontecem, decorrem do pedido de divórcio de Tony à Rami. As outras quatro esposas, por sua vez, desesperam-se para que a separação não ocorra. Julieta, Luísa, Saly e Mauá têm consciência de que, ao divorciar-se de Rami, Tony não manterá o compromisso com cada uma delas, e assim, consideram a protagonista um pilar que sustenta o relacionamento poligâmico. Nesse momento, desenvolvem-se abertamente as discussões sobre magias, especificamente para “prender” o homem, como é dito no romance. (CHIZIANE, 2004, p.176)

Ao tentar persuadir Rami a lutar contra o pedido de divórcio de Tony, Luísa, Saly e Mauá compartilham conselhos e técnicas para atrair o esposo de volta. As três nortenhas mostram-se incrédulas quando descobrem que a primeira esposa de Tony não se utiliza de nenhum artifício relacionado a feitiçaria como poções do amor, temperos, dentre outros.

Dito isso, pondera-se a relação que se faz entre figuras femininas e hábitos de bruxaria e feitiçaria. Podem ser notadas em *Niketche* (2004), as formas pelas quais as mulheres se utilizam de diversos rituais que acreditam surtir efeitos para o amor. A diferença de comportamento entre Rami e as outras esposas de Tony em tal âmbito ilustra também a tentativa do colonizador em impor o catolicismo, representado pela protagonista. Os hábitos das outras esposas, por sua vez, mostram a resistência das tradições nacionais moçambicanas, mesmo com as imposições europeias.

A DANÇA DO *NIKETCHE* E A UNIÃO DAS MULHERES MOÇAMBICANAS

Conforme pode ser notado até então, o decorrer do romance aqui trabalhado oferece às mulheres nele retratadas inúmeras situações em comum. O relacionamento com Tony seria o ponto de partida para que as cinco mulheres se encontrassem e se conhecessem, porém, esta não seria a razão para o vínculo afetivo criado entre elas.

Como seria de se esperar, a relação inicial de todas elas deu-se de forma violenta. A protagonista apenas não lutou com a última esposa, Mauá, pois conforme explica a narradora: “Aquela menina não deve ter mais de dezanove anos. Que ajuste de contas posso fazer com uma criatura que nem tem a idade da minha terceira filha?” (CHIZIANE, 2004, p. 67)

Entretanto, ao decorrer da história, essas mulheres passaram a adquirir maior proximidade. O início desse círculo de amizade se dá quando a protagonista, convencida de que não haveria outra solução para seu casamento além da aceitação das outras mulheres, decide-se assumir a poligamia de forma legalizada. Contudo, Rami tem consciência de que Tony recusaria tal proposta caso a fizesse, pois como já foi discutido, o regime de casamento poligâmico não é aceito perante a doutrina católica, seguida pelo casal.

Assim, a protagonista do romance reúne Julieta, Luísa e Saly para expor seu plano. A última esposa é excluída do encontro, pois Rami teme que Mauá venha a estragar o plano, uma vez que, encontra-se ainda em estado de paixão por Tony. Com isso, a primeira esposa arquiteta o plano a ser executado durante a festa de cinquenta anos do patriarca, perante toda a família e o círculo social de ambos.

Rami faz as apresentações para os convidados, toma conta dos filhos de suas outrora rivais e as trata como irmãs. A união das mulheres no presente momento confirma a palavra de Tia Maria, quando esta afirma que quando as mulheres se unem o homem não abusa.

Quando as outras quatro mulheres de Tony são reveladas para a família e o círculo social familiar, o comportamento considerado imoral do companheiro de Rami é também exposto. A protagonista satisfaz-se com o sucesso do plano e reconhece a força de si e das companheiras ao executar tal feito:

Obrigado, meu Deus, o meu plano deu certo. Todas entraram traiçoeiras como serpentes. Suaves como a música da alma. Elegantes como verdadeiras damas. Reivindicam o seu espaço com sorrisos. Fazem a guerra com perfume e flores. Elas são a chuva regando a terra para que dela brote uma vida nova. Estas mulheres juntas venceram os preconceitos e avançaram com firmeza e derrubaram a farsa. (CHIZIANE, 2004, p. 108)

A parceria de Rami com suas agora irmãs de poligamia pode ser compreendida pelo que Ashcroft (2001) entende por forma de resistência não-violenta. Segundo o pensador, esta seria uma forma notável de resistência, pois funciona através da sutileza. Dentre as formas de resistências não-violentas, se coloca especificamente para este caso, os estudos do pesquisador Homi Bhabha (1994), nos quais este debate os conceitos de mímica, paródia e cortesia dissimulada.

Desse modo, é possível perceber que a partir das atitudes de Rami, esta porta-se de maneira

passiva, como quem aceita o que lhe foi imposto. Contudo, a protagonista toma a decisão de expor a infidelidade de Tony para todo o círculo social do casal, pois prevê que aquelas pessoas julgariam o comportamento do esposo. Com isso, deixa as críticas e julgamentos a cargo de amigos e familiares, conforme já discutido nesta pesquisa. Dessa maneira, ao adotar uma postura de passividade em um momento de vingança, Rami ilustra a cortesia dissimulada discutida por Bhabha (1994), uma vez que, a protagonista do romance utiliza-se de meios cordiais para demonstrar sua insatisfação sobre os hábitos de Tony.

Faz-se necessário destacar que o conceito de cortesia dissimulada discutido por Bhabha (1994) pauta-se na ideia de resistência discursiva da literatura pós-colonial como forma de resistir ao poder imperial. Contudo, ao considerar as variadas formas de opressão, possibilita-se compreender a semelhança com o entendimento de Bhabha (1994) com as atitudes de Rami, em *Niketche*. Aqui, parte-se do entendimento de que a protagonista utiliza-se de uma forma de resistência discursiva, na qual, assume uma postura amistosa para denunciar seu opressor.

É importante considerar que o discurso passivo de Rami, coincide com os conceitos de resistência discursiva de Ashcroft (2001), bem como de cortesia dissimulada, explicada por Bhabha (1994). Tais noções podem ser compreendidas, uma vez que, a primeira esposa coloca-se ao lado de Tony e assume o discurso poligâmico de forma que normatiza seu comportamento, e assim, converte traição em poligamia, mesmo que o hábito seja condenado pelos convidados da celebração.

Importante considerar também, a preocupação de Rami em tirar as outras mulheres da marginalidade da posição de amantes. Sem a legalidade, essas mulheres e seus filhos não teriam direitos aos bens materiais, nem contariam com o sobrenome de Tony. Ao tornar esses relacionamentos poligâmicos, todas as mulheres e filhos de Tony se tornam iguais perante a sociedade: “As minhas rivais entraram todas no paraíso, sim, entraram. De marginais passaram a gravitar dentro do cerco da família. De ignoradas e invisíveis passaram a conhecidas e visíveis. Podem a partir de hoje saudar os tios, os avôs dos filhos, sem nenhum receio.” (CHIZIANE, 2004, p. 112)

Dessa maneira, o plano arquitetado por Rami e praticado pelas cinco mulheres fez com que Tony fosse responsabilizado por seus atos, bem como, pode promover melhores condições para Julieta, Luísa, Saly e Mauá que até então não possuíam os benefícios sociais que a sociedade patriarcal oferece a uma mulher casada. Além do reconhecimento como esposas, as mulheres também receberam os *lobolos* como já foi discutido, e seus respectivos filhos receberam o reconhecimento da filiação.

Esse é o ponto inicial do romance no qual pode ser verificada a unidade feminina como construção de melhores condições para as próprias mulheres. A legalização da poligamia tendo partido delas, fez com que Tony ficasse sujeito às suas esposas e não mais elas a ele. Isso porque, como foi explicado anteriormente, a poligamia oferece diretrizes, que por muitas vezes são regidas pelas mulheres. Contudo, esse não é o único momento no qual a união feminina pode ser notada. A festa de aniversário de Tony foi apenas o passo inicial para o vínculo que se criaria entre as cinco mulheres, as quais a partir de então, passaram a batalhar juntas para melhorar seu estatuto dentro da sociedade na qual se encontram.

Depois de legalizada a poligamia, pagos os *lobolos* e criada a escala conjugal que definiria os dias que Tony deveria passar com cada esposa, a mais jovem Mauá percebe que o esposo estaria a se relacionar com outra mulher além das cinco. Inconformadas com a situação, as irmãs de poligamia decidem tomar uma atitude e convidam o esposo para um jantar com toda a família, sob argumento de que seria bom estarem todos juntos vez ou outra. A ocasião foi proposta para que as mulheres, juntas, confrontassem o marido e a necessidade de uma nova mulher. Deve-se lembrar nesse ponto, que diante das diretrizes da poligamia, o homem apenas pode casar-se com uma nova esposa a partir da escolha das anteriores, nunca se engajar em um novo relacionamento por conta própria.

Além de revoltadas com a traição, as mulheres de Tony mostram-se insatisfeitas com o esposo. Luísa critica suas recentes atitudes e argumenta: “O teu desempenho piora a cada dia. No lugar de corrigir o que está mal, buscas mais uma. És bom na conquista, mas não aguentas connosco. Para que queres tu mais uma?” (CHIZIANE, 2004, p. 140)

O momento propicia que todas as mulheres desabafem, pela primeira vez, as dores causadas por Tony. A companhia uma da outra encoraja as esposas a confrontarem as atitudes que as desagradam no esposo, o que jamais seria possível antes da poligamia. Quando Rami era a única esposa e as outras quatro amantes, as mulheres digladiavam entre si por uma gota de atenção do marido. Nesse momento, com os direitos e a união que a poligamia lhes oferece, elas tornam-se aliadas para criticar os descuidos de Tony, conforme descreve a narradora:

Pela primeira vez enfrentámo-lo sem medo e dissemos todas as verdades. Dissemos tudo o que nos doía. Delirámos. Estamos cansadas das tuas paixões, dizíamos, esgaravatas aqui e ali, bicas, largas e partes, como uma ave de rapina. Estamos cheias de filhos e privadas de carinho. Aos nossos filhos ofereces amor instantâneo, e corres logo para outros braços e outros carinhos. Em cada casa há crianças em coro, gritando, onde está papá, quando vem papá, onde foi papá, eu quero papá. Temos vontade de nos enfeitar e ficar bonitas. Mas para quem, se não temos quem nos veja, quem nos leve ao cinema, ao baile, ao jantar? Temos

vontade de cozinhar melhor. Mas cozinhar para quem se comemos sós? Tu não passas de uma abelha, beijo aqui, beijo ali, só para produzir teu mel, transportando doenças de uma para a outra, e qualquer dia morreremos de doenças incuráveis. O teu coração tem o tamanho de um camião, para transportar tantas mulheres ao mesmo tempo. Calamos as nossas ansiedades durante quatro semanas à espera da vez. Guardamo-nos o mais possível para te sermos fiéis. Mas presta atenção: isto vai acabar mal. Os dias não são todos iguais. A natureza tem outras flores, outros perfumes e outro mel. Tu és a nossa estrela, mas os planetas também brilham, iluminam e fazem sorrir. (CHIZIANE, 2004, p. 140-141)

O desabafo das mulheres surte em Tony o mesmo nível de agressividade. O polígamo não aceita ser contestado por suas esposas, pois em nenhum momento considera a possibilidade de que a vontade das mulheres possa ser sobreposta à sua. Ao observar o tom quase ameaçador de suas carentes esposas, prossegue com seu discurso cruel e patriarcal, sem considerar em momento algum os sentimentos e a importância dessas mulheres em sua vida.

Nesse momento (CHIZIANE, 2004, p. 142) é reafirmada a postura de Saly como “uma mulher de ação e não de conversa”, quando a personagem unida à Luísa sai da sala, onde reúne-se o grupo, direciona-se para o quarto, logo retorna e convida o restante dos presentes. Ao propor que todos durmam juntos, a personagem desafia o esposo: “Hoje vais mostrar-nos o que vales, Tony. [...] Se cada uma te realiza um pouco de cada vez, então realiza-te de uma só vez, com todas nós, se és capaz.” (CHIZIANE, 2004, p. 143)

A ideia de Saly é rapidamente bem aceita por todas as outras esposas que logo se prontificam em aderir à estratégia da líder, com a ideia de que o esposo deveria reconhecer o valor das cinco mulheres unidas. O rito sexual é iniciado por elas, com absoluta resistência do esposo:

Entramos no quarto e arrastamos o Tony que resistia como um bode. Despimo-nos, em striptease. Ele olha para nós. Os seus joelhos ganham um tremor ligeiro. [...] Olho para as minhas irmãs, completamente nuas. Roliças, todas elas. O chão do quarto vai vergar de tanto peso. Avalio a situação e apanho um susto. Meu Deus, é muito traseiro e muito seio. Tudo isto para um homem só? (CHIZIANE, 2004, p. 143)

A atitude das mulheres, lideradas por Saly e Luísa dão-se por outros motivos. As esposas de Tony estão fartas da ausência do marido, inclusive em aspectos sexuais. Por isso, quando descobrem a existência de uma sexta mulher, buscam a vingança por meio da exibição de seus corpos. Tal ato busca mostrar que Tony seria incapaz de lidar com suas cinco mulheres, logo, não faria sentido a procura por uma sexta. Nesse momento, a união das mulheres não é mais passiva, tampouco dissimulada. Suas atitudes são sagazes e explícitas. Diante de tal desafio, medem-se as forças as cinco mulheres contra a força de Tony: “O Tony fica atrapalhado. Somos cinco contra

um. Cinco fraquezas juntas se tornam força em demasia. Mulheres desamadas são mais mortíferas que as cobras pretas. [...] Era preciso mostrar ao Tony o que valem cinco mulheres juntas.” (CHIZIANE, 2004, p. 143)

Do ponto citado adiante, Tony desespera-se e beira ao delírio. É importante destacar aqui, que em determinadas regiões de Moçambique, a nudez feminina é entendida como mau agouro. Portanto, o personagem entende o ritual oferecido por suas mulheres como presságio de que algum mal irá lhe ocorrer, conforme explica a narrativa:

Nudez de mulher é mau agouro mesmo que seja de uma só esposa, no acto da zanga. É protesto extremo, protesto de todos os protestos. É pior que cruzar com um leão faminto na savana distante. É pior que o deflagrar de uma bomba atômica. Dá azar. Provoca cegueira. Paralisa. Mata. (CHIZIANE, 2004, p. 144)

Em relação ao personagem Tony, alvo do ritual empenhado pelas esposas, é nítido o seu desespero perante tal situação. A nudez das cinco esposas unidas faz com que o esposo assumira uma postura desesperada e até infantilizada. Por sua vez, tal comportamento rebaixa a figura de Tony perante suas esposas. O medo e o choro estampados nas feições do polígamo constroem uma imagem débil do homem outrora imponente e patriarca.

Dito isso, mostra-se que a união desse grupo de mulheres para contestar as displicências do esposo polígamo resultou no enfraquecimento daquele que se considerava soberano. Além disso, é importante destacar que neste ponto, as mulheres já não mais dependem de Tony para lhes prover financeiramente, pois seus empreendimentos prosperaram e as proporcionaram estabilidade financeira. Desse modo, apenas a lacuna do afeto, em conjunto com o da sexualidade deveriam ser preenchidos por Tony, quem falhava em cumprir esse papel.

Nesse ponto, ao ver Tony impotente diante de suas cinco mulheres, a imagem que estas possuíam do esposo é enfraquecida. Assim, compreende-se que o ritual de nudez ocorrido na casa de Saly funcionou também como uma forma de libertação para essas mulheres que não mais enxergavam Tony como o homem viril e másculo de antes. Coloca-se aqui a exposição da nudez feminina como forma de libertação, pois trata-se de um episódio onde são as mulheres quem comandam a situação. As esposas de Tony impõem-se sobre o marido e mostram que ao unir suas forças são capazes de mudar muitas coisas.

O entendimento de que as mulheres unidas podem mudar o mundo foi construído no decorrer do romance, perante variados acontecimentos, como os mencionados até aqui. Já ao final da história, quando Luísa abandona o polígamo e casa-se com Vito, as mulheres compreendem a magnitude de suas forças unidas. Ao retomar a metáfora da Vuyazi, a princesa insubmissa que foi

presa na lua por desobediência ao seu marido, as mulheres mostram que a revolução se faz a partir da sororidade feminina:

Interrompemos a dança e seguimos em procissão, pela estrada fora. O nosso canto penetra na esfera das nuvens, e colonizamos o céu com as nossas vozes. Chegamos à lua, resgatamos Vuyazi, a princesa insubmissa nela estampada. Na sua cabeça colocamos uma coroa de ramos de palmeiras e aos seus pés semeamos flores de todas as cores. [...] Retiramos Vuyazi da sua estática posição e dançamos com ela na lua imensa. Gravitamos no céu e descobrimos: cada estrela é uma mulher semeada no alto. A terra é de barro e tem a forma de mulher. A lua é nossa, colonizamo-la, foi-nos conquistada por Vuyazi, pioneira, heroína, princesa e rainha, primeira mulher do mundo que lutou pela felicidade e pela justiça. O mundo é nosso, em cada coração de mulher cabe todo o universo. (CHIZIANE, 2004, p. 292-293)

É importante destacar que neste momento o romance recupera a personagem insubmissa da fábula utilizada pelas anciãs da família de Tony para inibir qualquer prática de subversão que as esposas de Tony possam engajar-se. Vuyazi que era utilizada para implantar determinados valores morais e empregar a submissão feminina foi salva por aquelas que, através da resistência, da agência e da insubmissão foram capazes de mudar suas vidas para melhor. A consciência de que a união feminina pode mudar o mundo para as mulheres faz a narradora tomar a figura de Vuyazi como inspiração, ao contrário do que é pregado na fábula. A libertação da princesa insubmissa funciona como uma representação da liberdade adquirida por esse grupo de mulheres, que rejeitaram muitas imposições sociais e se libertaram de várias formas de opressão.

O tom de esperança apresentado ao final do romance, mostra que a partir do vínculo de irmandade presente no grupo, faz-se possível escrever uma nova história:

Juntas celebramos o porvir e juramos: a partir de hoje, caminharemos na marcha de todas as mulheres desprotegidas pela sorte, multiplicaremos a força dos nossos braços e seremos heroínas tombando na batalha do pão de cada dia. A cantar e a dançar, construiremos escolas com alicerces de pedra, onde aprenderemos a escrever e a ler as linhas do nosso destino. Atravessaremos o mar com a nau dos nossos olhos porque saberemos navegar até o além-mar e levaremos a mensagem de solidariedade e fraternidade às mulheres dos quatro cantos do mundo. (CHIZIANE, 2004, p. 293)

Com isso, ilustra-se a intenção de Paulina Chiziane citada ao início desta pesquisa, de que a mensagem que gostaria de passar com esse romance é de que a união entre as mulheres é capaz de mudar o mundo. A história de Rami, Julieta, Luísa, Saly, Mauá e de tantas outras mostra que amizade e fraternidade femininas podem gerar grandes mudanças e trazer muitas melhorias para uma sociedade patriarcal que se fundamenta em subjugar as mulheres. Além disso, desconstrói-se a

ideia de rivalidade feminina, discurso reproduzido por ideais também patriarcais, uma vez que, como pode ser notado no romance, quando as mulheres se unem, o mundo torna-se outro. Com isso, o romance mostra que a dominação masculina, representada por Tony, pode ser revertida diante da união feminina. De modo que ao passo que as cinco esposas se reúnem, o personagem permanece de mãos atadas, em situação de impotência.

A certeza de que a união entre as mulheres pode mudar o curso de seus destinos parte de Julieta, Luísa, Saly e Mauá, que por sua vez, acreditam que Rami seja a responsável por esse círculo criado, bem como, a nova vida que agora essas mulheres desfrutam. Julieta, Luísa, Saly e Mauá, antes encontravam-se marginalizadas socialmente, dependentes de uma quantidade mínima de afeto e de provimentos monetários oferecidos parcamente por Tony, agora são empresárias de sucesso, abandonaram a poligamia e partiram para seus próprios casamentos. Todas elas demonstram imensa gratidão e compreendem a energia condutora dessa irmandade criada a partir de relações rivais e hostis, convertida em fraternidade: Rami.

RAMI: RAINHA EM UM TRONO DE AREIA

Mulheres em Rami: A (trans)formação da protagonista de *Nikette*

Ao desfecho do romance, Julieta, Luísa, Saly e Mauá mostram-se grandemente gratas pela presença de Rami em suas vidas. Suas irmãs de poligamia compreendem que a primeira esposa de Tony foi a principal responsável pela melhora de suas realidades. Contudo, deve-se destacar que a presença daquelas quatro mulheres modificou tanto quanto a história da própria Rami, bem como sua relação com outras personagens femininas secundárias no romance.

Como pode ser notado até aqui, a construção da protagonista de *Nikette: uma história de poligamia* (2004) deu-se a partir das relações com diversas mulheres que cruzaram seu caminho no decorrer da história. Algumas dessas mulheres fizeram-se presentes por laços familiares, outras de amizade e até de rivalidade. É válido considerar que todas essas personagens contribuíram para o desenvolvimento da personagem, que ao final do romance, pouco se assemelha com aquela apresentada ao início da história.

O ponto de partida de *Nikette* (2004) mostra a face conservadora e submissa de Rami. A personagem não apenas julga a presença masculina indispensável, como também critica as mulheres que não possuem a companhia de um homem. Contudo, esse posicionamento se dá por conta de elementos alheios à personalidade da protagonista. A reprodução de um discurso

patriarcalista, no qual uma mulher só deve ser respeitada perante a suposta proteção de um homem, reforça a supremacia masculina em detrimento da mulher e gera a marginalização social de mulheres solteiras ou separadas.

Ao reproduzir tal posicionamento, Rami ilustra a forma pela qual muitas mulheres são capazes de manter hábitos que oprimem suas iguais e contribuem para a manutenção de uma sociedade masculinista. Todavia, seu posicionamento não se dá ao acaso, como é referido, apenas os homens são respeitados em seu contexto social:

Um marido em casa é segurança, e proteção. Na presença de um marido, os ladrões se afastam. Os homens respeitam. As vizinhas não entram de qualquer maneira para pedir sal, açúcar, muito menos para cortar na casaca da outra vizinha. Na presença de um marido, um lar é mais lar; tem conforto e prestígio. (CHIZIANE, 2004, p. 11)

Deve-se destacar que a passagem acima é reprodução das reflexões da personagem narradora, assim, representa o pensamento de Rami. Contudo, a afirmação de que os homens respeitam e os ladrões se afastam por conta da presença masculina mostra que a ideia da presença de um homem enquanto segurança social pode ser palpável, e não apenas uma impressão da narradora.

É possível notar também que a atitude inicial da protagonista do romance é resultado de seu contexto social, construída a partir de costumes impostos principalmente pelo colonialismo que, em conjunto com o conservadorismo cristão, subjuga as mulheres como inferiores aos homens. Deve-se retomar aqui, que não apenas as imposições coloniais são responsáveis por hábitos patriarcais.

Como trabalhado anteriormente nesta pesquisa, há também formas de opressão às mulheres em hábitos tradicionalmente moçambicanos, de acordo com a narrativa. Entretanto, no sul de Moçambique, onde o casal núcleo se encontra, os costumes coloniais foram implantados de maneira mais sólida, de modo que é oferecido um discurso patriarcal específico, reflexo do colonialismo. Ao se considerar que até aquele momento do romance, tal realidade seria a única conhecida pela personagem, é natural que esta considere o modelo de sociedade o qual vivencia como o ideal.

Adepta do catolicismo, Rami critica muitos costumes de seu próprio país, o que reafirma uma postura conservadora. Todavia, ao sentir-se traída pelo esposo, a personagem passa a buscar meios desconhecidos para retomar seu casamento, e como abordado anteriormente nesta pesquisa, recorre a variados recursos, alheios aos seus costumes e doutrinas. A preocupação em manter seu relacionamento fez com que Rami trilhasse caminhos diferentes a aqueles que a personagem havia

percorrido até então. Nessa trajetória, percebe e encanta-se por costumes, pessoas e tradições distantes de seu círculo social e familiar.

Ao início do romance, quando se sente superior por ser casada, Rami demonstra uma postura de superioridade e crítica a muitas mulheres em situações até o momento divergentes à sua. Contudo, tais divergências não são concretas como pode considerar a personagem narradora, pois a protagonista ignora o fato de que encontra-se tão sozinha quanto as mulheres de sua vizinhança, com a diferença de que seu matrimônio possui vigência legal e religiosa.

Entretanto, tal posicionamento passa a se modificar quando Rami se enxerga na mesma posição de muitas mulheres as quais critica tão frequentemente. Mesmo em relação às suas vizinhas, que a protagonista busca afastar, por sentir-se superior devido ao seu *status* de mulher casada, sua opinião é modificada de acordo com os acontecimentos. Uma vez que, as constantes ausências de Tony incomodam Rami e suas vizinhas vêm para consolá-la, a protagonista percebe que sua situação não é tão diferente daquelas mulheres: “As minhas vizinhas consolam-me com histórias de espantar. Elas são mães. Para me embalar a dor, elas contam-me histórias das suas próprias dores e espinhos. Deliramos em murmúrios de nostalgia. Nos olhos de todas nós, miragens do marido que foi e não volta mais.” (CHIZIANE, 2004, p. 13)

A mudança no discurso de Rami, quando se coloca em conjunto com as vizinhas deixadas por seus esposos, mostra que a personagem passa a compreender que as mulheres passam por experiências em comum quando se trata de relacionamentos afetivos. Apesar das críticas iniciais às vizinhas e a Julieta, segunda esposa de Tony, sua visão é modificada quando a protagonista percebe os hábitos masculinos em manipular e abandonar suas esposas para se relacionarem ilegalmente com outras. Tanto que, após as lutas com Julieta, a protagonista compreende que a mulher não seria a culpada, e sim seu esposo, que enganou a ambas para manter seus relacionamentos. O entendimento se dá através de diálogo de Rami com a suposta rival, quando através da fala desta, aquela compreende: “Todas as mulheres são gémeas, solitárias, sem auroras nem primaveras. Buscamos o tesouro em minas já exploradas, esgotadas, e acabamos por ser fantasmas nas ruínas dos nossos sonhos.” (CHIZIANE, 2004, p. 26)

Com isso, percebem-se já de início determinadas mudanças na postura de Rami, quem se considerava superior às mulheres não-casadas e a Julieta por ser amante, e mais adiante, a protagonista se inclui no grupo daquelas mulheres. Assim, a personagem passa a compreender que mesmo com estatutos sociais diferentes, as mulheres são muitas vezes marginalizadas em igualdade por conta de costumes que beneficiam os homens. Destaca-se, por exemplo, o matrimônio, no qual a mulher necessita de um marido para ser aceita socialmente. Neste caso, as mulheres passam a ser

consideradas dependentes da figura masculina, enquanto que os homens colocam a si mesmos como salvadores, que as tiram da marginalidade.

Observa-se também ao início do romance (CHIZIANE, 2004, p. 19) que a personagem narradora já demonstra traços de subversão. Farta das traições e ausências de Tony, Rami decide-se por tomar uma atitude em relação ao seu descontentamento. Ao sair em busca de sua rival, desabafa: “Saio de casa e vou andando, chapinhando em liberdade pelas estradas chuvosas.”. Tal afirmação mostra que ao decidir encontrar sua rival, a protagonista dá início a sua trajetória de insubmissão, uma vez que, a narradora afirma ter conhecimento do relacionamento de Tony com Julieta e de outras relações esporádicas do marido. Contudo, até o momento, Rami não havia tomado iniciativa, apenas rezava para que os céus oferecessem uma solução para suas insatisfações.

O encontro com Julieta estabeleceu também aprendizados para a protagonista, que após conhecer a mulher, pode perceber que o causador de suas angústias seria o próprio marido e não a amante. A partir desse entendimento, Rami confronta Tony sobre suas traições. Contudo, o homem não se incomoda com as queixas da mulher a ponto de relaxar-se o suficiente para voltar a dormir.

Perante a despreocupação de Tony, surge uma das tentativas de Rami em recuperar seu esposo e mais uma das mulheres que cruzam seu caminho, compartilham diferentes experiências e ajudam a desenvolver a personalidade inconstante e em formação da protagonista. Quando se matricula em um curso de uma conselheira amorosa, Rami recebe conselhos de uma mulher *macua*, da região norte de Moçambique.

Conforme a aprendiz sente-se envergonhada em dividir com a conselheira as suas mágoas, a nortenha busca convencer a protagonista de que todos possuem problemas amorosos, por isso não há vergonha em compartilhá-los. Ainda assim, Rami oferece relutância em adentrar-se no tema principal de suas aulas, por conta de temas sexuais serem tabus na cultura da primeira esposa de Tony.

As aulas de iniciação são importantes marcas na trajetória de Rami, uma vez que, a personagem submete-se ao curso em um momento de desespero, no qual não encontrava nenhuma outra solução para seus problemas. A conselheira ensina para Rami que as mulheres podem (e devem) possuir conhecimentos sexuais. Enquanto mulher nortenha, a professora valoriza outras formas de captar a atenção masculina, o que naquele momento é a intenção da protagonista. A professora de amor compartilha diversos ensinamentos sobre sensualidade e a vida a dois, os quais a protagonista desconhecia. A princípio, tais lições são mal recebidas pela aluna, porém, ao perceber que sua falta de conhecimento sobre os temas mencionados deve-se ao seu contexto social, que teria lhe proporcionado apenas saberes domésticos e religiosos, a protagonista rebela-se

contra seus próprios costumes.

Ao abordar temas íntimos, as aulas ofereceram a Rami aprendizados sobre si mesma que a própria não possuía. O conservadorismo de sua criação impede que a personagem reconheça sua própria anatomia. Nesse ponto a narrativa volta-se para o descontentamento da protagonista sobre a repressão religiosa que a impediu de ter contato com temas como o prazer sexual feminino:

Estas aulas são os meus ritos de iniciação. A igreja e os sistemas gritaram heresias contra estas práticas, para destruir um saber que nem eles tinham. Analiso a minha vida. Fui atirada ao casamento sem preparação nenhuma. Revolto-me. Andei a aprender coisas que não servem para nada. (CHIZIANE, 2004, p. 44)

É importante lembrar que o conflito entre os costumes tradicionalmente moçambicanos e os hábitos estabelecidos pela colonização são recorrentes no romance, especialmente em relação à religiosidade. Assim, como católica, Rami é inicialmente contrária aos costumes alheios ao cristianismo, porém, ao conhecer diferentes perspectivas, a personagem passa a questionar sua religiosidade e as imposições morais e sociais da igreja. As aulas de iniciação sexual, em específico, são essenciais para que a protagonista inicie sua libertação de diversas formas de opressão impostas por sua religião.

Uma das razões para a mudança de postura de Rami ocorre por conta de a igreja católica difamar as escolas de amor, de modo que os aprendizados destas instituições são rechaçados pelo cristianismo. Dito isso, contempla-se a transformação da personagem que passa de uma mulher recatada para uma que busca compreender e praticar diferentes estratégias de sedução.

A mudança de Rami com a descoberta de sua sexualidade a encaminha para a terceira mulher de Tony, com quem busca também aprender novas formas de sensualidade, uma vez que, os ensinamentos da conselheira não surtiram efeito em seu alvo. Com isso, destaca-se que a relação com Luísa também contribuiu para as transformações de Rami. O desapego por relações monogâmicas e tradições matrimoniais de Luísa desperta na protagonista a ideia de praticidade e partilha dentro das relações amorosas.

O primeiro passo é quando Luísa e Rami compartilham o amante, Vito. As relações da primeira esposa de Tony com o amante de Luísa fazem-se frequentes, mesmo que a personagem se sinta culpada. Tais encontros proporcionam para Rami prazeres que esta há muito sentia falta:

Eu era uma pedra firme. Incorruptível. Sempre vivi acima das outras mulheres porque era a mulher de todas as virtudes. Feri a minha fidelidade, abri uma brecha, uma ferida que não cicatriza. Derrubei os pilares onde assentavam todos os valores, não resisti à tentação. Queria tanto um detergente para esfregar esta

mancha. Uma caverna profunda para esconder a arma do crime, mas a arma do crime é o meu corpo, ah, meu corpo, meu inimigo! Como podia eu resistir aos teus apelos? Carne maldita, o que fizeste da minha alma? É difícil ser fiel, quando se tem o corpo em chamas. É difícil esta abstinência forçada, meu Deus, é difícil ser mulher. (CHIZIANE, 2004, p. 81)

Com isso, observa-se o conflito no qual a protagonista se encontra, dividida entre a moralidade religiosa e a liberdade sexual. Entretanto, após debates com Luísa, Rami percebe que a ideia de traição pode não ser tão grave em sua situação, uma vez que, Tony mantém vários relacionamentos extraconjugais.

É importante se mostrar que as relações sexuais de Rami com Vito não foram casos isolados, e sim frequentes com o apoio de Luísa. Esta por seu lado argumenta que não seria justo que Rami permanecesse sozinha enquanto Tony mantinha relacionamentos com outras mulheres e critica o conceito de traição:

— Adultério? Há quanto tempo esperas por quem não vem? Vocês, mulheres do sul, perdem tempo com essas histórias e preconceitos. Renunciam à existência, pode-se saber porquê? Fidelidade a quê, se ele já te deixou? Mesmo as viúvas aliviam o luto em algum momento. E tu não és viúva, o Tony está vivo, está feliz e anda a fazer das suas, por aí. (CHIZIANE, 2004, p. 82)

Os argumentos da nortenha conscientizam Rami de que o sentimento de culpa pela suposta traição não deveria ser superior à sua preocupação consigo mesma. Ao passo que mantém as relações com Vito, Rami coloca-se enquanto mulher que valoriza e prioriza sua sexualidade, mesmo com o breve sentimento de culpa. Mais tarde, em reflexão sobre o sistema de poligamia, a personagem narradora afirma que sua suposta traição seria adequada para a situação na qual seu casamento se encontra: “O meu lar cristão que se tornou polígamo. Era uma esposa fiel que tornei-me adúltera — adúltera não, recorri apenas a um tipo de assistência conjugal, informal, tal como a poligamia desta casa é informal.” (CHIZIANE, 2004, p. 95)

A partir de tal discurso, Rami utiliza-se mais uma vez do comportamento do esposo em benefício próprio, mesmo que neste caso específico, seja para acomodar sua própria consciência. Além disso, as diretrizes da poligamia que determinam que a mulher tem o direito a um assistente conjugal caso o marido não seja capaz de ter relações com sua esposa, funcionam como justificativa para a manutenção das relações de Rami com Vito.

Pode-se verificar que ao considerar diferentes perspectivas, as crenças de Rami passaram a se modificar. Tanto em relação à religião quanto ao esposo. Ao desvencilhar-se de verdades absolutas, a protagonista passa a questionar seu estatuto e de outras mulheres de seu convívio. Com

isso, a personagem assume uma postura ativa e questionadora que a direciona para o caminho da resistência.

Rami e o caminho para Resistência

A trajetória de Rami, como foi abordada no decorrer deste trabalho, fez-se de forma fragmentada e inconstante. A personagem percorre inúmeros caminhos e depara-se com inúmeras situações de modo que suas atitudes vão sendo moldadas. De modo ainda mais evidente em relação às outras mulheres componentes do romance, a personalidade de Rami constrói-se a partir dos ocorridos e das pessoas que cruzam sua trajetória. Quando percebe que as brigas com as rivais, as aulas de iniciação amorosa, tatuagens e magias não são suficientes para que Tony volte para casa e abandone as outras mulheres, Rami tem a ideia de unir todas as mulheres para assim confrontarem Tony. Conforme também já trabalhado, no aniversário de cinquenta anos do esposo, é quando o plano é colocado em prática. Contudo, antes do feito, destaca-se a atitude da protagonista em convocar as suas rivais para executar tal projeto. Quando coordena a reunião com as mulheres de Tony, Rami sente-se finalmente responsável por algo: “De repente senti-me feliz. Realizada. Era bom, dirigir aquele encontro, para mim que nunca tinha dirigido nada na vida.” (CHIZIANE, 2004, p. 104)

A protagonista parte do princípio de que o sistema beneficiaria sua relação com Tony, uma vez que, possuiria o comando das escalas conjugais, e assim, decidiria onde e com quem seu marido deveria estar. Além disso, teria a certeza da presença de Tony em dias estipulados pela escala conjugal. Mesmo assim, Rami questiona se o ato teria sido benéfico para si, pois para suas irmãs de poligamia certamente o foi. A situação modifica-se quando Rami sugere e contribui com os empreendimentos das outras quatro mulheres e engaja-se, novamente inspirada por Luísa, no seu próprio negócio. Ao começar a vender roupas no mercado, Rami tem contato com diversos tipos de mulheres, que por sua vez, também compartilharam muitos saberes com a protagonista. Dentre eles, modos de progredir em seus negócios, formas de investimentos em poupanças, e como ocultar o lucro das vendas do esposo, para assim, manter o controle de seus rendimentos. Tanto os ensinamentos foram eficazes que a personagem, que antes vendia roupas usadas em um mercado popular, foi capaz de abrir sua própria loja de roupas.

A realização de Rami em construir seu primeiro projeto é apenas o início de uma atitude que mudará sua vida, bem como a de seu esposo e suas companheiras de poligamia. Isto, pois a realização do plano também foi ministrada pela protagonista perante o esposo, a família e todo seu

círculo social. A postura passiva e favorável à poligamia adotada por Rami durante a festa, funciona como uma forma de denunciar a conduta desonesta do esposo. A amostra de uma postura compreensiva da protagonista em relação às relações extraconjugais do marido funciona como uma forma de ironia para expor as atitudes consideradas imorais de Tony, bem como, deixá-lo impotente diante de tal atitude. A partir disso, a personagem principal da trama sente-se vitoriosa com o sucesso de seu plano: “Faço o balanço do dia. Trazer estas mulheres para aqui foi uma autêntica dança, um acto de coragem, um triunfo instantâneo no jogo de amor. O Tony agrediu-me e retribuí o golpe, usando a sua própria arma.” (CHIZIANE, 2004, p. 111)

Assim, entende-se que no já citado ponto do romance, Rami assume uma conduta de iniciativa, que rejeita a passividade e joga contra o esposo. Além disso, mostra-se que o discurso passivo é apenas simbólico, uma vez que, tal atitude traz inúmeras consequências, inclusive intencionadas pela protagonista.

Diante disso, deve-se apontar que muitos aspectos do comportamento de Tony culminaram no distanciamento de Rami. Considera-se que mesmo com as traições e ausências, a esposa não abria mão do casamento, contudo, essa situação se transforma no decorrer do romance. Vários elementos contribuem para o esgotamento da devoção de Rami em relação a Tony e ao matrimônio, dentre eles, a desvalorização que o esposo a oferece, a consciência de casamento como imposição social, as relações sexuais com Vito, a prática do *kutchinga*, a infidelidade de Tony, dentre outros. Todavia, um episódio que estabelece o término da afetividade de Rami por Tony é a suposta morte deste.

A consciência de que o esposo não havia morrido e o silenciamento praticado por ambas as famílias fizeram com que Rami optasse pela aceitação do corpo de um desconhecido como o de Tony. A suposta viúva compareceu no funeral, guardou luto e todas as diretrizes culturais previstas em casos de viuvez. Entretanto, tais atitudes apenas demonstravam o lado exterior de Rami, uma vez que, a suposta morte de Tony funcionou mais como uma forma de libertação do que luto para a protagonista.

A morte do desconhecido funciona como alegoria para referir-se aos sentimentos de Rami por Tony, os quais enterraram-se juntamente com aquele que acreditavam ser seu marido: “Tony acaba de morrer agora, no corpo deste estranho. Já não quero mais vê-lo, tudo morreu para mim. Ele destruiu tudo o que nele admirava.” (CHIZIANE, 2004, p. 220)

Com isso, mostra-se que Rami perde a afetividade que outrora direcionava ao esposo. Mais para o fim do romance pode ser notado que a medida que Rami perde o interesse afetivo por Tony, resta-lhe apenas a vontade que alguém sacie seus desejos carnis. Em determinado momento, ao

perceber a aproximação de Tony, quem busca resgatar os antigos amores proporcionados por sua primeira esposa, a narradora revela:

Ele bate à porta do meu coração, pobrezinho, mas o meu coração já não existe, foi comido pela traça. Bate à porta da minha alma, mas esta vive no alto, numa fortaleza de pedra. Só tenho este corpo tchingado que ele rejeita. Ah, meu amor, minha doce tragédia! Talvez te perdoe noutro dia, mas hoje não. (CHIZIANE, 2004, p. 302)

Assim, ao fim do romance, trocam-se as posições. De modo que, Rami que ao princípio rogava pela presença e o amor do esposo agora rejeita sua oferta. Tony, por outro lado, ao início ausente e indiferente à Rami faz promessas de amor e fidelidade. Entretanto, neste momento, tal discurso não mais ilude a protagonista. Depois de todo o ocorrido, Rami cria para si uma armadura que não permite que a personagem volte para os encantos de Tony.

Com isso, nota-se que aquela que clamava pela presença de Tony durante o incidente com o vidro do carro já não é mais a mesma que acusa o esposo pelo crime de traição. Muitos dos ocorridos possibilitaram que a personagem obtivesse forças que antes não possuía. Isso pode ser notado na mudança não apenas das atitudes, mas também das reflexões da narradora.

Antes ainda de sair em busca da primeira amante de Tony, Rami mostra sua passividade perante a situação insatisfatória. Em meio a esperanças e frustrações, a narradora reflete:

Sou uma mulher derrotada, tenho as asas quebradas. Derrotada? Não. Nunca combati. Depus as armas muito antes de as empunhar. Sempre me entreguei nas mãos da vida. Do destino. Nunca mexi nenhum dedo para que as coisas corresse de acordo com os meus desejos. Mas será que algum dia tive desejos? (CHIZIANE, 2004, p. 18)

Em meio a tal reflexão, a personagem narradora busca dentro de si respostas para a situação na qual se encontra, bem como, possíveis soluções para seus descontentamentos. Seus pensamentos remetem à ideia de passividade, de modo que a personagem tenha sempre se mantido estagnada, seguindo os rumos que a vida lhe proporcionou. Adiante, a narrativa demonstra um sentimento de vazio diante da apática trajetória de vida da narradora:

A minha vida é um rio morto. No meu rio as águas pararam no tempo e aguardam que o destino traga a força do vento. No meu rio, os antepassados não dançam batuques nas noites de lua. Sou um rio sem alma, não sei se a perdi e nem sei se alguma vez tive uma. Sou um ser perdido, encerrado na solidão mortal. (CHIZIANE, 2004, p. 18)

Apesar da apatia no discurso da personagem narradora, é importante se considerar o uso da metáfora da água. A referência ao rio remete a ideia de inconstância, movimento, de modo que, mesmo em estado de inatividade, as águas podem voltar a correr. Isso se prova logo a seguir quando a narradora clama pela ajuda divina para que suas águas passem a correr, ou seja, que sua alma adquira vida. A inconstância das águas reflete o desenvolvimento da própria personagem, que logo a seguir descobre-se com novas esperanças: “Sou um rio. Os rios contornam todos os obstáculos. Quero libertar a raiva de todos os anos de silêncio. Quero explodir com o vento e trazer de volta o fogo para o meu leito, hoje quero existir.” (CHIZIANE, 2004, p. 19)

Assim, considera-se que por mais que tenha passado grande parte de sua vida adulta em conduta de passividade, Rami escolhe por mudar o seu destino, como a própria narradora afirma a seguir. Mesmo que algumas de suas atitudes tenham sido equivocadas, como as agressões às suas rivais, por exemplo, a maioria delas pode ser contornada e o equívoco compreendido pela personagem. Tanto erros quanto acertos funcionaram como elementos para construir a história da protagonista, mostrando mais iniciativa, agência e resistência.

Destaca-se também que a visão da própria personagem em relação a si mesma pode se modificar no decorrer do romance. Para além do desenvolvimento da metáfora das águas, essa mudança pode ser notada, por exemplo, após as mulheres se unirem para dançar o *Niketche* para Tony. Neste momento, a narradora reflete que, por mais que tenha buscado agradar o esposo, nada havia recebido em troca. Com tal pensamento, discorre:

Mas sou rija, forjada, tenho nervos de aço. Meu choro não é de fraqueza, é de raiva. Vou arregaçar as mangas e entrar numa nova briga. Vou atacar o Tony com a sua própria arma: mulheres. Não se pode dormir com todas as mulheres do mundo, sabe-se. Mas vou incitá-lo a ter todas as mulheres do planeta. Todas! Nas minhas têmporas o cabelo branco já espreita. Sinal de maturidade e sabedoria. Isso é experiência. Estas quatro mulheres à minha frente são as minhas armas e as outras que ainda hão-de vir serão as minhas balas. Veremos quem sairá vencedor! (CHIZIANE, 2004, p. 162)

Assim, mostra-se o distanciamento entre a Rami que responsabilizava as amantes de Tony pela ausência do esposo, e a Rami que busca usar das próprias armas de Tony contra ele. Considera-se também neste ponto, a decadência dos sentimentos de Rami por Tony, após tanto desprezo e infidelidade deste.

Rami: Resistência, Subversão e Libertação

Em determinados contextos, a situação social das mulheres pode ser dada de forma precária. Como pode ser visto no romance aqui trabalhado, aspectos como silenciamento, marginalização, falta de oportunidades de estudos e empregos são recorrentes. A pluralidade feminina e a cultura moçambicana têm sido debatidas nesta pesquisa com um elo em comum: a protagonista do romance.

A personagem do início de *Niketche* (2004) pouquíssimo se assemelha àquela do desfecho. O caminho percorrido por Rami fez com que ela adquirisse outras perspectivas e tomasse outras atitudes. O elo com suas irmãs de poligamia mostrou outras formas de comportamento, os quais rejeitam a supremacia masculina e privilegiam o bem-estar e a estabilidade financeira feminina, uma vez que, a sociedade patriarcal as marginaliza.

Com os ensinamentos tanto de mulheres mais experientes, quanto das colegas que vendiam produtos no mercado da esquina, as vizinhas e as próprias esposas de Tony, Rami passou a privilegiar a ótica feminina perante a sociedade.

O prazer diante do ritual do *kutchinga*, as relações com Vito, os investimentos monetários não compartilhados com o esposo trazem uma nova imagem de Rami, mais independente e livre. A partir do conjunto de atitudes de Rami centraliza-se a ideia de sororidade feminina no romance, apesar do início da história reproduzir ideais patriarcais, que subjugam e desvalorizam as mulheres, bem como alimentam a ideia de rivalidade feminina. A protagonista transforma-se em uma mulher que busca os direitos de suas iguais, ao invés de priorizar a figura masculina representada por seu esposo Tony.

Dessa forma, nota-se que as relações femininas foram responsáveis por sua mudança de postura e entendimento do mundo, o que por sua vez, resultou na recusa da sujeição que possuía nos momentos iniciais do romance. Rami libertou-se de tabus sobre a sexualidade, da culpa pelo prazer carnal, de conservadorismos religiosos, de mitos da rivalidade feminina, de preconceitos sociais, mas principalmente libertou-se da figura de Tony. O esposo de Rami seria uma representação da dominação masculina que por muito tempo reprimiu a personagem, ao passo que ao liberta-se dele, a protagonista viu-se livre para trabalhar, sentir prazer e ser dona de si. Sem mais obediência, castidade ou servidão. Rami agora pertence apenas a si mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Niketche: uma história de poligamia* (2004) de Paulina Chiziane traz a partir da oralidade, aspectos culturais e nacionais do país natal da autora, bem como o embate entre culturas provocado pelo colonialismo, relações e identidades femininas, relacionamentos afetivos, tradição e modernidade. Em forma de conversa, Chiziane é capaz de ilustrar em um único romance a pluralidade contida em Moçambique, tanto em aspectos culturais, quanto de etnias, religiões e afins. Ao abordar as questões de cultura e as formas pelas quais as mulheres reagem a aquelas, a autora cria um panorama diversificado e extraordinário, que possibilita aos leitores, ao menos uma imagem do que seria a Moçambique do olhar de uma mulher.

Conforme a própria autora afirma, sua escrita busca falar de seu país tanto em caráter positivo quanto negativo. Para além de *Niketche* (2004), as obras de Paulina Chiziane fazem pensar diferentes formas de cultura e diferentes formatos de sociedade. A escrita lírica e oralizada, transmitida por um narrador, geralmente em primeira pessoa, oferece ao leitor maior sensibilidade e senso de compreensão, de forma que no decorrer da leitura sejamos mais receptivos e menos juízes de valores daquilo que nos é desconhecido. É comum se cometer o erro de julgar como errada, primitiva ou até selvagem a cultura alheia. Tal entendimento tão comum em grandes impérios, infelizmente, não se limita aos poderes coloniais. Mesmo em âmbitos de militância como o feminismo, é recorrente que se adote uma postura na qual as mulheres seriam todas vítimas de uma opressão em comum, principalmente em relação às mulheres em situação de terceiro mundo.

Por isso, buscou-se neste trabalho observar a escrita de Paulina Chiziane através da ótica da protagonista narradora, para assim, entrarmos no universo criado pela autora e reproduzido pela voz de Rami. Dessa forma, é possível considerar os variados costumes representados no romance, bem como suas relações com as personagens femininas, foco da escrita de Chiziane e desta pesquisa. Ao se levar em conta o contexto distante no qual o romance é inserido, o texto literário foi o ponto de partida exclusivo para as análises aqui abordadas. O breve histórico do país, buscou contribuir com a construção do pano de fundo da obra, porém, os elementos culturais tão presentes no enredo são abordados de acordo com os acontecimentos do romance.

Dessa forma, mostra-se que a pluralidade cultural moçambicana é delineada por Paulina Chiziane como forma de representação das inúmeras manifestações culturais de sua terra natal. Diante de tamanha pluralidade, inclui-se a divergência de opiniões na abordagem de determinados temas, de modo que a narradora possa criticar um ponto, enquanto uma personagem secundária se mostra favorável, ou ainda, o narrador intruso pode discorrer sobre diversos assuntos. Dessa

maneira, seria ilógico delimitar rótulos e definições, uma vez que, dentro do próprio texto literário, tal postura é rejeitada.

Assim, destaca-se a abordagem de aspectos culturais como o *kutchinga*, o *lobolo*, as aulas de iniciação sexual e o próprio *niketche*. Muitas dessas tradições que ajudam a compor o romance podem ser consideradas como reafirmações de uma sociedade patriarcal. Entretanto, a multiplicidade de olhares dentro da obra possibilita ao leitor a abrir seus horizontes para o entendimento de tradições específicas. Além disso, mesmo em aspectos considerados patriarcais pela própria narrativa, faz-se a presença dos mecanismos de defesa femininos perante situações de opressão.

A resistência feminina presente em *Niketche* (2004) mostra que mesmo em uma sociedade com aspectos que privilegiam os homens, as mulheres encontram interstícios para resistir, e assim posicionarem-se diante de tais mecanismos opressivos. Dessa forma, percebe-se que Paulina Chiziane mostra em sua obra tanto os mecanismos culturais que podem oprimir as mulheres, quanto aqueles que podem as beneficiar. Sobretudo, a autora destaca a força das mulheres para lidar com adversidades e construir seus próprios destinos.

As lições compartilhadas e aprendidas por Rami melhoraram o mundo das mulheres à sua volta e criaram uma esperança de que as novas gerações possam vir a aprimorar ainda o espaço feminino na sociedade. O estreitamento dos laços afetivos, a subversão e insubmissão de Rami são representativas e inspiradoras para todas as mulheres dentro e fora do romance. Ao se libertar, a protagonista de *Niketche* leva consigo suas irmãs de poligamia, suas filhas que observam seu exemplo, bem como a nova geração. Liberta também a Vuyazi, princesa insubmissa da fábula moçambicana. E ao libertar Vuyazi e a si mesma, Rami liberta também a todas nós.

A oralidade oferecida por Paulina Chiziane em *Niketche: uma história de Poligamia* (2004) em conjunto com a narrativa em primeira pessoa proporciona uma leitura íntima, como se o leitor estivesse a falar com a personagem. Ou seria a própria escritora? A teoria literária nos alerta que é necessário separar a obra do artista, mas nem sempre isso é possível. Tal qual Conceição Evaristo é por muitas vezes chamada de Ponciá Vicêncio e orgulha-se de ser vinculada à sua criação, a leitura de *Niketche* (2004) oferece tamanha intimidade entre leitor e narrador, que gera a dúvida de quem estaria a falar, Rami ou Chiziane.

A escrita moçambicana é capaz de ilustrar uma tradição de muitas autoras do continente africano, provenientes de diversas etnias. Chiziane (2013, p. 359) explica que a contação de histórias e a literaturas foram, tradicionalmente, hábitos das mulheres. As mulheres sábias de suas aldeias possuíam a habilidade e o hábito de contar histórias para a comunidade, como forma de

socialização, principalmente dos pequenos. O colonialismo tentou suprimir tal característica, mas bem como tantas outras abordadas nesta pesquisa, a tradição moçambicana pode resistir. Neste caso, representada e compartilhada para além da terra moçambicana, pela literatura de Paulina Chiziane.

Nesse âmbito, o que se destaca é a experiência oferecida pela obra, que por meio da escrita em forma de conversa traz tantas lições e aprendizados. Bem como as histórias contadas em volta da fogueira, *Niketche* nos passa lições. Lições de compaixão, irmandade, fraternidade, respeito à diversidade e muitas outras. Com isso, o que se pode tirar da obra de Paulina Chiziane, para além de sua riqueza literária, cultural e histórica, é a gratidão de poder fazer parte dessa obra, pois a história de Rami, Julieta, Luísa, Saly e Mauá também oferece um espaço para o interlocutor. Até porque, as teorias literárias também afirmam que depois de finalizada a escrita, o autor não é mais o seu detentor, ele passa a compartilhar com todos nós, o que fica claro, seria uma das principais intenções de Paulina Chiziane.

A riqueza literária, cultural, histórica e representativa de *Niketche* (2004) oferece um leque imensurável de abordagens e interpretações. A construção da história transcende o universo literário de modo que alcance outras formas de saberes. A leitura da obra de Chiziane pode gerar frutos em inúmeras áreas do âmbito acadêmico, bem como em contextos informais. Neste, desperta-se a emoção, a identificação e a partir do tom de oralidade, a retomada da contação de histórias. Naquele, possibilita-se análises no campo da história, em especial à africana, diversas vertentes do feminismo, nas quais aspectos de raça, classe e sociedade são considerados, no estudo da filosofia, ao partir das reflexões da narradora e seu constante fluxo de consciência. Essa afirmação parte da experiência de que ao se trabalhar com *Niketche* (2004), é necessário se fazer concessões. Mesmo com recortes, uma pesquisa que busque contemplar todas as questões relacionadas aos aspectos culturais e de gênero corre o risco de se tornar uma enciclopédia.

Como pesquisadora, ousou afirmar, sem qualquer ressalva, o nível de envolvimento que o romance nos oferece. A obra vai se delineando em conjunto com a personagem principal e com as reações diante da leitura. Estudar *Niketche* (2004) está longe de ser um trabalho penoso. Pelo contrário, a escrita de Chiziane proporciona um sentimento de acolhimento e compreensão. A construção das personagens imperfeitas e inconstantes mostram lições para nós mulheres, que por muitas vezes buscamos alcançar a perfeição e padrões que nos são impostos. A desconstrução da rivalidade feminina no romance, também nos ensina que as qualidades de uma não anulam as de outra. Após tantas leituras, passo a refletir que talvez nunca chegue a absorver o conteúdo total de *Niketche* (2004). Creio que, como todas as grandes produções literárias, a obra precise ser lida e

relida em diferentes momentos da vida para tirarmos diferentes lições e interpretações.

Por isso, encorajo que não apenas a literatura, mas que outras áreas de estudos voltem-se para a bibliografia dessa moçambicana que tanto tem a nos oferecer. As possibilidades são inúmeras e não devem se limitar a pesquisas como esta, encorajo que os estudos das literaturas de autoria feminina, africanas e outras marginalizadas tenham continuidade. Como estudiosos, temos o dever de abrir nossos horizontes para além do cânone literário e cultural, para assim, disseminar outras formas de cultura.

Por fim, torço para que os estudos da obra de Paulina Chiziane, e não apenas *Niketche* (2004) tenham continuidade. Espero que outras estudiosas conheçam e identifiquem-se com histórias como esta aqui trabalhada. Desejo que novos horizontes sejam abertos para pesquisadoras mulheres, negras, e pessoas marginalizadas de muitas outras formas. Almejo que outras Ramis encontrem e libertem a si mesmas, pois nosso caminho para resistência está apenas começando. E não paramos por aqui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **The danger of a single story**. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Acesso em: 25/02/2019

ALBUQUERQUE, Soraya do Lago. **O patchwork literário de Paulina Chiziane e Toni Morrison: um estudo comparativo entre Beloved em Niketche: Uma história de poligamia e Beloved** - Universidade Federal de Mato Grosso, 2014.

ALVES, Branca & PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ARAUJO, ERIKA TONELLI E. **Um olhar sobre a cultura e sociedade em Moçambique: A ficção e a realidade em "Niketche: uma história de Poligamia**. UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ARARAQUARA, Araraquara Biblioteca Depositária: UNESP,2009.

ASHCROFT et. al (org.). **Post-Colonial Transformation**. London: Routledge, 2001.

ASHCROFT et. al (org.). **The Empire Writes Back**. London: Routledge, 1989.

ASHCROFT et. al (org.). **The Post-Colonial Studies Reader**. London: Routledge, 1995.

BARZOTTO, Leoné Astride. **Violência e resistência: Olhares oblíquos sobre a literatura de Moçambique** in BONNICI, Thomas. **Resistência e Intervenção nas Literaturas pós-coloniais**. Maringá: Eduem, 2009.

BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BHABHA, H. K. **The Location of Culture**. London: Routledge, 1994.

BHABHA, K. Homi. **A questão do “outro” diferença, discriminação e o discurso do colonialismo** in HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.) **Pós-Modernismo e Política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

BILA, Josué. **Direitos Humanos em África: Questões Moçambicanas**. São Paulo: Livre Expressão, 2013

BIROLI, Flávia & MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e Política**. São Paulo: Boitempo, 2014

BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lucia Ozana (org.) **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009.

BRAH, A. **Cartographies of diaspora: Contesting identities**. London: Routledge, 2005

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: Identidades, Colonialismo e Libertação**. - São Paulo: Unesp, 2009.

CAMÕES, Instituto da Cooperação e da Língua. Portugal, 2013. Escritores Paulina Chiziane e UngulaniBa Ka Khosa Condecorados. Disponível em: <https://www.institutocamoes.pt/sobre/comunicacao/noticias/paulina-chiziane-e-ungulani-ba-ka-khosa-condecorados>. Acesso em: 25/02/2019

CHIZIANE, Paulina. **Balada de amor ao vento**. 2ª ed. Lisboa (Portugal): Editorial Caminho, 2003

CHIZIANE, Paulina. **Eu, mulher...Por uma nova visão de mundo** - Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Vol. 5, nº10, Abril de 2013.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CIRÍACO, Maria Inês Francisca. **Moçambique Multicultural e Multilinguístico: Um estudo de Niketche: uma história de poligamia**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

COLLETI, Letícia Rohrer. **Poligamia, poder e representações sociais em Niketche, de Paulina Chiziane**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/29984637-Poligamia-poder-e-representacoes-sociais-em-niketche-de-paulina-chiziane-leticia-rohrer-colleti.html> Acesso em: 25/02/2019

COMUM, Casa. <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=07210.090.000> Acesso em: 25/02/2019

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução: Sandra Castello Branco – São Paulo: Unesp, 2005.

EAGLETON, Terry. **Depois da Teoria**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Ed. 1, 2016.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. / Trad. José Laurênio de Melo –Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

FERREIRA, A. M.. **Paulina Chiziane: a poesia da prosa**. In M. G. Miranda & C. L. T. Secco (Eds.), **Paulina Chiziane: Vozes e Rostos femininos de Moçambique** (pp. 85-96). Curitiba (Brasil): Editora Appris. 2013

GELEDÉS, Instituto da Mulher Negra. Paulina Chiziane: "**Não volto a escrever. Basta!**" 2016. Disponível em <https://www.geledes.org.br/paulina-chiziane-nao-volto-escrever-basta/>. Acesso em: 25/02/2019

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na Pós-modernidade/** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 10ª ed. Editora DP&A, São Paulo, 2005.

HALL, Stuart. Da diáspora: **Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOOKS, bell. **Ain't I a Woman** - Londres, UK: Pluto Press 3ª ed., 1990.

HOOKS, bell. **Feminism is for everybody: passionate politics** - Cambridge, MA: South End Press, 2000.

HONWANA, Alcinda Manuel. **Espíritos Vivos, Tradições Modernas: Possessão de Espíritos e Reintegração Social Pós-Guerra no Sul de Moçambique**. Trad. Orlanda Mendes. Ed. PROMÉDIA, 2002.

Kaczorowski, J., & Fujisawa, M. (2016). **Literatura e sociedade em Moçambique: breve panorama histórico**. Cadernos CERU, 27(2), 171-184. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/125082> Acesso em: 25/02/2019.

KATRAK, Ketu H. **Politics of the Female Body: Postcolonial Women Writers of the Third World**. Londres: RutgersUniversity Press, 2006.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e Escritas nas Literaturas Africanas**. 2ª edição. Lisboa: Colibri, 2014.

LITERATURA, Portal da. **Paulina Chiziane**. Disponível em: <https://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=2335>. Acesso em 25/02/2019

MANJATE, Rogério. **Entrevista Paulina Chiziane**. 2002. Disponível em: <http://passagensliterarias.blogspot.com/2008/01/entrevista-paulina-chiziane.html>. Acesso em: 25/02/2019.

MATA, Inocência. **Paulina Chiziane e a exposição de um “ossário de interioridades mortais”**. In: MIRANDA, Maria Geralda; SECCO, Carmem Lúcia Tindó (Orgs.). **Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique**. Curitiba: Appris Ltda, 2013

MENESES, Maria Paula. **O Passado não Morre: a permanência dos espíritos na história de Moçambique**, in Santos, Boaventura de Sousa et ali (orgs.), **Repressão e Memória Política no Contexto Ibero-Brasileiro: estudos sobre Brasil, Guatemala, Moçambique, Peru e Portugal**. Brasília: Ministério da Justiça, Comissão de Anistia; Coimbra: Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais. 152-184, 2010

MIRANDA, Maria Geralda e SECCO, Carmen Lúcia Tindó. **Paulina Chiziane: Vozes e Rostos femininos de Moçambique**. Curitiba: Editora Appris, 2013

MOÇAMBIQUE, Portal do Governo. **História de Moçambique**. Disponível em: <http://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Mocambique/Historia-de-Mocambique> Acesso em 25/02/2019

MOHANTY, Chandra Talpade. *Boundary 2* Vol. 12/13, Vol. 12, no. 3 - Vol. 13, no. 1, *On Humanism and the University I: The Discourse of Humanism* (Spring - Autumn, 1984), pp. 333-358

MOHANTY. Chandra Talpade. **Third World Women and the Politics of Feminism**. EUA: Indiana University Press, 1991

MOREIRA, Terezinha Taborda. **O vão da voz: a metamorfose do narrador na ficção moçambicana**. Minas Gerais: PUC-Minas, 2005.

NDJIRA, Editora. **Paulina Chiziane**. 2010. Disponível em: <http://editora-ndjira.blogspot.com/2010/04/paulina-chiziane.html>. Acesso em: 25/02/2019.

NOA, Francisco. **Império, Mito e Miopia: Moçambique como invenção literária**. São Paulo: Kapulana, 2015.

PAÍS, O. **Brasil rende-se à escrita de Paulina Chiziane**. 2018. Disponível em: <http://opais.sapo.mz/brasil-rendese-a-escrita-de-paulina-chiziane>. Acesso em: 25/02/2019

PETERSEN, Kirsten Holst. **First Things First: Problems of a Feminist Approach to African Literature**. In: ASHCROFT *et al.* **The Post-colonial studies reader**. Londres: Routledge, 2003.

PINTO, Noely Dos Santos. **A Resistência Feminina em Niketche: Uma História De Poligamia e em A Cor Púrpura**. Mestrado Em Letras Instituição De Ensino: Universidade De Marília, Marília Biblioteca Depositária: Zilma Parente De Barros, 2015.

QUIVE, Eduardo. **Paulina Chiziane: o símbolo feminino na literatura moçambicana**. 2009. Disponível em: http://bu.furb.br/sarauEletronico/index.php?option=com_content&task=view&id=213. Acesso em: 25/02/2019

SANTOS, WALTECY ALVES DOS. **A voz feminina na literatura de ascendência africana: hibridismo de mitos e ritos nos romances Niketche de Paulina Chiziane e A cor púrpura de Alice Walker.** Mestrado em LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: PUC SP, 2009.

SILVA, Meyre Ivone Santana da. **Dancing in the Mirror: Performing Postcoloniality in Niketche: Uma História de Poligamia.** Transnational Literature Vol. 9 no. 2, May 2017. Disponível em: <http://fhrc.flinders.edu.au/transnational/home.html>, Acesso em: 25/02/2019.

SILVA, Teresa Maria da Cruz. **Moçambique: um perfil.** 2019. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/emancipa/gen/mozambique.html>. Acesso em: 25/02/2019

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo.** - ed. 9ª. - Belo Horizonte: Autêntica, 2005

STEINBERG, Shirley R. **Multi/Intercultural conversations: a reader.** Nova Iorque (EUA): Peter Lang Publishing, Inc. 2001

ZAMPARONI, Valdemir. **De escravo a cozinheiro: colonialismo & racismo em Moçambique.** 2ª ed. - Salvador: EDUFBA: CEAO, 2012

APÊNDICE

LISTA DE TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE AS OBRAS PAULINA CHIZIANE

ABREU, Denise Borille de. **Nós também vamos à luta: os efeitos da guerra sobre as mulheres nas obras de Letícia Wierzchowski, Lídia Jorge e Paulina Chiziane.** In: Anais do III Colóquio Mulheres em Letras/ I Encontro Nacional Mulheres em Letras, 2011.

ADÃO, Deolinda M. **Novos espaços do feminino: uma leitura de Ventos do Apocalipse de Paulina Chiziane.** In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. A mulher em África. Vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri, 2007.p.199-207.

AFONSO, Ana Lidia da Silva. **Buscando outro significado para Eva: a representação do feminino na escrita de Paulina Chiziane.** In: II Congresso de Letras da UERJ - São Gonçalo, 2005, São Gonçalo. Anais do II CLUERJ-SG. Rio de Janeiro: Botelho - Editora, 2005. v.Único.

AGUIAR, Rafael Hofmeister de; CONTE, Daniel. **De África, de Áfricas e outros silenciamentos: da tradição oral à materialidade ficcional de Paulina Chiziane.** Signo (UNISC. Online), v. 39, p. 127-150, 2014.

ALBUQUERQUE, Soraya do Lago. **O Patchwork literário de Paulina Chiziane e Toni Morrison: um estudo comparativo entre Niketche: uma história de poligamia e Beloved.** (Dissertação Mestrado em Estudos de Linguagem). Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, 2014.

ALBERGARIA ROCHA, Enilce do Carmo. **O Delírio Coutumier em Édouard Glissant: Uma abordagem do romance "O Sétimo Juramento", de Paulina Chiziane.** In: Enilce Albergaria Rocha; Cláudia Lahni; Ignácio José Godinho Delgado; Elizete M. Menegat; Danúbia Andrade. (Org.). Culturas e Diásporas Africanas. 1ª ed., Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009, v. , p. 37-54.

ALÓS, Anselmo Peres. **O romance de autoria feminina em Moçambique: Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane.** Dossiê, TODAS AS LETRAS T, v. 14, n. 2, 2012.

ARAUJO, Erika Tonelli de. **Um olhar sobre a cultura e sociedade em Moçambique: a ficção e a realidade em Nickette: uma História de Poligamia, de Paulina Chiziane.** (Dissertação Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, 2009.

BEZERRA, Rosilda Alves. **Estratégias do feminino e identidade de gênero na ficção de Paulina Chiziane.** In: Antonio de Paduas Dias da Silva; Maria Goretti Ribeiro. (Org.). Rumos dos estudos de gênero e de sexualidades na agenda contemporânea. 1ª ed., Campina Grande: EDUEPB, 2013, v. 1, p.189-202.

BEZERRA, Rosilda Alves. **Identidades sociais e sujeitos deslocados em Balada de amor ao vento de Paulina Chiziane.** In: VI Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades, 2010, Campina Grande. Colóquio Nacional Representações de Gêneros e de Sexualidades. Campina Grande: REALIZE, 2010. v. 1. p.1-8.

BEZERRA, Rosilda Alves. **O entre-lugar e os conflitos ideológicos nas narrativas de Chinua Achebe e Paulina Chiziane.** In: XIII Congresso Internacional da ABRALIC, 2013, Campina Grande. Internacionalização do Regional. Campina Grande: REALIZE, 2013. v. 1. p.1-10.

BEZERRA, Rosilda Alves; DUARTE, Zuleide. **A mulher moçambicana e sua relação com a guerra em Ventos do apocalipse, de Paulina Chiziane.** Mulemba, v. 1, p. 84-98, 2014.

BEZERRA, Rosilda Alves; GERMANO, Patricia Gomes. **Abandono e errância: a busca identitária em Léonora Miano e Paulina Chiziane.** A Cor das Letras (UEFS), v. 12, p. 199-222, 2011.

BOTOSO, Altamir; DOCA, Heloisa Helou; GIANINI, Elaine Aparecida Prado. **Vozes femininas na literatura moçambicana: Paulina Chiziane, Noémia de Souza, Lina Magaia, Lilia Momplé.** In: Altamir Botoso. (Org.). Metamorfoses Narrativas: estudos de textos de ficção. 1ª ed., Bauru: Canal 6, 2014, v. 1, p.133-159.

BOTOSO, Altamir; PIOLA, R. P. F. . **A construção do espaço no romance Nikette: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane.** In: Altamir Botoso; Heloisa Helou Doca.

(Org.). Estudos de Literatura Africana Contemporânea. 1ª ed., Bauru: Canal 6, 2012, v. 1, p. 143-178.

BRAGA, Samantha Simões. **Na dança das convenções: uma leitura do romance Niketche - uma história de poligamia, de Paulina Chiziane.** Labirintos (UEFS), v. 2, p. 6-12, 2007.

BRAUN, Ana Beatriz Matte. **Multiculturas, pluralidades, poligamia: o contexto da literatura moçambicana e Niketche, de Paulina Chiziane.** Eletras (UTP), v. 16, p. 1-16, 2008.

CARMO, Igor Fernando Xanthopulo. **Dimensões do herói moçambicano em As Andorinhas de Paulina Chiziane.** (Dissertação Mestrado em Letras). Universidade de São Paulo, USP, 2015.

CAVALCANTE, Scheilla Graziella Cayô. **O feminino na escrita literária de Paulina Chiziane.** (Dissertação Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas, 2014.

CESAR, Rafael Domingues Lenz. **Mulheres negras, sexualidades e a herança das relações coloniais: nuances reveladas em Balada de Amor ao Vento, de Paulina Chiziane, e O Olho mais Azul, de Toni Morrison.** Mulemba, v. 2, p. 1-12, 2010.

CESAR, Rafael Domingues Lenz. **Mulheres negras e o paradigma colonial: afetividades, sexualidades e outros exercícios revelados em Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane, e O olho mais azul, de Toni Morrison.** In: Anais eletrônicos do Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010.

CESÁRIO, Irineia Lina. **Niketche: a dança da criação do amor poligâmico.** (Dissertação Mestrado em Literatura e Crítica Literária). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2008.

CESÁRIO, Irineia Lina. **Ventos do Apocalipse, de Paulina Chiziane e Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: Vivências Femininas, Laços Africanos em Vivências Femininas.** (Tese Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, USP, 2013.

CESÁRIO, Irineia Lina. **Niketche: performance e diálogos femininos**. NGUZU: Revista do Núcleo de Estudos Afro-Asiáticos, v. 2, p. 30, 2012.

CHAVES, Leocádia Aparecida. **Às margens da nação moderna em Ventos do Apocalipse de Paulina Chiziane**. (Dissertação Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas, 2010.

CHAVES, Rita. **Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa**. São Paulo: Alameda, 2006.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. São Paulo: Ateliê, 2006.

CORRÊA, Eloísa Porto. **A trajetória descendente do Amante Viciado, Tirano, Sádico e Manipulador em Niketche, de Paulina Chiziane**. Cadernos do CNLF (CiFEFil), Rio de Janeiro, v. IX, n.2, p. 47-64, 2005.

COSTA, Eliane Gonçalves da. **De mitos e silêncios: nas águas do feminino pelos romances de Paulina Chiziane**. (Tese Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, 2014.

COSTA, Eliane Gonçalves da. **Cartografias de Moçambique no Romance Niketche: uma história de poligamia de Paulina Chiziane**. In: IV Encontro de professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, 2010, Ouro Preto. África: dinâmicas culturais e literárias, 2010.

COSTA, Maria Gabriela. *Gurué, gurué – A saga das mulheres em O alegre canto da perdiz, de Paulina Chiziane*. Maceió: mimeo, 2010.

COSTA, Pollyana dos Santos Silva. **Assimilação, identidade e memória na obra O alegre canto da perdiz, de Paulina Chiziane**. (Dissertação Mestrado em Literatura). Universidade de Brasília, UnB, 2013.

COSTA, Pollyana dos Santos Silva. **A mulher moçambicana e a assimilação na obra de Paulina Chiziane**. Seminário Mulher e Literatura, v. 1, p. 2025/193-2034, 2011.

COSTA, Renata Jesus da. **Subjetividades femininas: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Paulina Chiziane.** (Dissertação Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC SP, 2008.

COSTA, Renata Jesus da. **Personagens femininas negras nas obras de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo Brito e Paulina Chiziane.** In: Valter Roberto Silério; Regina Pahim Pinto e Fúlia Rosemberg. (Org.). *Relações raciais no Brasil: pesquisas contemporâneas.* São Paulo: Contexto, 2011, v. 1, p. -.

COSTA, Renata Jesus da. **Subjetividades femininas: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Paulina Chiziane.** (Dissertação Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2008.

COSTA, Rosilene Silva da. **Ventos do apocalipse: ventos de mudança em tempos de pós.** (Dissertação Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2009.

COSTA, Rosilene Silva da. **Narrador-contador ou contador-narrador, quem adjetiva quem em Ventos do apocalipse de Paulina Chiziane?.** Boitatá, v. 1, p. 048-060, 2012.

COSTA, Rosilene Silva da. **A diversidade cultural na obra O sétimo juramento de Paulina Chiziane.** In: *Coloquio Nacional a pesquisa em Letras e Linguística em tempos de pós...*, 2007. *A pesquisa em letras e Linguística em tempos de pós* Porto Alegre:Jadeditora,2007. p. 353-358.

DANTAS, Luciana Neuma Silva Muniz Meira. **Identidade da mulher moçambicana nas obras de Noémia de Sousa e Paulina Chiziane.**(Dissertação Mestrado em Literatura e Interculturalidade). Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, 2011.

DAVID, Débora Leite. **O desencanto utópico ou o juízo final: um estudo comparado entre A costa dos murmúrios, de Lídia Jorge, e Ventos do apocalipse, de Paulina Chiziane.** (Tese Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, USP, 2011.

DAVID, Débora Leite. **Resenha: Chiziane, Paulina. O alegre canto da perdiz.** Lisboa: Editorial Caminho, 2008. *Navegações*, v. 2, p. 178-179, 2009.

DAVID, Débora Leite. **O feminino em dois romances de Lúcia Jorge e Paulina Chiziane.** Revista Crioula (USP), v. 1, p. dossie 1, 2007.

DAVID, Débora Leite. **A narrativa de Paulina Chiziane e o romance moçambicano contemporâneo.** In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tania. (Org.). Passagens para o Índico: encontros brasileiros com a literatura moçambicana. 1ª ed., Maputo, Moçambique: Marimbique, 2012, v. , p. 113-121.

DIOGO, Rosalia Estelita Gregorio. **Paulina Chiziane e Conceição Evaristo: escritas de resistência.** (Tese Doutorado em Letras/Literaturas de Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas, 2013.

DIOGO, Rosalia Estelita Gregorio. **Paulina Chiziane e as relações de gênero em Moçambique.** In: Duarte, Constância Lima. (Org.). Arquivos femininos: literatura, valores, sentidos. 1ª ed., Belo Horizonte: UFMG, 2014, v. 1, p. 8-90.

DIOGO, Rosalia Estelita Gregorio. **As diversas possibilidades de falar sobre o feminino.** In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO Carmem Lucia Tindó. (Org.). Paulina Chiziane: versos e rostos femininos de Moçambique. 1ª ed., Curitiba: Appris, 2013, v. 1, p.361-395.

ENTREVISTA. **Os anjos de Deus são brancos até hoje, entrevista a Paulina Chiziane.** in: Buala. Disponível em: [http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/os-anjos-de-deus-sao-brancos-ate-
hoje-entrevista-a-paulina-chiziane](http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/os-anjos-de-deus-sao-brancos-ate-hoje-entrevista-a-paulina-chiziane). Acesso em: 25/02/2019

ENTREVISTA. *Paulina Chiziane- O ato de colonizar está na mente.* [entrevista concedida a Douglas Freitas e Marcelo Hailer]. Originalmente publicada na Revista Bastião, edição nº18.

FERNANDES, Doralice de Freitas. **Tereza Batista e Rami: uma análise da representação literária do discurso feminino em Jorge Amado e Paulina Chiziane.** (Dissertação Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN,2013.

FERRAZ, Salma, MARTINS, Patrícia, VIEIRA, Márcia (Org.) **Dicionário de Personagens da obra de Paulina Chiziane**. Joinville (SC): Clube dos Autores Publicações S/A, 2019

FERREIRA, Isabel Cristina Rodrigues. **The Dialogue about Racial Democracy among African-American and Afro-Brazilian Literatures**. (Tese Doutorado em Doctor of Philosophy in Romance Languages). University of North Carolina at Chapel Hill, 2008.

FERREIRA, Isabel Cristina Rodrigues. **The Power of Religion in Paulina Chiziane's O Sétimo Juramento**. (Dissertação Mestrado em Master of Arts in Romance Languages). University of North Carolina at Chapel Hill, 2005.

FERREIRA, Isabel Cristina Rodrigues. **Religious Experience in Paulina Chiziane's O sétimo juramento**. In: Asma Sayed. (Org.). *Writing Diaspora: Transnational Memories, Identities and Cultures*. 1ª ed., Oxford: Inter-Disciplinary Press, 2014, v. , p. 141-161.

FERREIRA, Marcia Souto. **A presença estrangeira em Ventos do Apocalipse, de Paulina Chiziane**. *Revista Crioula (USP)*, v. 7, p. 9, 2010.

FORNOS, José Luís Giovanoni. **Universalismos teóricos e diferenças culturais em Ventos do apocalipse, de Paulina Chiziane**. *Antares: Letras e Humanidades*, v. 4, p. 161-171, 2010.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. **A condição feminina em Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane**. (Tese Doutorado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, UFPB, 2012.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. **Balada de amor ao vento: as relações de gênero na ficção de Paulina Chiziane**. *Mulemba*, v. 1, p. 99-109, 2014.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. **Moçambique por Paulina Chiziane**. In: SILVA, Ricardo George de Araújo; FORTES, Fabio da Silva; TAVARES SILVA, Claudia Roberta. (Org.). *Ciências Humanas em Debate*. 1ª ed., Recife: EDUFRPE, 2011, v. 1, p. 218-234.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de (Org.). **Dossiê Literaturas Africanas**. 16. ed., João Pessoa: Ideia, 2014. v. 1. 180 p.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. **Paulina Chiziane: Uma voz de Moçambique**. In: Zuleide Duarte. (Org.). *Áfricas de África*. 1ª ed., Recife: Programa de Pós-Graduação da UFPE, 2005, v. 1, p. 81-87.

GIORGI, Artur de Vargas. **O tempo e o corpo: birutas de ler os "Ventos do Apocalipse" (sobre o romance de Paulina Chiziane)**. Revista todas as letras (MACKENZIE. Online), v. 10, p. 12-18, 2008.

GODOY, Márcia Denise de Oliveira. **As imagens da incestualidade nas narrativas de Mia Couto e Paulina Chiziane**. Sociopoética (UEPB), v. 1, p. 103/2-109, 2008.

GONÇALVES, Adelto. **O feminismo negro de Paulina Chiziane**. In: Passagens para o Índico: encontros brasileiros com a literatura moçambicana, de Rita Chaves e Tania Macêdo (organizadoras). Maputo: Marimbiqwe Conteúdos e Publicações, 2012.

GONÇALVES, Anamélia Fernandes. **Corpos Transfigurados: representações do corpo na ficção de Paulina Chiziane**. (Dissertação Mestrado em Teoria Literária e Crítica da Cultura). Universidade Federal de São João Del-Rei, UFSJ, 2010.

GUIDICINI, Lúcia Marilena. **Feminismo e linguagem**. São Paulo: Edusp, 1987.

HAMILTON, Russel G.. **Niketche - a dança do amor, erotismo e vida: uma criação novelística de tradições e linguagem por Paulina Chiziane**. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. *A mulher em África. Vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Edições Colibri, 2007. p.317-330.

JORGE, Silvio Renato. **Entre guerras e narrativas: percursos da escrita de Paulina Chiziane e Lília Monplé**. In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, CarmenLuciaTindó. (Org.). *Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos em Moçambique*. 1ª ed., Curitiba: Appris, 2013, v. 1, p. 217-228.

KRISTEVA, Julia. **A mulher escritora em África e América Latina**. Lisboa: Num, 1999.

KÜTTER, Cintia Acosta. **Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane, um romance de formação refletido em corpo feminino.** (Dissertação Mestrado em Estudos Literários). Universidade Federal Fluminense, UFF, 2013.

KÜTTER, Cintia Acosta. **A presença da mulher moçambicana em O sétimo juramento e Niketche, de Paulina Chiziane.** Graphos (João Pessoa), v. 16, p. 7-20, 2014.

KÜTTER, Cintia Acosta. **Novos espaços de formação: balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane, um bildungsroman feminino.** In: Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco e Maria Geralda de Miranda. (Org.). Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique. 1ª ed., Curitiba: Appris, 2013, v. 1, p. 137-150.

KÜTTER, Cintia Acosta. **Os ritos de iniciação em Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane.** In: Roberta Guimarães Franco; Otávio Henrique Meloni; Ivan Takashi Kano. (Org.). A mesma palavra outra. Ensaios sobre literatura portuguesa e literaturas africanas de língua portuguesa. Niterói: Vício de leitura, 2011, v. 1, p. 145-158.

LARANJEIRA, Pires. **A negritude africana de língua portuguesa.** Porto: Afrontamento, 1995.

LEITE, AnaMafalda. **Oralidades e escritas nas literaturas africanas.** Lisboa: Edições Colibri, 1998.

LIMA, Denise Maria Soares. **Rami: a mulher, a realidade e a trajetória na narrativa de Paulina Chiziane.** Revista Mulheres e Literatura, v. 14, p. 1-3, 2015.

LIMA, Tânia Maria de Araújo. **Peles negras - máscaras feiticeiras em Paulina Chiziane.** In: 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero 2012. Editora UFPB, 2013. v. 1. p.1-11.

LINS, Cleuma Regina Ribeiro da Rocha. **Oralidade e polifonia em Niketche, uma estória de poligamia, de Paulina Chiziane: construção e afirmação da identidade feminina e cultural de Moçambique.** (Dissertação Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, UFPB, 2009.

LOPES, Armando José; SITOIE, Salvador Júlio; NHAMUENDE, Paulino José (orgs). **Moçambicanismos: para um léxico dos usos do português moçambicano**. Maputo: Ed. Universitária, 2002.

MACÊDO, Tania; MAQUÊA, Vera. **Literaturas de língua portuguesa – Moçambique**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

MATA, Inocência. **O sétimo juramento, de Paulina Chiziane – uma alegoria sobre o preço do poder**. In: SCRIPTA. Belo Horizonte, v4, n.8,p.187-191.

MATA, Inocência. **Paulina Chiziane: uma coletora de memórias imaginadas**. In: Metamorfoses 1. Rio de Janeiro: Cosmos, 2000,p.135-142.

MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. **A mulher em África. Vozes de uma margem sempre presente**. Lisboa: Edições Colibri,2007.

MENDONÇA, M. D.; BOTELHO, Amara Cristina de Barros e Silva. **A escrita da mulher em Balada do amor ao vento de Paulina Chiziane**. In: XI Encontro sobre o ensino de língua e literatura, 2013, Olinda. XI Encontro sobre o ensino de Língua e Literatura. Recife: Pipa Comunicação, v. 1,2013.

MENDES, Algemira de Macêdo; CIARLINI, D. C. B.. **O pós-colonialismo no Canto Alegre da Perdiz, de Paulina Chiziane**. Contexto: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras, v. 26, p. 7-15,2014.

MENDES, Algemira de Macêdo; LINS, M.. **Niketche, a Polygamy Story, by Paulina Chiziane, and the writing of oneself**. In: Marleide Lins. (Org.). IDENTIDADES E DIVERSIDADE CULTURAL: etnia e gênero. 1ª ed., LISBOA: CEIPHAR / ITM, 2014, v. 1, p. 7-22.

MENDES, Algemira de Macêdo; SANTOS, A. R. N.. **Niketche uma história de poligamia, de Paulina Chiziane: o discurso da alteridade**. In: Anais do I Encontro nacional de Ficção, Discurso e Memória: Literatura, cinema, gêneros digitais e outros gêneros. São Luis: EDUFMA, 2014. v. 1. p. 175-181.

MENDES, Marli Maria. **Abraço Utópico entre Logos e Sofia na Produção Literária de Paulina Chiziane.** (Tese Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas, 2009.

MIRANDA, Maria Geralda de; AVELAR, K. E.. **Reflexões sobre Gênero a partir da escrita de Paulina Chiziane.** Mulemba, v. 1, p. 77-85, 2014.

MIRANDA, Maria Geralda de. **A África e o feminino em Paulina Chiziane.** Mulemba, v. 1, p. 30-35, 2010.

MIRANDA, Maria Geralda de. **O alegre canto da perdiz, de Paulina Chiziane.** O Marrare (Online) (Rio de Janeiro), v. 1, p. 222-226, 2010.

MIRANDA, Maria Geralda de. **Questões de gênero e inclusão social em Paulina Chiziane.** In: Maria Geralda de Miranda; Carmen Lucia Tindó R. Secco. (Org.). Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique. 1ªed. Curitiba: APPRIS, 2013, v. 1, p. 193-202.

MIRANDA, Maria Geralda de. **Mito e história: articulações entre Pepetela, Mia Couto e Paulina Chiziane.** In: IV Painel “Reflexões Sobre o Insólito na Narrativa Ficcional”: Tensões entre o sólito e o insólito. Rio de Janeiro: Publicações Dialogarts, 2008. v. 1. p. 1-48.

MOREIRA, Terezinha Taborda. **Escrita e performance na literatura moçambicana.** Belo Horizonte: Scripta, v.4, n.8, 2001, p.250-257.

MOREIRA, Terezinha Taborda. **O trânsito da memória.** Belo Horizonte: Scripta, v.7, n.13, 2003, p.356-367.

MOREIRA, Terezinha Taborda. **O vão da voz. A metamorfose do narrador na ficção moçambicana.** Belo Horizonte: Ed. PUC-Minas, 2005.

MOREIRA, Terezinha Taborda. **Tempo e história na narrativa moçambicana.** In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmen Lucia Tindó.. (Org.). Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique. 1ª ed., Curitiba: Appris, 2013, v. 1, p. 263-284.

NAPIDO, Pedro Manuel. **Análise do texto da entrevista à Paulina Chiziane pelo Maderazinho.** Boletim - Instituto Camões, 2014.

NASCIMENTO, Heloísa. **Com quantos retalhos se faz um quilt? – costurando a narrativa de três escritoras contemporâneas.** (Tese Doutorado em Letras). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ,2008.

NASCIMENTO, Heloísa. **O Novo e o antigo: ponderações sobre o enredamento das estórias de Paulina Chiziane na tessitura pós-colonial.** In: X Congresso Internacional da ABRALIC, 2006, Rio de Janeiro. Lugares do Discurso: anais do X Congresso Internacional da Abralic (CD-ROM),2006.

NASCIMENTO, Luciana Alberto. **A dança das contradições em Niketche - uma história de poligamia, de Paulina Chiziane.** (Dissertação Mestrado em Estudos Literários). Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT,2011.

NASCIMENTO, Luciana Alberto. **Mulheres de Moçambique: Impressões subversivas no Romance Niketche de Paulina Chiziane.** Revista Athena, v. 1, p. 7, 2011.

OLIVEIRA, Jurema José de. **Paulina Chiziane e a história da poligamia.** In: Julia Almeida; Adélia Miglievich - Ribeiro; Heloisa Toller. (Org.). Paulina Chiziane e a história da poligamia. 1ª ed., Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, v. 1, p.176-185.

OLIVEIRA, Jurema José de. **Alda Lara, Noémia de Sousa, Ana Paula Tavares, Vera Duarte, Paulina Chiziane, Alda Espírito Santo e Odete Semedo.** In: I Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades: ensino, pesquisa e crítica, 2014, Vitória. Anais do Congresso Africanidades e Brasilidades. Vitória: 2012. v. 1. p. 1-8.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Capulanas e vestidos de noiva. Leitura de romances de Paulina Chiziane.** Desenredo (PPGL/UPF), v. 1, p. 53-63, 2005.

PADILHA, Laura Cavalcante; TINDÓ, Carmen Lúcia; MIRANDA, Maria Geralda de Miranda. **Capulanas e Vestidos de Noiva. Leitura de Romances de Paulina Chiziane.** In: Maria Geralda de Miranda; Carmen Lúcia Tindó Secco. (Org.). Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique. 1ª ed., Curitiba: Editora Appris, 2013, v. 1, p. 161-176.

PEREIRA, Ianá Souza. **Vozes femininas de Moçambique.** (Dissertação Mestrado em Letras). Universidade de São Paulo, USP,2012.

PEREIRA, Ianá Souza. **Paulina Chiziane: na literatura e na guerra**. Revista Curupira: revista do Grupo de Estudos Lusófanos, Porto, Portugal, p. 83 - 90, 1 set. 2014.

PEREIRA, Ianá Souza. **Mulheres ao vento: a identidade social feminina em um romance moçambicano**. Boletim Academia Paulista de Psicologia, São Paulo, p. 179 - 193, 1 jun. 2013.

PERUZZO, Lisângela Daniele. **De armas e de palavras: um estudo comparado da temática da guerra em Terra Sonâmbula, de Mia Couto, e Ventos do apocalipse, de Paulina Chiziane**. (Tese Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa). Universidade de São Paulo, USP, 2011.

PRIMI, Juliana. **Entre dois mundos: a loucura feminina em A Louca de Serrano, de Dina Salústio e O Alegre Canto da Perdiz, de Paulina Chiziane**. (Tese Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, USP, 2013.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. **As inscricuras do verbo: dizibilidades performáticas da palavra poética africana**. (Tese Doutorado em Teoria da Literatura). Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, 2007.

QUINTILHANO, Silvana Rodrigues. **Práticas e táticas do cotidiano na obra Niketche, de Paulina Chiziane**. In: X Congresso Internacional da ABRALIC, 2006, Rio de Janeiro. X ABRALIC. Rio de Janeiro: v. 10, 2006

REGIS, Marileia do Nascimento. **Tradição e Modernidade em Balada de Amor ao Vento de Paulina Chiziane**. (Monografia Graduação em Letras). Centro Universitário Augusto Motta, UNISUAM, 2010.

REGIS, Marileia do Nascimento. *Tradição e Modernidade em Balada de Amor ao Vento de Paulina Chiziane*. Revista Augustus (Rio de Janeiro. Impresso), 2010.

REGIS, Marileia do Nascimento. **Niketche: poligamia ou adultério?** Revista augustus (UNISUAM. Online), 2009.

RESENDE, Adelaine La Guardia; GONÇALVES, Anamélia Fernandes. **Corpos transfigurados: uma análise do corpo mestiço em O Alegre Canto da Perdiz de Paulina Chiziane.** *Ipotesi* (UFJF. Impresso), v. 14, p. 215-226, 2010.

ROBERT, Badou Koffi. **A consciência da subalternidade: trajetória da personagem Rami em Niketche de Paulina Chiziane.** (Dissertação Mestrado em Letras). Universidade de São Paulo, USP, 2010.

ROCHA, Cleuma Regina Ribeiro da. **Oralidade e Polifonia na Construção da Identidade Linguística e Cultural Moçambicana em Niketche, uma história de poligamia.** (Dissertação Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, UFPB, 2009.

ROSÁRIO, Lourenço do. **Moçambique: história, culturas, sociedade e literatura.** Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

ROSSI, Érica Alves. **A questão do feminino e a reconfiguração da moçambicanidade em Balada de Amor ao Vento.** *Palimpsesto* (Rio de Janeiro. Online), v. 11, p. 1-16, 2010.

SANTANA, Patrícia Maria dos Santos. **O super-homem calcificado no Éden da praça. O Marrare** (Online) (Rio de Janeiro), v. 14, p. 75-100, 2010.

SANTOS, Alexsandra Machado da Silva dos. **Poética da negociação cultural em Paulina Chiziane e Mia Couto.** (Tese Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2013.

SANTOS, Alexsandra Machado da Silva dos. **“Ventos do apocalipse”: conexões entre a guerra e a esperança.**In: XI Encontro Regional da ABRALIC –“Literaturas, Artes, Saberes”,2007.

SANTOS, Cristina Mielczarski; PRZYBYLSKI, Mauren Pavão. **Memória e magia em O Sétimo Juramento, de Paulina Chiziane.** *Revista Contexto - Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo*, v. 26, p. 22-40, 2014.

SANTOS, Cristina Mielczarski. **A presença da voz em Niketche, de Paulina Chiziane.** Nau Literária (UFRGS), v. 7, p. 1-16, 2011.

SANTOS, Márcia Cristina dos. **História e histórias entrelaçadas pela voz: a narrativa performática em O Alegre Canto da Perdiz, de Paulina Chiziane.** (Dissertação Mestrado em Literatura e Crítica Literária). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 2010.

SANTOS, Thaís Cristina. **Entre a Tradição e a Modernidade: O Sétimo Juramento, de Paulina Chiziane.** Teia literária, v. 3, p. 345-362, 2009.

SANTOS, Tiago Ribeiro dos. **Estórias de vida, cenas de morte: a representação da guerra nas narrativas de Mía Couto e Paulina Chiziane.** RevLet: Revista Virtual de Letras, v. 2, p. 160-180, 2010.

SANTOS, Tiago Ribeiro dos. **Castro Soromenho e Paulina Chiziane: projetos (pós) coloniais.** In: Anais Eletrônicos do II Seminário dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012. p. 382-393.

SANTOS, Tiago Ribeiro dos. **O calvário e o apocalipse na obra de Paulina Chiziane.** In: Anais Eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 9. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero, 2010. p. 1-8.

SANTOS, Waltecy Alves dos. **A voz feminina na literatura de ascendência africana: hibridismo de mitos e ritos nos romances Niketche de Paulina Chiziane e A cor púrpura de Alice Walker.** (Dissertação Mestrado em Literatura e Crítica Literária). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2009.

SANTOS, Waltecy Alves dos. **Niketche de Paulina Chiziane e A cor púrpura de Alice Walker: Intersecções entre escritoras negras contemporâneas.** Revista Desmedida, Universidade de Taubaté, p. 96 - 118, 15 out. 2010.

SANTOS, Waltecy Alves dos. **O outro, o eu: a cama, nas narrativas de Niketche e A cor púrpura.** Revista África e Africanidades, v. 11, p. 1-28, 2010.

SANTOS, Waltecy Alves dos. **Dessacralização do discurso do poder no gênero romance: Niketche de Paulina Chiziane e A cor púrpura de Alice Walker.** Revista de Educação, Gestão e Sociedade, v. 5, p. 01, 2015.

SARAIVA, Sueli da Silva; IANNACE, Ricardo. **Epifanias do feminino em Paulina Chiziane e Clarice Lispector.** In: Anne Begenat-Neuschäfer; Flavio Quintale. (Org.). Vozes femininas de África. Poesia e Prosa. 1ª ed., Frankfurt/Bern/Bruxelles/New: Peter Lang, 2014, v. 1, p. 115-126.

SARAIVA, Sueli da Silva. **O Sétimo Juramento: leitura mítica do poder e da perdição de um fausto moçambicano.** In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmen Lucia Tindó. (Org.). Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique. 1ª ed., Curitiba: Appris, 2013, v. 1, p. 249-262.

SARUBBI, Vera Lúcia Martins. **Paisagens apocalípticas com mulheres e guerra ao fundo.** (Tese Doutorado em Letras). Universidade Federal Fluminense, UFF, 2009.

SARUBBI, Vera Lucia Martins. **A representação da identidade cultural feminina na obra de Paulina Chiziane.** In: XXI Encontro de Professores de Literatura Portuguesa ABRAPLIP, 2007, São Paulo. Revoluções, Diásporas e Identidades, 2007.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro; MIRANDA, Maria Geralda de. (Orgs.). **Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique.** 1ª ed., Curitiba: Appris, 2013.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro; MIRANDA, Maria Geralda de; SANTOS, Thaís Cristina. **O Sétimo Juramento: uma reflexão sobre a mulher e a política em Moçambique.** In: MIRANDA, Maria Geralda de; Secco, Carmen Lúcia Tindó. (Org.). Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique. 1ed. Curitiba: Appris, 2013, v. , p.1-403.

SCHMIDT, Simone Pereira. **Corpo e terra em O alegre canto da perdiz**. In: MIRANDA, Maria Geralda; SECCO, Carmen Lucia Tindó. (Org.). *Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique*. 1ª ed., Curitiba: Appris, 2013, v. , p. 229-247.

SCHMIDT, Simone Pereira. **Paulina Chiziane: para ler Moçambique no feminino**. In: SECCO, Carmen L. Tindó; SEPÚLVEDA, M. Carmo; SALGADO, M. Teresa. (Org.). *África & Brasil: letras em laços vol. 2*. São Caetano do Sul, SP: Yendis, 2010, v. 2, p. 317-329.

SERRA, Carlos (org). **Identidade, moçambicanidade, moçambicanização**. Maputo: Ed. Universitária, 1998.

SILVA, Cândido Rafael Mendes. **Xiboniboni: a metáfora dos espelhos em Niketche, de Paulina Chiziane**. (Dissertação Mestrado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2009.

SILVA, Cândido Rafael Mendes. **José Craverinha e Paulina Chiziane: identidades questionadas, moçambicanidades revisitadas**. in: UEAngola, ensaios.

SILVA, Cândido Rafael Mendes. **Inversões e espelhamentos críticos em Paulina Chiziane, a paródia como recurso especular em Niketche: uma história de poligamia**. *Semioses* (Rio de Janeiro), v. 1, p. 32-48,2010.

SILVA, Franciane Conceição da. **A representação da fome em Ventos de Apocalipse, de Paulina Chiziane**. *Scripta* (PUCMG), v. v.18, p. 237-254, 2014.

SILVA, Manoel de Souza e. **Do alheio ao próprio: A poesia em Moçambique**. São Paulo: Edusp, 1996.

SILVA, Meyre Ivone Santana da. **Narratives of Desire: Gender and Sexuality in Bugul, Aidoo and Chiziane**. (Tese Doutorado em Literatura Comparada). University of Oregon, UO, Estados Unidos, 2013.

SILVA, Rosilene Teodora da. **Memória e história na obra “O alegre canto da perdiz”, de Paulina Chiziane**. (Dissertação Mestrado em Literatura Africana de Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas, 2014.

SILVEIRA, Regina da Costa da. **Condição humana e identidade em Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane**. Desenredo (PPGL/UPF), v. 7, p. 82-90, 2011.

SIQUEIRA, A.; BOTELHO, Amara Cristina de Barros e Silva. **Os perfis femininos em O alegre canto da perdiz de Paulina Chiziane**. Encontro: Revista do Gabinete de Português e Leitura de Pernambuco, Recife, p. 39-48, 15 jul. 2014.

TEDESCO, Maria do Carmo Ferraz. **Narrativas da moçambicanidade. Os romances de Paulina Chiziane e Mia Couto e a reconfiguração da identidade**. (Tese Doutorado em História). Universidade de Brasília, UnB, 2008.

TEDESCO, Maria do Carmo Ferraz. **Representações de práticas familiares camponesas nos romances de Mia Couto e Paulina Chiziane**. In: XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 2011, Salvador Bahia. Diversidades d Desigualdades,2011.

TEIXEIRA, Izabel Cristina dos Santos. **Ecoss feministas na literatura moçambicana contemporânea**. (Tese Doutorado Literatura). Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC,2011.

TEIXEIRA, Izabel Cristina dos Santos. **Elas por ela: algumas mulheres na “dança” de Paulina Chiziane**. Entreletras, Araguaína/TO, v. 3, n. 1, p. 82-91, jan./jul. 2012.

TEIXEIRA, Izabel Cristina dos Santos. **As mulheres de Paulina Chiziane nas narrativas da guerra colonial moçambicana**. In: RISCAROLLI, Eliseu. (Org.). Diversidades: diálogos (im)pertinentes entre educação, literatura e sexualidade. 1ª ed., Curitiba: Editora CVR, 2014, v. 1, p.129-138.

TEIXEIRA, Izabel Cristina dos Santos. **Sarnau e Mwando: o ‘amor’ para além das relações de gênero, em “Balada do amor ao vento”, de Paulina Chiziane**. In: Eliseu Riscarolli; Flávio Camargo Pereira. (Org.). Direitos humanos, democracia e justiça: percepções literárias, jurídicas e filosóficas sobre a diferença. 1ª ed., Curitiba: CVR, 2013, v. 1, p.07-207.

TEIXEIRA, Vanessa Ribeiro. **As mulheres que criam reis uma leitura de Maundlane, o criador, de Paulina Chiziane.** In: Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco; Maria Geralda de Miranda. (Org.). *Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique.* 1ª ed., Porto Alegre: Appris, 2013, v. 1, p. 313-320.

TEOTÔNIO, Rafaella Cristina Alves. **Por uma modernidade própria: O transcultural nas obras Hibisco Roxo de Chimamanda Ngozi Adichie e O sétimo Juramento de Paulina Chiziane.** (Dissertação Mestrado em Literatura e Interculturalidade). Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, 2013.

TEOTÔNIO, Rafaella Cristina Alves. **Ventos do apocalipse a Meio sol amarelo: Enlace entre a tradição e a modernidade nas obras de Paulina Chiziane e Chimamanda Ngozie Adichie.** (Monografia Graduação em Letras). Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, 2010.

TEOTÔNIO, Rafaella Cristina Alves. **As memórias e estórias de Paulina Chiziane e Chimamanda Ngozi Adichie.** In: Marilene Carlos do Vale Melo. (Org.). *Nos caminhos das Literaturas: Práticas Literárias e Culturais.* 1ed. João Pessoa, PB: Editora Universitária da UFPB, 2012, v. 1, p. 7-252.

TEOTÔNIO, Rafaella Cristina Alves. **Por uma modernidade própria: o transcultural nas obras Hibisco roxo, de Chimamanda Ngozi Adichie e O sétimo juramneto, de Paulina Chiziane.** In: *Anais do XIII Congresso Internacional da ABRALIC: Internacionalização do Regional.* Campina Grande, PB: Editora Realize, 2013. v. 1. p. 1-11.

TORRES, Maximiliano Gomes. **Reflexões sobre gênero na narrativa de Paulina Chiziane: uma leitura do conto As cicatrizes do amor.** Mulemba, v. 1, p. 1-12, 2010.

TORRES, Maximiliano Gomes. **Agonia e abandono: as faces de Medéia em As cicatrizes do amor, de Paulina Chiziane.** In: *IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa,* 2010. África: dinâmicas culturais e literárias. Ouro Preto, 2010. p. 103- 104.

VALENTIM, Jorge Vicente. **Entre baladas, danças e cantos: a ficção de Paulina Chiziane**. Teia literária, v. 3, p. 141-154, 2009.

VALENTIM, Jorge Vicente. **Quem não dança, dança (uma leitura de Niketche, de Paulina Chiziane)**. In: Anais do Colóquio Africanas 10. Rio de Janeiro: UFRJ,2004.

VALER, Salete. **Balada de amor ao vento: a enunciação do “eu feminino” em uma sociedade patriarcal e poligâmica**. REVELA - Periódico de Divulgação Científica da FALS, Ano II - Nº 4- Jan/Mai 2009.

VERGER, Pierre. **Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo**. São Paulo: Corrupio, 1981.

VICTORINO, Shirlei Campos. **Paulina Chiziane e Gioconda Belli: vozes confluentes na geografia de uma guerra?** (Tese Doutorado em Literatura Comparada). Universidade Federal Fluminense, UFF,2010.

VICTORINO, Shirlei Campos. **A geografia da guerra em Ventos do Apocalipse de Paulina Chiziane**. In: **Inocencia Mata, Laura Padilha**. (Org.). A mulher em África. Voz de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri, 2007, v. v. 1, p.351-364.

VICTORINO, Shirlei Campos. **Paulina Chiziane e Gioconda Belli: vozes confluentes na geografia de uma guerra**. In: IV Seminário de Literaturas de Língua Portuguesa: Portugal & África, 2004, Rio de Janeiro. Revolução. Revoluções. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2004.